UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

LUIZA CHUVA FERRARI LEITE

O PLANO DE PODER DA IGREJA UNIVERSAL DO REINO DE DEUS:
Estratégias territoriais da expansão neopentecostal no Brasil

Salvador - BA
Abril/2019

LUIZA CHUVA FERRARI LEITE

O PLANO DE PODER
DA IGREJA UNIVERSAL DO REINO DE DEUS:
Estratégias territoriais da expansão neopentecostal no Brasil

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia, da Universidade Federal da Bahia, como requisito para obtenção do título de Mestre em Geografia

Orientador: Prof. Dr. Gilca Garcia de Oliveira

Salvador - BA
Abril/2019

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema Universitário de Bibliotecas (SIBI/UFBA),
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Chuva Ferrari Leite, Luiza
O PLANO DE PODER DA IGREJA UNIVERSAL DO REINO DE DEUS: Estratégias territoriais da expansão neopentecostal no Brasil / Luiza Chuva Ferrari Leite. -- Salvador, 2019.
164 f. : il

Orientadora: Gilca Garcia de Oliveira.
Dissertação (Mestrado - Geografia) -- Universidade Federal da Bahia, Instituto de Geociências, 2019.

1. Neopentecostalismo. 2. estratégias territoriais. 3. Plano de Poder. 4. IURD. I. Garcia de Oliveira, Gilca. II. Título.

TERMO DE APROVAÇÃO

O PLANO DE PODER DA IGREJA UNIVERSAL DO REINO DE DEUS: ESTRATÉGIAS TERRITORIAIS DA EXPANSÃO NEOPENTECOSTAL NO BRASIL

LUIZA CHUVA FERRARI LEITE

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Gilca Garcia de Oliveira
Programa de Pós-Graduação em Geografia, UFBA, Brasil

Prof. Dr. José Antonio Lobo dos Santos
Programa de Pós-Graduação em Geografia, UFBA, Brasil.

Prof. Dr. Tiago Rodrigues Santos
Centro de Formação de Professores (UFRB), Brasil

Aprovada em Sessão Pública de 29 de outubro de 2018.

A Marielle, nossa Mariguela,
que queria ver o resultado desse trabalho
e que eu queria tanto que estivesse por aqui.
Não nos calarão!

AGRADECIMENTOS

Aos professores do POSGEO UFBA, em especial à Gilca pela orientação, à Guiomar pelo cuidado e atenção desde o início e ao Antonio Lobo pelas trocas ao longo da pesquisa e participação nas bancas. Aos professores Ricardo Mariano pela participação na banca de qualificação e a Tiago Santos, pelas contribuições fundamentais e presença nas bancas finais.

À Capes, pela concessão da bolsa de estudo que viabilizou a realização da pesquisa.

Aos colegas da turma de mestrado, que acompanharam essa longa caminhada, e em especial à Paula, Léo e Jéssica, amigos que a Bahia deu e que tanto me ouviram! À família Tumba Junsara, por quem me senti acolhida nesses anos, e em especial a Paulo, Suzanne, Desirré, André e Chuchuca pela amizade e trocas também via ACCS.

Aos tantos amigos que entre Rio e Salvador, tornaram esse caminho – casa e sem os quais eu não teria chegado aqui. Um agradecimento mais que especial a alguns destes: ao Rafael Winter pelos empréstimos de livros viajantes; à Marina e à Joana pelas visitas, mas também à Ana Marcela e todos os amores do Renova, por tudo; ao Leon, que é parte disso e quero que esteja por perto; a Mariluci e Léo, por tudo, sempre; a Dani, André, Manu e LG, pelas visitas e pelo prumo na caminhada; a Ju e Sarah, pelas idas e vindas que aproximaram Rio e Bahia; à Marina Íris, que veio pra ficar e às vezes parece até que esteve esse tempo por aqui com a gente; a Beth, Rose, Kate, Ana Luiza e tantas outras professoras que não me deixaram esquecer meu lugar e minhas lutas; aos amigos Paulinho Chinelo, minha orientação que vem desde a escola, Edu, pelas tão importantes visitas e conversas, e Marola, pela leitura final.

À minha sogra, Regina Bruno, que me orientou integralmente, talvez a interlocutora mais assídua, entre cafés da manhã e brindes. Obrigada demais da conta.

Ao vô Chuva, que se foi nessa caminhada, mas que tanto gostava das minhas andanças.

À minha super mãe, Márcia Chuva, e ao meu pai, Dico Leite, por tudo, tudo, tudo. Por estarem por aqui sempre e me amarem e me ensinarem tanto. As melhores e mais completas e complementares orientações que eu poderia ter na vida e pra vida. À Naná, por só ser, obrigada. Amo vocês.

À minha companheira Bel, amor que é casa e coragem, encarou essa loucura junto desde o início, me orienta e desorienta cotidianamente e ainda topa desbravar mundos comigo diariamente.

A esse belo encontro com a Bahia.

RESUMO

Este trabalho teve como objetivo demonstrar o modo como se orienta a expansão territorial do neopentecostalismo e especificamente da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) no Brasil. As origens da presença evangélica no Brasil, o panorama da espacialidade neopentecostal no país, assim como as principais características do neopentecostalismo foram relacionadas ao surgimento da IURD no final da década de 1970 e ao seu desenvolvimento enquanto uma das mais emblemáticas denominações neopentecostais. O fortalecimento da religião pentecostal foi analisado a partir de sua capilaridade pelo tecido social, observada na diversidade e multiescalaridade de suas práticas. A categoria "plano de poder", criada por Edir Macedo, fundador e líder da Igreja Universal, reforça a racionalidade presente na expansão desta denominação, desenvolvida no trabalho a partir da identificação dos espaços em disputa à consolidação deste "plano" e das práticas socioespaciais da IURD no Brasil. Tais práticas representam as estratégias territoriais e a territorialidade iurdiana e foram agrupadas e desenvolvidas a partir de quatro eixos de análise: templo, rua, mídia e política.

Palavras-chave: Neopentecostalismo. Estratégias Territoriais. Plano de Poder. IURD (Igreja Universal do Reino de Deus)

ABSTRACT

This work aimed to demonstrate how the territorial expansion of Neo-Pentecostalism and specifically the Universal Church of the Kingdom of God (UCKG) in Brazil is oriented. The origins of the evangelical presence in Brazil, the panorama of neopentecostal spatiality in the country, as well as the main characteristics of Neo-Pentecostalism were related to the emergence of the Universal Church in the late 1970s and its development as one of the most emblematic Neo-Pentecostal denominations. The strengthening of the Pentecostal religion was analyzed from its capillarityzation by the social web, observed in the diversity and multiscalarity of its practices. The “Plan of Power" category, created by Edir Macedo, founder and leader of the Universal Church, reinforces the rationality present in the expansion of this denomination, developed in the research from the identification of the spaces in dispute to the consolidation of this "plan" and socio-spatial practices of Universal Church in Brazil. These practices represent the territorial strategies and the territoriality of Universal Church and were grouped and developed from four axes of analysis: temple, street, media and politics.

Keywords: Neopentecostalism. Territorial Strategies. Plan of Power. Universal Church (UCKG).

Lista de Quadros, Tabelas e Mapas

Quadro 1: Genealogia das principais igrejas evangélicas brasileiras …….. **28**

Quadro 2: Modernidade fordista versus Pós-modernidade flexível …..……. **36**

Tabela 1: Entrada da Igreja Universal do Reino de Deus em novos países por década ……. **55**

Tabela 2: Total absoluto e percentual de países com presença da IURD por continente, 2019 **..** …….. **55**

Tabela 3: Total absoluto e percentual de templos, Continente, 2019 ……..… **56**

Tabela 4: Percentual de Católicos, Evangélicos e Sem Religião em relação à População Total, Brasil, 1950 a 2010 ……. **58**

Tabela 5: Taxa de crescimento percentual de Católicos, Evangélicos e Sem Religião, Brasil, 1950-2010 ……... **59**

Tabela 6: Percentual da população total, católicos e evangélicos, Brasil, 1950-2010 ……..... **59**

Tabela 7: Taxa de Crescimento Relativo do campo evangélico, Brasil, Censos de 2000 e 2010 …….. **62**

Tabela 8: Igrejas pentecostais com maior número de fiéis, Brasil, 2010, nº absolutos e em % **..** …….. **63**

Tabela 9: Taxa de Crescimento percentual das principais Igrejas pentecostais, Brasil, 1991-2000 e 2000-2010 …… **63**

Tabela 10: População Urbana e Rural total e declarante Católica e Evangélica, Brasil, 2010, em % ……... **65**

Tabela 11: População de 25 anos ou mais por nível de instrução e grupos de religião, Brasil, 2010, em % ……. **66**

Tabela 12: Composição total da população e dos grupos religiosos segundo classes de rendimento mensal domiciliar per capita (salário-mínimo), Brasil, 2010, em % ……... **66**

Quadro 3: Programação de cultos ou correntes da Igreja Universal por dia da semana …… **90**

Tabela 13: Total de templos em números absolutos e % por região do IBGE, Brasil, 2019 **.. 92**

Tabela 14: Percentual relativo da população residente e percentual relativo do total de fiéis da IURD por região do IBGE, Brasil, Censos 2000 e 2010 **……...…. 93**

Tabela 15: Total de templos em números absolutos e % por unidade da federação, 2019), e % da população residente total do Brasil e % do total de fiéis da IURD, 2010 **…….. 96**

Tabela 16: Média do total de fiéis, 2010, por templo, 2019, por unidade da federação e por capital e % relativo dos fiéis da IURD residentes na capital **…….. 97**

Mapa 1: Templos da Igreja Universal do Reino de Deus por Município, Brasil, 2019 **…… 99**

Mapa 2: Mapa de Calor - Concentração de templos da IURD por município, Brasil, 2019 **.100**

Mapa 3: Percentual de fiéis da IURD na população total de município, Brasil, 2010 **…….. 101**

Tabela 17: Parlamentares da Bancada Evangélica do Congresso Nacional por legislatura, Brasil, 1987-2019 **……...… 137**

Tabela 18: Parlamentares federais ligados à Igreja Universal do Reino de Deus, Brasil, 1987-2019 **……... 138**

Tabela 19: Parlamentares da Bancada Evangélica nacional por partidos, 2015-2018 e 2019-2022 **……... 140**

Tabela 20: Parlamentares da Bancada Evangélica nacional por UF, 2015-2018 e 2019-2022 **.. ……..... 140**

Tabela 21 – Parlamentares da Bancada Evangélica por filiação religiosa, Brasil, 2015-2019 **… ……...…. 143**

Sumário

INTRODUÇÃO.....12

1. O NEOPENTECOSTALISMO NO BRASIL.....23

1.1. PANORAMA SOCIOESPACIAL DA PRESENÇA EVANGÉLICA NO BRASIL…23

1.1.1 Influência estadunidense e a neopentecostalização.....36

1.1.2 Teologia da prosperidade.....41

1.1.3 Teologia do Domínio: a guerra espiritual.....45

1.2 A IGREJA UNIVERSAL DO REINO DE DEUS.....49

1.2.1 Transnacionalização da Igreja Universal do Reino de Deus.....53

1.3. A EXPANSÃO NEOPENTECOSTAL NO BRASIL: DIVERSIDADE E ESPACIALIDADE.....58

2. PRÁTICAS E ESTRATÉGIAS TERRITORIAIS DA IGREJA UNIVERSAL DO REINO DE DEUS – DISPUTAS POR HEGEMONIA.....68

2.1. O PLANO DE PODER DA IURD.....68

2.2. EIXOS DE AÇÃO: ESTRATÉGIAS TERRITORIAIS E TERRITORIALIZAÇÃO DA IURD.....78

2.2.1. O Templo.....82

2.2.2. A Rua.....103

2.2.3. A Mídia.....118

3. A POLÍTICA: NEOPENTECOSTAIS NO ESTADO BRASILEIRO.....132

3.1 O PERFIL DA BANCADA EVANGÉLICA DO CONGRESSO NACIONAL BRASILEIRO: GÊNESE E TERRITORIALIDADE.....134

3.2 A AÇÃO DA BANCADA EVANGÉLICA.....146

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....154

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....159

INTRODUÇÃO

> Lembre-se: estamos tratando de uma disputa por espaços e por consolidação desses espaços. Não calcular as consequências das ações pode pôr tudo a perder, ou fazer o processo retroceder ao ponto inicial [...] Os re-trabalhos e as reconstruções são sempre mais difíceis e árduos, podendo inclusive desanimar os defensores de determinadas causas. (MACEDO e OLIVEIRA, 2008 p. 45/46)

O crescimento dos grupos evangélicos pentecostais e neopentecostais tem sido um fenômeno de muita visibilidade na sociedade brasileira. A expansão destes grupos religiosos não se dá apenas no aumento do número de fiéis, mas no seu espraiamento pelo território nacional e na diversidade de igrejas e denominações. É pela capacidade de difusão por diversas esferas da vida e da sociabilidade que a expansão neopentecostal revela-se poderosa. O objetivo de disseminar a palavra do evangelho através do discurso religioso é comum a estas igrejas, mas a variedade de ramificações reflete em diferenças no que diz respeito à organização interna e às práticas socioespaciais e de territorialização destas.

A presença evangélica no Brasil já data mais de um século. Nas últimas quatro décadas, porém, a expansão tem tomado novas formas, aqui entendidas como parte de um conjunto de práticas que possuem expressão espacial à medida que caracterizam e impulsionam o enraizamento destas igrejas nos lugares e territórios. A partir dos anos 1970, se inicia a terceira fase do pentecostalismo brasileiro (FRESTON, 1993), conhecida como neopentecostalismo, que afirma a teologia da prosperidade e a teologia do domínio como campos ideológicos a partir dos quais se desenvolvem as igrejas neopentecostais.

A Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) é uma das denominações pentecostais com maior número de fiéis no país, que apresentou as maiores taxas de crescimento dentre os grupos religiosos, especialmente nos anos 1980 e 1990. A Universal tornou-se a mais emblemática representante do neopentecostalismo no Brasil, por ter inaugurado ou potencializado características que posteriormente foram apropriadas por outras denominações e que corresponderam a um acelerado crescimento da mesma. É o caso da Teologia da Prosperidade, da Teologia do Domínio e batalha espiritual e do perfil empreendedor e multifacetado da instituição.

Para compreender a orientação da expansão neopentecostal no Brasil e especialmente da IURD, foi realizado um levantamento das práticas socioespaciais da denominação[1], a partir das quais buscamos compreender as estratégias territoriais que viabilizam a expansão da mesma. Para tal, organizamos a análise a partir de quatro eixos: o templo, a rua, a mídia e a política, que se configuram como estratégias territoriais e elementos da territorialidade iurdiana e que, portanto, estão conectados entre si, se relacionam como parte de um mesmo processo. Neste sentido, é fundamental olharmos para o fenômeno enquanto um processo de múltiplas escalas, que ora se sobrepõem, ora se hierarquizam, mas que estão fundamentalmente articuladas.

A atualidade do fenômeno da expansão neopentecostal, a velocidade com que se dão os acontecimentos e fatos políticos traz uma dinâmica diferenciada para a pesquisa, assim como uma potencial contribuição com análises dos processos em voga. A dispersão deste fenômeno pelo tecido social e seus mais profundos reflexos na sociedade brasileira reforçam também a importância da temática para compreender as dinâmicas espaciais, as disputas de poder e, logo, as estratégias de territorialização. A capacidade de reprodução de uma cultura religiosa, com valores próprios, só se torna possível porque há uma consolidação de bases materiais que viabiliza este processo. Estas bases materiais são reflexo de práticas e relações sociais e se configuram espacialmente de maneira diversa também. Há, neste sentido, um importante simbolismo, assim como impactos objetivos no espraiamento pelo território e na ocupação de espaços.

O pentecostalismo brasileiro torna-se capaz de se difundir pelas camadas populares da sociedade, na multiplicação de fiéis, de templos, na eleição de candidatos evangélicos, ao mesmo tempo em que se fortalecem as denominações pentecostais enquanto frações da burguesia, enquanto empreendimentos religiosos, no ramo das comunicações principalmente, mas não apenas. A expansão pentecostal não se trata de um fenômeno somente religioso e deve ser observada a partir da sua configuração múltipla, além disso, as consequências desta expansão rebatem também sobre os não crentes, a toda a sociedade.

Quais estratégias tornam possível essa eficiente capilarização na sociedade? Neste sentido, uma categoria fundamental na pesquisa é a de hegemonia, a partir do referencial de

[1] O termo denominação é comumente utilizado para se referir às Igrejas evangélicas. Assim, dizemos que existe hoje uma variedade de denominações evangélicas e a IURD é uma delas.

Gramsci[2], que pode nos ajudar a refletir sobre este processo, uma vez que tal expansão se dá tanto na disputa por direção política na sociedade civil, através da diversidade de práticas acima referidas, como pela dominação, através da ocupação de espaços na sociedade política. Outras noções relacionadas ao conceito de Hegemonia para Gramsci, como: Estado ampliado e Bloco Histórico foram de suma importância e operacionais no desenvolvimento da pesquisa.

Para além da relevância social e, na verdade, diretamente relacionado a isso, um exercício de reflexão importante foi entender os caminhos pessoais que me aproximaram do tema e, neste sentido, percebo cinco momentos fundamentais, que embora difusos e sobrepostos no correr da vida, trago aqui brevemente:

- Meu contato com os movimentos sociais da luta pela terra no campo e no Estado do Rio de Janeiro se iniciou em 2005. Nestes anos de convivência conheci e vi algumas pessoas do movimento se tornando evangélicos, especialmente nos últimos anos. Algumas destas eram lideranças dos movimentos e, em todos os casos, houve uma mudança grande na postura em relação à luta, ao movimento e à própria vida que me inquietava;
- Desde 2012, como professora da rede municipal do Rio de Janeiro, tive contato com muitos alunos, dos 11 aos 16 anos, que se identificavam como evangélicos e isso não podia passar despercebido, uma vez que chegavam a mim pelos caminhos mais particulares possíveis: em discussões em sala de aula – sobre a origem da Terra, gênero, aborto, família etc. ou nos sonhos de se tornarem pastores, ou músicos de Igreja e tantas histórias mais;
- O fato de a minha companheira ser candomblecista e isso, em meio a todas as inquietações, me torna mais curiosa à temática religiosa do que até então. Filha de ateus, nunca enveredei por estes caminhos. Poder ver de perto a resistência de povos de terreiro, diante de tantas práticas e discursos de racismo e intolerância de centenas de anos, é também uma via de inquietação e sensibilização;
- As eleições de 2014, quando dois candidatos à Presidência da República eram declaradamente evangélicos e a Bancada Evangélica do Congresso Nacional teve um fortalecimento significativo. No Rio de Janeiro, o senador, e hoje prefeito, Marcelo

[2] GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do Cárcere.* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000. Vol. V.

Crivella era também candidato ao governo do Estado e eu já me inquietava muito sobre os significados desta mistura entre religião e política institucional.

- E por fim, uma inquietação que me acompanha nos últimos anos que é a importância de compreendermos de que maneira as forças dominantes se espacializam e de olhar de perto, cientificamente, mas nunca de forma neutra, as verticalidades nos processos sociais. De alguma forma isso representa, para mim, sair de uma zona de conforto e identidade, na medida em que a pesquisa no campo dos movimentos sociais, na perspectiva de estudos das horizontalidades nos processos sociais, sempre foi reflexo de uma atuação junto aos movimentos.

O atual crescimento no número de trabalhos e no interesse voltado à temática da expansão neopentecostal, em diversas áreas do conhecimento, caminha junto à realidade do crescimento da religião nas últimas décadas. Na Geografia não existem muitas pesquisas produzidas analisando a temática a partir da perspectiva política. A Geografia da Religião, porém, apresenta-se como um campo de estudo consolidado no país, com dois grupos de referência, um na UERJ, com a professora Zeny Rosendahl[3], e outro na UFPR, com o professor Sylvio Fausto Gil Filho[4]. O levantamento bibliográfico acerca da temática da religião na Geografia nos leva, fundamentalmente, a debates e perspectivas da Geografia Cultural. Nestes grupos, alguns trabalhos se aproximam da perspectiva da Geografia Política, no debate sobre disputas por territórios a partir da perspectiva da religião e de uma dominação que é também simbólica; ou ainda, através de estudos sobre a geografia do voto. Em recente tese sobre a expansão das redes de poder da Igreja Universal, o geógrafo Bruno Araújo afirma que

> Essa natureza sistêmica e espacial do fenômeno expansivo iurdiano não foi vislumbrada enquanto objeto de análise pelos geógrafos brasileiros, como também não se registrou um olhar sobre a multidimensionalidade desse crescimento, isto é, da articulação de estratégias diferenciadas temporal e espacialmente pelo território brasileiro. Isso contribuiu para que o crescimento da IURD fosse atrelado, em grande parte dos trabalhos acadêmicos, a uma abordagem monolítica usualmente na perspectiva da exploração da fé em contextos de vulnerabilidade social, onde apenas um conjunto simples de variáveis socioeconômicas determinam e localização e o desenvolvimento das infraestruturas da Igreja Universal. (ARAÚJO, 2018. p. 23)

[3] ROSENDHAL, Zeny. Espaço e religião: uma abordagem geográfica. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.
[4] GIL FILHO, Sylvio Fausto. Espaço sagrado: estudo em geografia da religião. Curitiba: IBPEX, 2008.

A relação entre religião e política está na origem da modernidade, na imbricação entre a Igreja Católica e o surgimento dos Estados-nação e, portanto, é um tema bastante debatido pelas ciências sociais em geral. Especificamente sobre o protestantismo, Max Weber[5] inaugura a importante discussão em torno da relação entre ética religiosa e racionalidade econômica, no contexto europeu, na transição do século XIX para o XX. A fim de apreender a diversidade de práticas socioespaciais da IURD, a pesquisa bibliográfica foi realizada também de forma temática, abrangendo assim trabalhos acadêmicos de outras áreas do conhecimento, como: História, Psicologia, Comunicação, Antropologia e Sociologia.

Além do levantamento bibliográfico interdisciplinar e sistemático, a metodologia da pesquisa contou com levantamento de dados do IBGE, especialmente a partir de 1980, a respeito da religião evangélica e da Igreja Universal. Porém, o IBGE apenas produz dados a respeito do número de fiéis, neste sentido, houve levantamento primário de dados no caso do número de templos da Igreja Universal, no Brasil e no Mundo, a partir de pesquisa realizada nos diversos sites oficiais da Igreja Universal em cada país onde possui templos.

As tentativas de contato direto com o setor de comunicação da Universal não tiveram retorno, nem por e-mail e nem por telefone, o que manteve a internet como fonte fundamental de dados, em especial os endereços oficiais destacados ao longo da dissertação. Outra fonte de dados fundamental foi o DIAP (Departamento Intersindical de Assessoria Parlamentar), que produz dados sobre o Congresso Nacional e a partir do qual foi gerada a maioria dos dados e análises do capítulo 3, a respeito dos evangélicos no Estado brasileiro. O recolhimento de notícias e reportagens sobre o neopentecostalismo e a IURD ao longo do período do curso de mestrado possibilitou compreender o modo como a Igreja estava sendo vista pela mídia e as principais questões pautadas a cada momento.

Os dados gerais a respeito da IURD, sejam quantitativos, como a magnitude, as transações financeiras, os investimentos realizados, ou qualitativos, como a diversidade e o alcance dos seus projetos, são de difícil acesso e pouco transparentes. Com isso, foi realizado, sempre que possível, o levantamento de dados primários, mas também a comparação e conferência de dados previamente levantados por outras fontes. Uma vez que a pesquisa realizou o levantamento de uma diversidade de práticas socioespaciais da IURD, essa foi uma dificuldade que acompanhou todas os momentos da pesquisa.

[5] WEBER, Max. A ética protestante e o espírito do capitalismo. São Paulo: Martin Claret, 2001

Partindo do pressuposto da já identificada expansão neopentecostal, o objeto do estudo é a expansão territorial da Igreja Universal do Reino de Deus, como parte da execução do "plano de poder" da mesma, que é a maior representante do neopentecostalismo brasileiro. Na citação que abre a dissertação: “Lembre-se: estamos tratando de uma disputa por espaços e por consolidação desses espaços” (MACEDO e OLIVEIRA, 2008 p. 45/46), Edir Macedo afirma que a construção do "plano de poder" é uma disputa por espaços.

A pesquisa pretendeu responder as seguintes perguntas: de que maneira ocorre a expansão da Igreja Universal do Reino de Deus? Quais os modos de operação da IURD para a construção de hegemonia? A hipótese é que a expansão da IURD ocorre através de diferentes estratégias territoriais, que se desenvolvem tanto na sociedade política como na sociedade civil, visando a construção de hegemonia e orientadas por uma racionalidade e intencionalidade expressas no seu "plano de poder". A associação neopentecostal com os espaços de poder político, a sociedade política, é viabilizada pela capacidade de espraiamento desta religião por diversas frentes de atuação da sociedade civil, o que pode ser expresso na importância do voto, e que dialeticamente é também viabilizado e alimentado pela maior presença da Igreja na sociedade política.

O objetivo geral desta pesquisa foi demonstrar como se orienta a expansão territorial do neopentecostalismo e especificamente da Igreja Universal do Reino de Deus no Brasil. Para tal, identificamos como objetivos específicos, relacionar o levantamento histórico da presença evangélica no Brasil, o panorama da espacialidade neopentecostal no país, assim como as principais características do neopentecostalismo, ao surgimento e desenvolvimento da IURD; caracterizar o "plano de poder" da Igreja Universal do Reino de Deus a partir da identificação dos espaços em disputa à consolidação deste, assim como discutir as estratégias territoriais e a territorialidade iurdiana a partir dos quatro eixos identificados: templo, rua, mídia e política.

A fim de compreender a orientação da expansão territorial da Igreja Universal, utilizamos a categoria “plano de poder”, elaborada por Edir Macedo em livro homônimo, para designar o projeto de poder de sua Igreja. Embora haja diversos trabalhos acadêmicos analisando ou fazendo referência a muitos livros de Edir Macedo, o livro “Plano de Poder”, no qual o autor apresenta tal categoria, não parece ter sido particularmente analisado. Neste sentido, o instrumental teórico-metodológico da Geografia Política embasou a pesquisa, a

partir especialmente dos conceitos de poder, escala e território, este último enquanto termo geral também relacionado aos conceitos de territorialização, territorialidade e estratégias territoriais.

O "plano de poder" tem por objetivo a realização de uma causa bíblica anunciada, o projeto de nação (MACEDO, 2008) e o Brasil é apresentado com enorme potencial de realização, daí a elaboração do livro, que é apresentado como um manual para execução do "plano de poder" nacional. Neste sentido, a escala priorizada na pesquisa foi a escala nacional, capaz de revelar fragmentos do real, como qualquer escala. A opção escalar não significa negar a existência de uma pluralidade de práticas socioespaciais desenvolvidas nos territórios e que poderiam ser evidenciadas a partir de outras escalas de análise. Ao contrário, optou-se pelo recorte da escala nacional pois é a que possibilita identificar as estratégias territoriais da Igreja que viabilizam sua expansão e a execução do *plano* e que são orientadas a nível nacional.

A pesquisa buscou caracterizar as estratégias territoriais da IURD na atualidade, neste sentido, os principais dados acessados foram os do Censo do IBGE de 2000 e de 2010, assim como das duas últimas legislaturas do Congresso Nacional (a partir de 2015). De todo modo, ao longo da pesquisa o surgimento do neopentecostalismo no Brasil a partir da década de 1970 e da Igreja Universal em 1977 são recuperados como marcos temporais importantes para a caracterização do atual momento, da mesma forma que o surgimento da Bancada Evangélica do Congresso Nacional, com a Assembleia Constituinte, nos anos 1980, também é um marco importante.

Evidentemente, a compreensão da existência de uma multiplicidade de escalas que caracterizam e a partir das quais se desenvolvem as práticas neopentecostais tornou necessário o exercício metodológico do jogo de escalas, que viabilizou a interpretação das estratégias de forma articulada e a própria composição do "plano de poder". O reconhecimento da multiescalaridade dos processos reforça o recorte na escala nacional como uma perspectiva analítica possível, que nos revela questões e possibilita a olhar para fragmentos do real, mas que, temos consciência, inevitavelmente oculta outros elementos.

No primeiro capítulo da dissertação é apresentado um panorama da expansão do pentecostalismo no Brasil, um histórico da presença evangélica no país, compreendendo as diferentes origens e influências que são a base para a pluralidade evangélica hoje. Neste

momento é possível compreender a importância da Teologia da Prosperidade e da Teologia do Domínio, como bases ideológicas do neopentecostalismo, estruturantes do processo de expansão neopentecostal brasileiro e transversais ao "plano de poder" que é desenvolvido ao longo da dissertação. Na segunda parte deste capítulo, observam-se dados que caracterizam a expansão e o fortalecimento, especialmente do pentecostalismo, ao longo do século XX e XXI, assim como nuances e discussões em torno da religiosidade brasileira atual: secularização e trânsito religioso. Em seguida, tem-se como foco na denominação que é objeto da pesquisa, a Igreja Universal do Reino de Deus e algumas de suas principais características.

No segundo capítulo, são apreendidas as principais estratégias territoriais que configuram e viabilizam a expansão territorial neopentecostal e, especialmente, da Igreja Universal. Para tal, discute-se o "plano de poder" da Igreja Universal do Reino de Deus a partir da análise do livro homônimo e em seguida são apresentadas as estratégias territoriais e práticas socioespaciais da IURD, que foram organizadas e desenvolvidas a partir dos seguintes eixos de análise: o templo, como estratégia territorial fundamental da IURD; a rua, as múltiplas territorialidades da IURD, que vão além do templo e do sagrado; e a mídia, grande reprodutora e multiplicadora de ideologia, território simbólico onde cada pessoa é disputada inclusive em suas residências.

O terceiro capítulo corresponde à análise do quarto e último eixo identificado: os espaços de representação política, cuja ocupação é o objetivo primeiro do "plano de poder" apresentado no livro. A análise deste último eixo foi realizada a partir do recorte na Bancada Evangélica do Congresso Nacional Brasileiro, cuja formação foi emblemática e precursora do fortalecimento neopentecostal na Política, a partir da qual outras bancadas estaduais e municipais também ganharam força.

O conceito chave da pesquisa é o território, que remete às relações de poder e disputas que se dão sobre determinado espaço. À medida que o entendimento de que a expansão neopentecostal é um fenômeno complexo e, portanto, multidimensional, aproxima-se a compreensão integradora de território, que envolve tanto “uma dimensão simbólica, como forma de ‘controle simbólico’, e uma dimensão mais concreta, de caráter político-disciplinar, como forma de domínio e disciplinarização dos indivíduos” (HAESBAERT, 2007. p. 22). O neopentecostalismo se desenvolve a partir de bases territoriais concretas, exemplificadas na

figura espacial dos templos, mas também a partir de elementos simbólicos, como a difusão de ideologia, que viabilizam o aumento no número de fiéis ou de eleitores que, dialeticamente, impulsionam a expansão da religião que será, necessariamente, também uma expansão territorial.

O poder é uma dimensão das relações sociais e o território é a expressão espacial desta dimensão. Assim como o território só existe pela existência das relações de poder, segundo Souza (2016),

> também o poder só se exerce com a referência a um território e, muito frequentemente, por meio de um território. Não há influência que seja exercida ou poder explícito que se concretize sem que seus limites espaciais, ainda que às vezes vagos, igualmente sejam mais ou menos perceptíveis. Mesmo quando se exerce poder a grandes distâncias, por meio das modernas tecnologias de comunicação e informação, o alvo ou destinatário jamais é um grupo social "flutuando no ar", mas sempre um grupo social em conexão com um espaço (a ser [des]territorializado, portanto). (SOUZA, 2016. p. 87)

A perspectiva relacional, justificada pela noção de que o poder se exerce sobre outro e não sobre si mesmo, é expandida ao conceito de território, que, segundo Rogério Haesbaert, "pode ser concebido a partir da imbricação de múltiplas relações de poder, do poder mais material das relações econômico-políticas ao poder mais simbólico das relações de ordem mais estritamente cultural" (HAESBAERT, 2004. p. 79).

Às múltiplas dimensões do poder e, por consequência do conceito de território, soma-se a ideia da multiescalaridade. A análise espacial a partir da abordagem de escalas diferenciais é imprescindível à análise deste fenômeno. Uma vez que em cada escala revelam-se aspectos diferenciados e complementares, indicando também um procedimento metodológico de entrecruzamento de escalas, que viabilizem a análise integrada do fenômeno, cuja territorialidade se dá, ao mesmo tempo: nos templos, espacializados em nível local; nas ações de rua das Igrejas; no plano da política, nas bancadas de diferentes níveis de poder; no alcance das rádios evangélicas, ou dos canais televisivos, dos jornais.

As práticas socioespaciais a partir das quais as Igrejas se estabelecem e se espacializam contribuem com a efetivação do projeto de poder neopentecostal. Ainda que nem todas as práticas socioespaciais representem ou decorram diretamente de uma ação intencionada e racionalizada em vista do projeto de poder, entende-se que tais práticas

representam uma composição de uma totalidade que caracteriza as estratégias destas Igrejas. Uma aproximação com a teoria da prática, como trabalhada por Pierre Bourdieu (1996) foi importante para a compreensão desse fenômeno, pois está calcada na ação social dos agentes. As lógicas da ação social são compreendidas como produto do domínio prático das formas de conduta nos diferentes espaços do mundo social, isto é das práticas sociais. Estas, por sua vez, buscamos trabalhar de modo associado ao conceito de territorialidade, como tratado por Roberto Correa (1996).

De acordo com Corrêa, a territorialidade é o "conjunto de práticas e suas expressões materiais e simbólicas capazes de garantir a apropriação e permanência de um dado território por um determinado agente social, o Estado, os diferentes grupos sociais e as empresas" (CORREA, 1996, p. 251). Para Sack (1986), a territorialidade corresponde às estratégias geográficas realizadas com o objetivo de afetar e influenciar o controle sobre determinado território. Múltiplas territorialidades podem agir simultaneamente, em diferentes escalas geográficas, é o caso do neopentecostalismo. Podem também estar conectadas por uma intencionalidade ampla, caracterizando uma disputa por hegemonia, como veremos adiante, e, consequentemente, pelo controle e ampliação de seus territórios de influência.

A noção de estratégia territorial é entendida como um conjunto de regras de decisão para orientar o comportamento de um agente; ou seja, uma série de ações coordenadas em vista de um objetivo (LACOSTE, 2008), fundamental à compreensão da racionalidade das ações e a existência de propósito e intencionalidade nas práticas. A articulação entre as práticas socioespaciais revela-nos como as Igrejas neopentecostais direcionam sua expansão demográfica, institucional e territorial e propagam sua mensagem religiosa. A territorialidade neopentecostal expressa na diversidade de estratégias e práticas e, consequentemente, de múltiplas escalas e dimensões de análise, está entrelaçada e deve, portanto, ser dialeticamente considerada de modo interdependente e complementar. Neste sentido, a noção de redes políticas territoriais pode complementar o instrumental teórico-metodológico, uma vez que a rede representa a capacidade de conexão de parcelas descontínuas de um território.

A formação de territórios-rede, marcados pela descontinuidade e pela fragmentação articulada, possibilitam a passagem constante de uma escala a outra. Nas redes políticas territoriais há troca de recursos e projeção de impactos socioespaciais em diferentes níveis. Neste sentido, quando Milton Santos (2006) afirma que as redes seriam formadas pela

conexão de espaços contíguos, as horizontalidades, e de espaços distantes, as verticalidades, acrescentamos a ideia de que os sujeitos de cada nó da rede não são, necessariamente, os mesmos, embora os mesmos sujeitos possam estar presentes em diferentes malhas (RAFFESTIN, 1993). A capacidade de influenciar não é a mesma em cada linha e fluxo da rede, assim como a direção do fluxo das ações corresponde a ações distintas, o que significa dizer que o poder de influência de uma prática socioespacial como a criação de leis e defesa de pautas pela Bancada Evangélica, ou a veiculação de jornais evangélicos, não é o mesmo das práticas de evangelização em praças públicas de grandes centros urbanos, por exemplo. Todas elas, de forma articulada, compõem uma rede política territorial, composta, portanto, de múltiplas territorialidades.

1. O NEOPENTECOSTALISMO NO BRASIL

1.1. PANORAMA SOCIOESPACIAL DA PRESENÇA EVANGÉLICA NO BRASIL

Atualmente, existe no Brasil uma enorme diversidade de Igrejas evangélicas, que remontam a diferentes processos históricos de surgimento e de entrada no país, e que possuem também práticas bastante distintas de organização e evangelização. O termo evangélico deriva etimologicamente da palavra evangelho e corresponde às Igrejas que se baseiam unicamente no evangelho como fonte. Carvalho (2016) explica que

> Em geral, tem-se sob o selo de evangélicas as Igrejas que se originaram direta ou indiretamente do ideário da Reforma, movimento religioso de oposição à Igreja Católica, surgido no início do século XVI, em 1517. Afirma-se que um dos traços principais do protestantismo – e as doutrinas que deste se derivaram, como o pentecostalismo e o neopentecostalismo (por isso situamos a Universal como Protestante) – é a liberdade da relação entre fiel e Deus, sem que as instituições religiosas possam garantir por si a salvação da alma – objetivo último de qualquer cristão. (CARVALHO, 2016. p. 16)

O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) classifica os evangélicos no Brasil em evangélicos de missão e evangélicos pentecostais. Os evangélicos de missão são também chamados de evangélicos históricos[6] ou tradicionais (MAFRA, 2001; CAMPOS, 2008). Já os evangélicos pentecostais são comumente subdivididos de acordo com a classificação das três ondas de entrada do pentecostalismo no Brasil, proposta por Paul Freston (1993). Ricardo Mariano propôs as nomenclaturas: pentecostais clássicos, deuteropentecostais e neopentecostais (MARIANO, 2014), que corresponderiam respectivamente à primeira, segunda e terceira onda pentecostal.

As igrejas evangélicas históricas são originárias da Europa, sendo as principais denominações que compõem tal classificação: a Igreja Luterana, fundada por Martinho Lutero na Alemanha, em 1524, a Igreja Presbiteriana, fundada por João Calvino, em 1517, a Igreja Anglicana, fundada pelo rei da Inglaterra Henrique VIII, em 1558, a Igreja Metodista, fundada por John Wesley na Inglaterra, em 1740, e a Igreja Batista, de origem inglesa no século XVII.

[6] Nomenclatura utilizada no Censo Institucional Evangélico, realizado pelo ISER (Instituto de Estudos da Religião), em 1992.

A entrada de tais denominações no Brasil ocorreu a partir do século XIX, através de movimentos de imigração e de ação missionária. Paegle (2005) diferencia o protestantismo histórico de acordo com os processos históricos de instalação das Igrejas no país, em protestantismo de imigração e de missão. O protestantismo de imigração refere-se a casos em que a estrutura da Igreja foi totalmente trazida da Europa, como no caso dos luteranos, que fundaram uma comunidade luterana no município de Nova Friburgo - Rio de Janeiro, em 1824. Já no protestantismo de missão, "um missionário procurava realizar a obra missionária, buscava converter os brasileiros, sendo apoiado normalmente pelas Sociedades Bíblicas" (PAEGLE, 2005. p.2). É o caso da Igreja Presbiteriana, inaugurada no Rio de Janeiro através da ação do missionário estadunidense Ashbeel Green Simonton em 1859 e da Igreja Batista, através dos missionários estado-unidenses Willian Bagby e Zacharias Taylor, em Salvador, no ano de 1882. Este tipo de ação missionária foi característica também do primeiro período pentecostal no Brasil.

Como afirma a antropóloga Clara Mafra (2001), as igrejas ligadas ao protestantismo histórico têm suas sedes localizadas na Europa e, no século XIX, também nos Estados Unidos. Para Mafra, nas igrejas protestantes tradicionais, especialmente na luterana, na presbiteriana e na metodista

> a sociabilidade está bastante centrada na preservação da memória dos reformadores. Lutero, Calvino e Wesley estão presentes nas prédicas dominicais, na formação teológica dos pastores, nos feriados e ritos comunitários mais fortes. Essa ênfase nos grandes homens têm como adereço a participação de uma extensa rede institucional que corta os continentes, tendo a Europa e os Estados Unidos (que abrigam a sede mundial dessas denominações) como centro. (MAFRA, 2001. p. 61)

Ao longo do século XIX, com a vinda da família real portuguesa para o Brasil, a abertura comercial, a proibição do tráfico de escravos e o incentivo às imigrações europeias no século XIX, a entrada de protestantes históricos no país se intensifica. Para (GREGORY, 2007. p.151), "a formação de uma rede de igrejas luteranas nas frentes de colonização é um sintoma da dispersão dos imigrantes alemães pelo território brasileiro". Ainda no início do século, a influência protestante também chegava com a abertura comercial, que aproximou comercialmente a Inglaterra, cuja população era majoritariamente protestante.

> A Inglaterra, principal parceira comercial do reino e de população majoritariamente protestante, preocupava-se em garantir liberdade de culto para seus súditos. Foi por isso que, no artigo XII do tratado comercial de 1810, ficou estabelecido que "os vassalos de Sua Majestade

> Britânica (…) não serão perturbados, inquietados, perseguidos e molestados por causa de sua religião." Este decreto nem de longe igualava outras religiões ao catolicismo – suas capelas tinham que ser discretas, semelhantes a casas de habitações, e não se podia fazer uso de sinos (…). (GRINBERG, 2007. p. 130)

A origem do pentecostalismo remonta ao chamado avivamento metodista, liderado por Wesley, no século XVIII, na Inglaterra. Para Campos (1997), o pentecostalismo é produto de desdobramentos das lutas da pós-reforma protestante, tendo como princípio básico o batismo com o Espírito Santo, que se torna perceptível através da glossolalia[7]. O movimento religioso pentecostal espalhou-se inicialmente para os Estados Unidos e posteriormente, no início do século XX, chega ao Brasil.

A presença pentecostal no país pode ser compreendida a partir de três fases de implantação das igrejas, segundo duas classificações complementares propostas por Freston (1993) e Araújo (2018):

- A primeira onda pentecostal chega ao Brasil em 1910, quase concomitantemente, através dos missionários Louis Francesco, italiano que funda a Congregação Cristã em São Paulo e Paraná e dos suecos Gunnar Vingren e Daniel Berg, que fundam a Assembleia de Deus em Belém-PA. Todos eles foram discípulos de William H. Durham, em Chicago – EUA.

> Estas duas igrejas têm o campo para si durante 40 anos, pois as suas rivais vindas do exterior são inexpressivas. A congregação Cristã após grande êxito inicial permanece mais acanhada, porém a Assembleia de Deus se expande geograficamente neste período como a igreja protestante nacional por excelência. (Freston apud MARIANO, 2001 p. 63)

Araújo (2018) propôs uma periodização para a presença pentecostal no Brasil a partir de uma perspectiva geográfica e dos processos de territorialização das igrejas. Assim, a primeira fase do pentecostalismo corresponderia ao pentecostalismo zonal corresponde ao pentecostalismo da primeira metade do século XX, quando o meio técnico disponível no território brasileiro era ainda escasso e as estratégias de evangelização eram organizadas a partir de campos operatórios, as zonas evangelísticas no interior das cidades brasileiras, que recebiam ordens para novos trabalhos a partir de centros de comando. "Estas zonas eram compostas de núcleos de evangelismo, caracterizados basicamente por reuniões domiciliares e

[7] Glossolalia significa a capacidade de, no transe religioso, falar línguas desconhecidas. (HOUAISS, 2009)

cultos públicos, que se constituíram como *cellula mater* das primeiras igrejas pentecostais, geralmente localizadas em áreas periféricas" (ARAÚJO, 2018. p. 42)

- A segunda onda pentecostal teve início nos anos 1950 e se estendeu pelos anos 1960. As três principais denominações são a Igreja do Evangelho Quadrangular (1951), Brasil para Cristo (1955) e Deus é Amor (1962), todas se instalaram inicialmente no estado de São Paulo e caracterizam um contexto urbano do pentecostalismo.

A segunda onda pentecostal corresponde à organização em rede do pentecostalismo, com o uso de estratégias de evangelismo de massa, como as cruzadas evangelísticas, e com a gestão integrada de novas filiais. "O radioevangelismo foi o primeiro momento das redes informacionais pentecostais no território" (ARAÚJO, 2018. p. 55) e a partir dos anos 1980, também os aportes técnicos à cobertura televisiva é ampliado, o que foi determinante ao enorme crescimento das igrejas pentecostais em 1990 e à sua capilarização pelo território nacional. Observa-se neste momento a constituição de

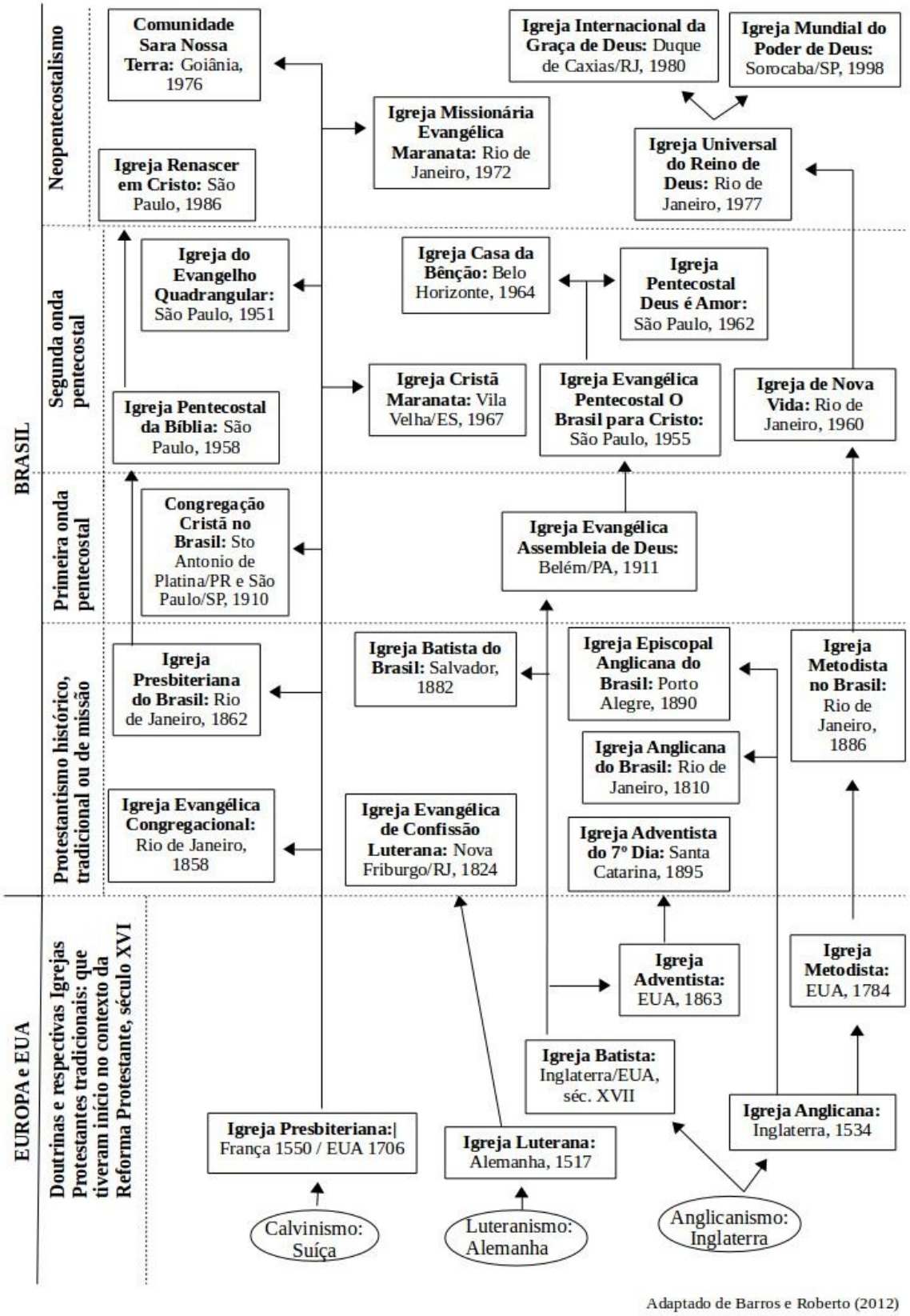
> territórios-rede do pentecostalismo, uma vez que a sua distribuição territorial apresenta estruturas de conexões bem definidas quando comparadas ao período anterior dos territórios-zona, onde a organização territorial esboçava conexões espaciais menos abrangentes, crescimento verticalizado e maior padrão de isolamento entre localizações de sedes e filiais. (ARAÚJO, 2018. p. 49)

- A terceira onda começa no final dos anos 1970 e ganha força na década de 1980. Sua maior representante é a Igreja Universal do Reino de Deus (1977), além da Internacional da Graça de Deus (1980), Igreja Renascer em Cristo (1986) e Sara Nossa Terra (1976). A terceira fase da presença pentecostal é conhecida como neopentecostalismo e corresponde ao pentecostalismo multiterritorial (ARAÚJO, 2018), que a partir da década de 1980 apresenta-se "territorialmente mais articulado em que suas redes de evangelização coexistem paralelas às estruturas do poder político e empresarial" (ARAÚJO, 2018. p. 57). Essa fase é marcada pela estratégia multiterritorial, composta de sistemas territoriais interdependentes a que Araújo (2018) indica serem formados pela tríade religião-política-empreendedorismo e que analisaremos ao longo do capítulo 1 e especialmente no capítulo 2, quando será analisado o "plano de poder" da Igreja Universal.

O esquema representado no Quadro 1, adaptado de Barros e Roberto (2012), sintetiza o panorama da expansão evangélica no Brasil, identificando as principais denominações a

partir de suas origens, assim como o marco espaço-temporal de seu surgimento ou instalação no país. Nem todas as denominações identificadas são de origem brasileira, mas a informação que o quadro indica é o município brasileiro onde foi inicialmente instalada cada denominação. É importante reforçar que as transformações no campo evangélico brasileiro foram graduais e não lineares, o que significa que cada novo momento ainda carrega elementos da fase anterior ao mesmo tempo em que inaugura características da fase seguinte.

Quadro 1 – Genealogia das principais igrejas evangélicas brasileiras


BRASIL
EUROPA e EUA
Neopentecostalismo
Segunda onda pentecostal
Primeira onda pentecostal
Protestantismo histórico, tradicional ou de missão
Doutrinas e respectivas Igrejas Protestantes tradicionais: que tiveram início no contexto da Reforma Protestante, século XVI
Comunidade Sara Nossa Terra: Goiânia, 1976
Igreja Renascer em Cristo: São Paulo, 1986
Igreja Missionária Evangélica Maranata: Rio de Janeiro, 1972
Igreja Internacional da Graça de Deus: Duque de Caxias/RJ, 1980
Igreja Mundial do Poder de Deus: Sorocaba/SP, 1998
Igreja Universal do Reino de Deus: Rio de Janeiro, 1977
Igreja do Evangelho Quadrangular: São Paulo, 1951
Igreja Pentecostal da Bíblia: São Paulo, 1958
Igreja Casa da Bênção: Belo Horizonte, 1964
Igreja Pentecostal Deus é Amor: São Paulo, 1962
Igreja Cristã Maranata: Vila Velha/ES, 1967
Igreja Evangélica Pentecostal O Brasil para Cristo: São Paulo, 1955
Igreja de Nova Vida: Rio de Janeiro, 1960
Congregação Cristã no Brasil: Sto Antonio de Platina/PR e São Paulo/SP, 1910
Igreja Evangélica Assembleia de Deus: Belém/PA, 1911
Igreja Presbiteriana do Brasil: Rio de Janeiro, 1862
Igreja Batista do Brasil: Salvador, 1882
Igreja Episcopal Anglicana do Brasil: Porto Alegre, 1890
Igreja Metodista no Brasil: Rio de Janeiro, 1886
Igreja Anglicana do Brasil: Rio de Janeiro, 1810
Igreja Evangélica Congregacional: Rio de Janeiro, 1858
Igreja Evangélica de Confissão Luterana: Nova Friburgo/RJ, 1824
Igreja Adventista do 7º Dia: Santa Catarina, 1895
Igreja Adventista: EUA, 1863
Igreja Metodista: EUA, 1784
Igreja Batista: Inglaterra/EUA, séc. XVII
Igreja Anglicana: Inglaterra, 1534
Igreja Presbiteriana:| França 1550 / EUA 1706
Igreja Luterana: Alemanha, 1517
Calvinismo: Suíça
Luteranismo: Alemanha
Anglicanismo: Inglaterra

Adaptado de Barros e Roberto (2012)

A primeira onda pentecostal caracteriza-se pela crença no batismo no espírito santo, que é expresso pela glossolalia, além do comportamento ascético, que rejeita valores do mundo, implicando certa rigidez de papéis sociais e de gênero (MARIANO, 2014; ROSAS, 2015). As duas principais igrejas representantes da primeira onda pentecostal, Assembleia de Deus e Congregação Cristã do Brasil, foram inauguradas por missionários dissidentes de igrejas históricas, Batista e Presbiteriana, respectivamente.

A Assembleia de Deus atingiu camadas populares com a multiplicação de pequenos templos em pequenas cidades do interior e a combinação entre o culto à palavra, reforçado através das escolas dominicais nas quais formavam-se pequenos centros de alfabetização, e a vivência prática da atuação do espírito, que possibilitava todo converso se tornar um evangelizador que poderia, inclusive, abrir uma nova Assembleia de Deus (MAFRA, 2001). Para Clara Mafra,

> A disciplina, aspecto tão caro aos evangélicos proselitistas de missão, incidiu basicamente sobre o comportamento dos fiéis - na vestimenta recatada, na proibição da dança, do fumo, da bebida e, às vezes, do futebol - e não nas questões teológicas, pois apostava que uma boa teologia é aquela que se deixa penetrar pela inspiração divina e que, ao mesmo tempo, concorre para o bom senso e a simplicidade. (MAFRA, 2001. p. 33)

A Assembleia de Deus possui, ainda hoje, o maior número de fiéis no país, assim como maior representação na política brasileira. Sua organização interna está baseada em igrejas-sede e suas respectivas congregações. Ao longo dos anos houve uma série de divisões internas e multiplicação de lideranças, igrejas-sede, congregações e ministérios. A Convenção Geral das Assembleias de Deus é o órgão máximo da denominação, cujo pastor-presidente é o mais alto cargo da escala ministerial da Assembleia de Deus, sendo escolhido pelo ministério, composto por pastores, evangelistas e presbíteros, que compõem uma estrutura hierárquica (BANDINI, 2008). Os diáconos, cooperadores e obreiros compõem a base desta estrutura e não participam de tais decisões. Atualmente, quem exerce o cargo é José Welington Bezerra da Costa Junior, filho de Welington Bezerra que esteve à frente da Convenção Geral (CGAB) por 25 anos. Em 1989 houve um cisma na Assembleia de Deus, a partir do qual foi fundada a Assembleia de Deus - Ministério Madureira, cujo pastor-presidente é, desde então, Manoel Ferreira. Mais recentemente, em 2010, um dos maiores representantes do tele-evangelismo brasileiro, Silas Malafaia, que já possuía um ministério anexo, rompe efetivamente com a

Assembleia de Deus e funda a Igreja Vitória em Cristo. A respeito da estrutura organizativa da Assembleia de Deus, Mariano afirma que

> É preciso, contudo, ter cautela com tais números, uma vez que não existe propriamente uma denominação Assembleia de Deus dotada de 12.314.410 de seguidores; embora o Censo Demográfico, de certa forma, contribua para tal equívoco, para o deleite dos dirigentes assembleianos. A designação Assembleia de Deus abrange várias denominações concorrentes dotadas de histórias, lideranças e tamanhos muito distintos, sendo as maiores delas vinculadas a duas grandes convenções nacionais rivais, cujos poderes, no entanto, são relativamente limitados. (MARIANO, 2013. p. 125)

Até 1950, a Assembleia de Deus e a Igreja Congregacional eram praticamente as únicas pentecostais no país. A segunda onda caracteriza-se pela fragmentação do movimento pentecostal, a qual foi impulsionada pela Cruzada Nacional de Evangelização, em 1951, coordenada pelos missionários estado-unidenses Harold Williams e Raymond Boatright. Os dois, ex-atores de filmes faroestes e vinculados à International Church of Foursquare Gospel, fundaram em 1951 a Igreja do Evangelho Quadrangular (IEQ), como foi chamada no Brasil a denominação de origem dos missionários.

A evangelização ocorria sob tendas, um total de vinte e quatro, financiadas por brasileiros e por fiéis ligados à Igreja sede nos Estados Unidos, que circularam por diversos estados brasileiros: partiram do interior de São Paulo e seguiram pelos estados do Sul e Sudeste brasileiro e ainda Mato Grosso, Goiás e Amazonas. A Cruzada Nacional de Evangelização foi uma campanha centrada no evangelismo de massa e que atingia especialmente a população urbana, as tendas eram instaladas nas capitais dos estados e depois seguiam para o interior[8]. A evangelização nas tendas de lona foi uma técnica importada dos Estados Unidos, uma inovação que possibilitava

> que os pregadores se deslocassem para locais onde não havia templos religiosos, principalmente no interior do país, [além do] uso da mídia (principalmente rádio), maior tolerância a costumes locais, mas principalmente, o abandono da centralidade nos cultos da temática "pecado e inferno", como nas igrejas da 1ª onda. A centralidade dos cultos se voltava para outra temática: "cura divina". (SILVA, 2004, pg. 33)

[8] Site: http://www.portaligrejaquadrangular.com.br/portal/quadrangular-historia.asp (acesso em 15 de fevereiro de 2019)

Para Mafra (2001), a Cruzada Nacional introduziu diversos signos da modernidade na prática pentecostal brasileira, que iam desde o uso de guitarra elétrica durante as pregações, ao "vestuário do pastor à sua informalidade e sensualidade, os corinhos alegres e contagiantes, inaugurou outro estilo de manifestação do Espírito Santo Nele, o improviso tendia à informalidade; a autonomia se fazia através do maior direcionamento da mensagem." (MAFRA, Clara, 2001. p. 35). Há, neste momento, uma intensiva importação de técnicas proselitistas dos Estados Unidos, adaptadas à sociedade urbana e de massas (SILVA, 2004).

A partir do sucesso proselitista da Cruzada Nacional, surgiram as Igrejas Brasil para Cristo, em São Paulo, no ano de 1955, Deus é Amor, também em São Paulo, em 1962, a Casa da Benção, em Belo Horizonte, em 1964 e várias outras de menor expressão. A Igreja O Brasil para Cristo surgiu de uma dissidência nacionalista da Igreja do Evangelho Quadrangular e foi a primeira igreja evangélica no Brasil cujo fundador era brasileiro. Foi fundada em 1955, em São Paulo, por Manuel de Mello.

> Este um operário nordestino, sintetizava o espírito nacionalista e populista, construindo um império religioso autônomo jamais visto até então no Brasil. Segundo Freston (1993), a veia nacionalista, além de distintivo útil, refletia a disposição de alcançar maior visibilidade social, livrando-se da mentalidade acanhada do Pentecostalismo. A BPC (Igreja o Brasil para Cristo) foi sucesso imediato. Alugando espaços seculares como cinemas, ginásios e estádios, realizando grandes ajuntamentos de pessoas em dias de feriados, com presença de autoridades civis e bandas do Exército, mostram novidade no pentecostalismo brasileiro. A BPC investiu pesadamente na mídia em programas de rádio e TV. (FERNANDES, 2006. p. 74/75)

A Igreja Deus é Amor, fundada em 1962 pelo missionário David Miranda, na cidade de São Paulo. É também uma importante denominação da segunda onda pentecostal e foi considerada precursora do neopentecostalismo brasileiro, por inaugurar um dos pilares das igrejas pertencentes à terceira onda: a prática de exorcismo nos cultos, a demonização dos cultos. Até o exponencial crescimento da Igreja Universal nos anos 1990, a Igreja Deus é Amor era a referência do novo pentecostalismo brasileiro. Possui um templo para 10 mil pessoas, o Templo da Glória de Deus, em São Paulo, além de diversas estações e programas de rádio. Rosas (2009) afirma que as diferenças teológico-doutrinárias entre a primeira e segunda ondas pentecostais se reduziam à "ênfase nos dons do Espírito, que enquanto a

Assembleia de Deus e a Congregação cristã enfatizavam a glossolalia, as igrejas que surgiram em torno da década de 50 enfatizavam o dom de cura divina." (ROSAS, 2009. p. 2)

A terceira fase do pentecostalismo ficou conhecida como neopentecostalismo e tem como marco inicial a década de 1970. A principal representante desta fase é a Igreja Universal do Reino de Deus (fundada por Edir Macedo, em 1977). Outras denominações significativas são:

A Igreja Internacional da Graça de Deus (IIGD) - fundada no Rio de Janeiro, em 1980, por Romildo R. Soares, a partir de uma dissidência da IURD. Apesar disso, guarda muitas semelhanças com a Universal: a guerra espiritual contra o diabo, a teologia da prosperidade, a organização administrativa verticalizada, a programação diária de atividades nos templos, a utilização massiva da mídia. Seu líder, R. R. Soares inaugurou a programação evangélica na televisão brasileira, ainda na TV Tupi, e desde 2003 apresenta o programa Show da Fé, em horário nobre do canal aberto Rede Bandeirantes. A presença da IIGD, assim como da Universal, está consolidada especialmente nos grandes centros urbanos da região Sudeste.

A Igreja Renascer em Cristo (IRC) - fundada em São Paulo, em 1986. Assim como as outras, controla diversos meios de comunicação, são detentores da marca *gospel* no Brasil, que possui rádios, emissora de TV, editora e jornal. Além de livraria, escola (Instituto Renascer de Ensino) e cartão gospel ligado ao banco Bradesco (MARIANO, 2014). Tem como diferencial a centralidade da música gospel inclusive como estratégia evangelística, o que possibilita o alcance de um público jovem. Segundo Serra, a Renascer em Cristo é "Difusora da teologia da prosperidade e muito liberal em relação aos usos e costumes externos de santidade. Boa parte de seus membros é oriunda da classe média." (SERRA, 2005. p. 66)

A Comunidade Evangélica Sara Nossa Terra foi fundada em 1976 em Goiânia como Comunidade Evangélica e em 1992 ganhou o nome Sara Nossa Terra. Seu fundador foi Robson Lemos Rodovalho, hoje bispo primaz da denominação. Os fiéis ligados à denominação são em sua maioria de classe média, ao contrário dos que indicam os índices gerais do pentecostalismo, que atinge massivamente as classes populares (SILVA, 2004). Assim como as outras denominações neopentecostais, faz uso intenso da mídia impressa e eletrônica,

> a igreja possui um canal de TV a cabo (TV Gênesis) que gera uma programação que é retransmitida para cerca de 15 capitais e outros 250 municípios brasileiros. Além disso, há também um segmento de empresas da própria igreja (canal de televisão, empresa de turismo) que está sob a responsabilidade do órgão diretor da organização (conselho de bispos). (SILVA, 2004. p. 43)

A Igreja Mundial do Poder de Deus - de origem paulista, foi fundada em 1998 por Valdomiro Santiago, após um racha com a IURD. Para Mariano,

> Apesar de desqualificar de forma contundente sua matriz, até como recurso para tentar dela se distinguir, realçar sua originalidade e legitimar sua verdade, a Mundial reproduz e transmuta estratégias evangelísticas da IURD. Isto é, recorre ao televangelismo (clonagem relativamente difícil para a maioria das igrejas, dados os elevados custos financeiros para bancá-la), à promessa e oferta pródiga de soluções mágicas para os infortúnios enfrentados por fiéis e virtuais adeptos e ao agendamento diário da ação divina para resolver problemas específicos de sua clientela. (MARIANO, 2013. p.134)

Todas estas possuem origem brasileira, assim como fundadores brasileiros. Observamos que se mantém a ênfase no centro-sul brasileiro já observada na segunda fase do pentecostalismo, embora haja um deslocamento inicial maior para o Rio de Janeiro por conta da importância que assume a Igreja Universal do Reino de Deus, cuja origem é carioca.

Segundo Mariano (2014), o neopentecostalismo inova teologicamente com a criação da teologia da prosperidade e a guerra espiritual contra o diabo e que em termos organizacionais, a estrutura empresarial das igrejas neopentecostais seria a grande diferença em relação às outras correntes que já faziam uso, por exemplo, dos meios de comunicação de massa e da ocupação do espaço da política formal. Essas características configuram não apenas diferenças internas às Igrejas, mas também no que diz respeito ao modo de evangelização e às formas de ocupação de espaços, pois são práticas não só liturgicamente, mas também organizativa e estruturalmente diferenciadas. É neste sentido que Mariano afirma sobre o neopentecostalismo:

> são suas consideráveis distinções de caráter doutrinário e comportamental, suas arrojadas formas de inserção social e seu ethos de afirmação do mundo. […] Isto é, quanto menos sectária e ascética e quanto mais liberal e tendente a investir em atividades extra-igreja (empresariais, políticas, culturais, assistenciais), sobretudo naquelas tradicionalmente rejeitadas ou reprovadas pelo pentecostalismo clássico, mais próxima tal hipotética igreja estará do espírito, do ethos e do modo

> de ser das componentes da vertente neopentecostal. (MARIANO, 2014. p.37)

O neopentecostalismo possui diversas características de continuidade em relação às fases anteriores do pentecostalismo, “antiecumenismo, líderes fortes, uso de meios de comunicação de massa, estímulo à expressividade emocional, participação na política partidária, pregação da cura divina” (MARIANO, 2014. p. 36). O sociólogo identifica três aspectos fundamentais que causam ruptura com o sectarismo e asceticismo pentecostal e distinguem o neopentecostalismo das fases anteriores: “1) exacerbação da guerra espiritual contra o Diabo e seu séquito de anjos decaídos; 2) pregação enfática da Teologia da Prosperidade; 3) liberalização dos estereotipados usos e costumes de santidade”. (MARIANO, 2014, p. 36).

A guerra espiritual (1), ou batalha espiritual, é parte da Teologia do Domínio, que está “fundamentada na crença de que se vive e participa-se de uma guerra cósmica entre Deus e o Diabo pelo domínio da humanidade.” (COSTA, 2010. p. 30). Neste sentido, tudo que não é criação divina e não se encaixa nos valores aceitos pela religião, é demonizado. Principalmente as religiões afro-brasileiras, mas também o espiritismo e o catolicismo são inseridos nesta lógica como crenças a serem combatidas e seus fiéis vistos como indivíduos que precisam ser libertados (do domínio do Diabo).

A Teologia da Prosperidade (2) é diretamente associada a uma gestão empresarial dos templos e das próprias igrejas, assim como ao termo igreja eletrônica, justificada pela intensa utilização da mídia para proselitismo em massa e propaganda religiosa. A mensagem da prosperidade, “em vez de enfatizar, como insistiam seus irmãos de fé, o abrupto fim apocalíptico deste mundo, ao qual prontamente se seguiria a bem-aventurança dos eleitos no Paraíso celestial” (MARIANO, 2014, p. 8), visa a pregação mais imediatista, de uma vida terrena que seja feliz e onde se goze no presente do que houver de bom neste mundo.

A liberalização dos costumes de santidade (3) está associada ao rompimento da noção cristã, que se mantinha nas fases anteriores do pentecostalismo, de que a “existência terrena do verdadeiro cristão seria dominada pela pobreza material e pelo sofrimento da carne”. (MARIANO, 2014, p. 44) Com isso, o neopentecostalismo gera mudanças comportamentais que rompem com “vários traços sectários, hábitos ascéticos e o velho estereótipo pelo qual os crentes eram reconhecidos e, implacavelmente, estigmatizados.” (MARIANO, 2014, p. 8) e

possibilitam adaptações destes grupos à sociedade. Tal característica, de ruptura do asceticismo e sectarismo e da defesa da busca terrena por riqueza, dinheiro e prazeres, associa-se também à teologia da prosperidade e revela-se adaptada a valores produzidos pela sociedade capitalista.

O neopentecostalismo gera, em relação à fase anterior do pentecostalismo, um deslocamento da oposição entre o crente e o mundo para uma oposição entre o crente e o não crente (MAFRA, 2001). A oposição ao mundo significa a existência de características que diferenciem o crente, ou o mundo crente, do restante do mundo. Neste sentido, a ideia de mundo implica a existência do comum, de uma comunidade crente, capaz de criar relações de identidade entre si e com um determinado lugar. Na oposição crente e não crente do neopentecostalismo há uma individualização na forma de vivenciar a religiosidade, no máximo estendida ao tradicional núcleo familiar. O crente é integrado ao mundo, o que é explicitado pelos costumes e valores mais liberais do neopentecostalismo. A oposição com o não crente é a própria configuração da batalha espiritual característica desta fase. Essa mudança demonstra modos distintos do crente estar no mundo.

Assim como a relação do indivíduo, também a relação da igreja, enquanto instituição é transformada pela neopentecostalização. Características como a participação na política institucional e organização das igrejas como partidos políticos, e a organização empresarial das igrejas, prática diretamente associada à teologia da prosperidade, transforma o modo como tais igrejas abordam e aglutinam possíveis fiéis, que passam a ser agrupados por categorias profissionais, segmentos sociais, gênero, como aprofundaremos no capítulo 2 a partir do exemplo da Igreja Universal.

David Harvey (2014), em seu livro A condição pós-moderna, produziu uma tabela comparativa entre o que ele chamou de modernidade fordista e pós-modernidade flexível, ou “tendências opostas na sociedade capitalista como um todo” (HARVEY, 2014. p. 304). O Quadro 2 reproduz alguns tópicos da tabela de Harvey (2014) que mais diretamente se relacionam com essas transformações que destacamos também no âmbito religioso.

Quadro 2 – Modernidade fordista versus Pós-modernidade flexível

Modernidade fordista	Pós-modernidade flexível
Paranoia / alienação / sintoma / habitação pública / capital monopolista	Esquizofrenia / descentração / desejo / desabrigados / empreendedorismo
Poder do Estado/sindicatos/Estado de bem-estar social/ metrópole	Poder financeiro / individualismo / neoconservadorismo / contraurbanização
Ética / mercadoria-dinheiro / Deus Pai / materialidade	Estética / dinheiro contábil / o Espírito Santo / imaterialidade
Produção / originalidade / autoridade / operário / vanguardismo / política de grupo de interesse / semântica	Reprodução / pastiche / ecletismo / administrador / comercialismo / política carismática / retórica

[excerto da tabela 4.1] HARVEY, 2014. p. 304

O próprio autor salienta que o esquema não pretende generalizar, reduzir ou esgotar em padrões e representa apenas "um momento sintético em algum lugar entre os dois extremos", o que significa dizer que o quadro é apenas uma simplificação da realidade e que elementos de ambas as fases transitam e podem coexistir. Algumas distinções que fizemos entre as fases do pentecostalismo, revelam o quanto o neopentecostalismo está afinado, adaptado e condizente com o atual estágio de acumulação e reprodução do capital em nossa sociedade, o padrão flexível de produção. Dentre as características observadas, algumas merecem destaque, pois são transversais à pesquisa e serão retomadas ao longo do texto. São elas: empreendedorismo, individualismo e neoconservadorismo, o Espírito Santo, imaterialidade, política carismática e retórica, apresentados no quadro em contraposição a características de denominações de fases anteriores do protestantismo.

1.1.1 Influência estadunidense e a neopentecostalização

No romance "Clara dos Anjos", escrito em 1922 por Lima Barreto, há uma passagem que parece interessante para referir-se à entrada de pastores estado-unidenses no campo religioso brasileiro.

> Chefiava os protestantes um americano, Mr. Quick Shays, homem tenaz e cheio de uma eloqüência bíblica, que devia ser magnífica em inglês; mas que, no seu duvidoso português, se tornava simplesmente pitoresca. Era Shays Quick ou Quick Shays daquela raça curiosa de yankees fundadores de novas seitas cristãs. De quando em quando, um cidadão protestante

> dessa raça que deseja a felicidade de nós outros, na terra e no céu, à luz de uma sua interpretação de um ou mais versículos da Bíblia, funda uma novíssima seita, põe-se a propagá-la e logo encontra dedicados adeptos, os quais não sabem muito bem por que foram para tal novíssima religiãozinha e qual a diferença que há entre esta e a de que vieram. Lá, na sua terra, como aqui, esses pequenos luteros fazem prosélitos; lá, mais do que aqui. Mr. Shays obtinha, nas vizinhanças do carteiro Joaquim dos Anjos, não prosélitos, mas muitos ouvintes, dos quais uma quinta parte afinal se convertia. (BARRETO, 1922 e pg. 3)

Lima Barreto, cronista atento ao cotidiano do Rio de Janeiro, então capital nacional, captou o fenômeno recente da presença de novas religiões no país, o que fica perceptível no trecho pela curiosidade com que a vizinhança lida com a presença de Mr. Quick Shays, um missionário protestante estadunidense que se instala no subúrbio da cidade.

A origem do pentecostalismo é estadunidense, assim como a do neopentecostalismo. Enquanto o catolicismo e o protestantismo histórico, relacionado aos ideais da Reforma Protestante, tiveram origem na Europa, o pentecostalismo surge e desenvolve-se concomitante ao período de consolidação do deslocamento do eixo imperialista europeu para os Estados Unidos enquanto grande potência econômica mundial. O avanço imperialista estadunidense não se limita, porém, a aspectos diretamente econômicos, mas também a aspectos e valores culturais e religiosos. A expansão da indústria cultural, potencializada pela consolidação do meio técnico-científico-informacional a partir dos anos 1970 (SANTOS, 2009), tem um importante papel nesta difusão de valores, pois corresponde à internacionalização da cultura norte-americana, através da música, dos programas televisivos e filmes, da internet, todos estes, bases a partir dos quais também o pentecostalismo se desenvolveu, com cultura gospel e tele-evangelismo, por exemplo.

Tanto no protestantismo de missão do século XIX, como, principalmente, na entrada do pentecostalismo no País, a influência dos EUA é inegável. A Igreja Brasil para Cristo, fundada em 1955, foi a primeira igreja pentecostal fundada por um brasileiro. Até então todas haviam sido importadas do exterior ou fundadas por estrangeiros a partir de cismas com alguma denominação do protestantismo histórico. Este é o caso da Assembleia de Deus, cujos fundadores frequentavam a Igreja Batista, mas saíram desta para fundar a Assembleia de Deus. Mesmo os estrangeiros não estadunidenses lideranças destas denominações, foram influenciados ou formados pelo pentecostalismo norte-americano. Já a Igreja do Evangelho Quadrangular, por exemplo, contou com a presença direta de missionários estadunidenses

filiados à igreja matriz (International Church of The Foursquare Gospel), que aqui fundaram a versão brasileira.

Assim como outras igrejas neopentecostais, a Igreja Universal é de origem brasileira e hoje está espalhada por diversos países. O relato de Edir Macedo sobre a expansão internacional da Universal ter sido iniciada pelos Estados Unidos, revela a importância das relações com este país para tal denominação.

> Sabia que ali era o centro do mundo, o caminho certo para o avanço internacional da pregação do Evangelho. Para mim, estavam evidentes as oportunidades que os Estados Unidos representavam para a divulgação da Palavra de Deus. Desembarquei sozinho na Ilha de Manhattan, a convite do pastor norte-americano Forrest Higginbotham. Nova York era apenas a porta de entrada, o início de uma longa jornada.[9]

Apesar de o termo neopentecostalismo ter sido criado no Brasil e de denominações de projeção mundial terem suas origens aqui, as características desta fase do pentecostalismo no Brasil já estavam sendo elaboradas e experimentadas nos Estados Unidos, através do movimento de Renovação Carismática. A projeção que o pentecostalismo ganhou no Brasil não ocorre por mero estrangeirismo. À medida que se expande no país, ou inclusive por isso, as influências imbricam-se com a realidade brasileira o que acaba por produzir características próprias. O tele-evangelismo, por exemplo, característica importante do pentecostalismo, cuja origem é estadunidense, foi intensamente incorporado no Brasil, mas de forma singular. Segundo Costa,

> Diferentemente do televangelismo dos ministérios eletrônicos norte-americanos onde os programas são personalistas e relativamente autônomos em relação às denominações, o televangelismo neopentecostal está inserido numa estratégia de crescimento denominacional. (COSTA, 2010. p. 33)

A realidade brasileira, com influências socioculturais distintas, foi capaz de criar processos particulares de desenvolvimento do pentecostalismo, que ao mesmo tempo em que enfrentam e disputam espaço com o catolicismo popular e as religiões afro-brasileiras, incorporam elementos de ambos. Além disso, Campos defende a ideia de que, mesmo diante da origem estadunidense do pentecostalismo, este movimento possui raízes africanas, o que para o autor teriam facilitado sua adaptação à realidade brasileira. Um dos fundadores do

[9] Início da Universal nos Estado Unidos. https://blogs.universal.org/bispomacedo/historia-do-bispo/inicio-da-universal-nos-eua/ (Acessado em 12 de fevereiro de 2019)

pentecostalismo no EUA foi William Seymour, "um negro, filho de ex-escravos, que se tornou celebridade por causa dos eventos de Azuza Street[10]", que foi capaz

> de catalisar e de descobrir as raízes africanas do movimento pentecostal. Por isso, Azuza Street se tornou o cadinho em que se produziria uma religiosidade que valorizaria alguns traços da tradição negra: oralidade da liturgia; teologia e testemunhos oralmente apresentados; inclusão de êxtase, sonhos e visões nas formas públicas de adoração; holismo quanto às relações corpo-alma; ênfase nos aspectos xamânicos da religião; uso de coreografias e de muita música no culto. (CAMPOS, 2005. p.112)

Mais recentemente, a partir da expansão do neopentecostalismo no Brasil, especialmente do vertiginoso crescimento da Igreja Universal a partir da década de 1980, tem havido um processo que Ricardo Mariano denominou de neopentecostalização. O sucesso com o qual o neopentecostalismo tem conseguido dialogar com a população, alcançando diferentes esferas da vida, acaba por promover este processo (Mariano, 2014), caracterizado pela crescente influência neopentecostal sobre as demais igrejas. O fortalecimento, o poder de influência e especialmente as mudanças trazidas pelo neopentecostalismo, não apenas no âmbito religioso, mas sobretudo no que diz respeito a este caráter empresarial, associado à teologia da prosperidade, a uma maior liberdade de costumes e à sua internacionalização, revelam-se diretamente conectadas ao atual momento de desenvolvimento do capitalismo.

Diante dos costumes menos rígidos do neopentecostalismo, práticas tidas como inovadoras por suprimirem o dualismo crente x mundo, passam a ser incorporadas por diversas igrejas pentecostais de fases anteriores, na "ânsia destas para absorverem e reproduzirem as novas crenças e práticas de sucesso e agrado das massas" (MARIANO, 2014, p. 39). Mariano exemplifica algumas destas práticas:

> seus fiéis foram liberados para vestir roupas da moda, usar cosméticos e demais produtos de embelezamento, frequentar praias, piscinas, cinemas, teatros, torcer para times de futebol, praticar esportes variados, assistir a televisão e vídeos, tocar e ouvir diferentes ritmos musicais. (…) Em todas as vertentes permanece, porém, a interdição ao consumo de álcool, tabaco e drogas e ao sexo extraconjugal e homossexual. (MARIANO, 2004. p. 124)

A partir da metade do século XX, num contexto de polarização da guerra fria, surge nos Estados Unidos o movimento de Renovação Carismática, que transformou o

[10] Um dos marcos do surgimento do pentecostalismo foram os cultos que ocorriam na rua Azuza, Los Angeles, Califórnia. Em 1906 ocorreu a primeira reunião de avivamento liderada por Seymour no local (CAMPOS, 2005).

pentecostalismo daquele país ao incorporar práticas que estavam alcançando as massas e centrar força na Teologia da Prosperidade e na Teologia do Domínio. Tais transformações foram no Brasil chamadas de neopentecostalismo, cujas bases foram lançadas neste momento. Já o movimento de Renovação Carismática no Brasil está mais associado à Igreja Católica, com perfil anticomunista e lançado como resposta aos grupos de esquerda da Igreja Católica (PRANDI, 1996). Para o sociólogo Reginaldo Prandi, a crença nos dons do Espírito Santo aproxima a Igreja Católica do movimento pentecostal. O movimento da Renovação Carismática é símbolo do seu posicionamento em oposição a movimentos progressistas dentro de dentro da própria Igreja que, fortalecidos na luta contra a Ditadura Militar e influenciados e ligados à Teologia da Libertação, vinham pautando questões sociais a partir da perspectiva religiosa. Neste sentido, a Renovação Carismática valorizava, como o pentecostalismo, questões da individualidade e intimidade em detrimento de questões sociais e da participação política, por isso Prandi (1996) a chamou de "a carismática despolitização da Igreja Católica".

Além da Igreja Católica, algumas igrejas do protestantismo histórico ou do pentecostalismo clássico passaram por este processo de renovação ou pentecostalização. Dentre elas, a Igreja Presbiteriana Renovada, as Igrejas Batistas da Convenção Nacional, a Igreja Metodista Wesliana, a Igreja do Avivamento Bíblico, a Igreja Cristã Maranata e a Igreja Adventista da Promessa. A respeito das transformações por que passou a primeira onda pentecostal, Bandini afirma que

> A Assembleia de Deus transfere aos seus primeiros pastores brasileiros a marca da simplicidade e do desinteresse pela ascensão econômica, porém o desinteresse se perde no final dos anos 90, quando a denominação começa a seguir os passos da IURD em direção ao 'sucesso' político e econômico conquistado por ela. (BANDINI, 2008. p.183)

Assim como muitas outras denominações que surgiram antes da terceira onda pentecostal, em 1970, a Assembleia de Deus sofreu muitas transformações influenciadas pelo neopentecostalismo, como a demonização dos cultos, a lógica empresarial da Igreja com a Teologia da Prosperidade, a forte presença do tele-evangelismo e a crescente participação na política.

1.1.2 Teologia da prosperidade

A Teologia da Prosperidade forneceu a base ideológica ao neopentecostalismo (ORO, 2001) e corresponde a um conjunto de princípios que prevê que

> o cristão verdadeiro tem o direito de obter a felicidade integral, e de exigi-la, ainda durante a vida presente sobre a terra, bastando para isso que tenha confiança incondicional em Deus. (…) Essas igrejas pregam que só não é próspero financeiramente, saudável e feliz aquele que não tem fé e não segue os ditames bíblicos acerca das promessas divinas. (SILVA, 2008. p. 36)

Esta teologia não associa a morte à redenção divina, que é a justificativa à postura do sacrifício da vida terrena no cristianismo. Assim, prega em defesa da prosperidade material no lugar do sofrimento e da pobreza. Segundo Mariano,

> em vez de valorizar temas bíblicos tradicionais de martírio, auto sacrifício, isto é, a "mensagem da cruz" – que apregoa o ascetismo (negação dos prazeres da carne e das coisas deste mundo) e a perseverança dos justos no caminho estreito da salvação, apesar do sofrimento, das injustiças e perseguições promovidas pelos ímpios contra os servos de Deus -, a Teologia da Prosperidade valoriza a fé em Deus como meio de obter saúde, riqueza, felicidade, sucesso e poder terrenos. (MARIANO, 2014, p. 158).

A Teologia da Prosperidade surgiu nos Estados Unidos em meados do século XX e foi difundida através de líderes pentecostais e católicos ligados ao movimento da Renovação Carismática, especialmente a partir dos anos 1970, através do tele-evangelismo (MARIANO, 2014). Alguns pastores tele-evangelistas que impulsionaram estes princípios foram: Essec William Kenyon, precursor da Teologia da Prosperidade na primeira metade do século XX, através da crença na Confissão Positiva, na qual a palavra confessa tem força de realização; Keneth Hagin, que criou o Movimento Palavra de Fé; o tele-evangelista Kenneth Copeland; Pat Robertson, que fundou a rede televisiva TBN, importante espaço de divulgação da palavra de fé, além da criação da Coalização Cristã, frente política voltada à organização de grupos cristãos na política; dentre outros pastores também tele-evangelistas e/ou autores de livros sobre o tema como Benny Hinn e Peter Wagner (ARAÚJO, 2015; MARIANO, 2014).

No Brasil, a Teologia da Prosperidade chegou através do bispo canadense Robert McAlister, fundador da Igreja Nova Vida, da qual Edir Macedo e R. R. Soares fizeram parte.

Um cartão veiculado nas redes sociais da Igreja convoca os fiéis para a palestra “Fé e finanças: vida com abundância hoje e no porvir”, onde fiéis poderão compreender o caminho para a realização do acordo com Deus, através do qual os que creem deverão prosperar. Além disso, todas as segundas-feiras os cultos, ou reuniões, nos templos da Universal são chamados de Nação dos 318 e possuem caráter “motivacional para o sucesso financeiro”, como o próprio site da Igreja descreve.

A Teologia da Prosperidade é uma das mais eficientes características da Igreja Universal, sendo inclusive referência a outras igrejas, que se apropriaram de algumas de suas práticas. No nível do indivíduo, esta teologia provoca, a partir da ideia da busca pela felicidade terrena, uma postura ativa no crente, mesmo que não se efetivem mudanças objetivas na vida. No que diz respeito ao fortalecimento da instituição IURD, a teologia também foi muito bem sucedida, pois justificou e viabilizou investimentos institucionais na mídia e na abertura e construção de templos.

A partir dos anos 1990, a Igreja Universal passou a ser tratada por diversos pesquisadores como empresa, geradora de lucros, que comercializa produtos religiosos e explora fiéis. Ricardo Mariano (2008) realizou levantamento acerca destes trabalhos, em que identifica formas de se referir à Igreja pelo seu modelo empresarial de gestão (ORO, 1992), suas estratégias de marketing (FONSECA, 1997; CAMPOS, 1996), sua estruturação como “negócio” (PRANDI, 1996) e “como empresa econômica e a religião como fonte de lucro e enriquecimento pessoal (PIERUCCI apud MARIANO, 2008. p. 72)

A Teologia da Prosperidade do neopentecostalismo trata-se de um projeto empreendedor e adaptado aos princípios neoliberais, capaz de transformar o modo de evangelização e a prática religiosa dos fiéis, assim como as igrejas enquanto instituições. Na Igreja Universal há um estímulo, por exemplo, a que seus fiéis descontentes em seus trabalhos deixem de ser empregados e abram seus próprios negócios (GUTIERREZ, 2017), ou seja, a lógica empreendedora, mesmo que microempreendedora, como caminho mais viável para a transformação das condições de vida, em busca da prosperidade. Nos meios de comunicação da Igreja, especialmente no site e na Folha Universal impressa, esta temática é recorrente, conforme algumas manchetes demonstram: “O segredo para alcançar a prosperidade”[11];

[11] https://www.universal.org/blog/2018/05/06/o-segredo-para-alcancar-a-prosperidade/ (Acesso em 02/03/2019)

“Pensando em empreender e ainda não tem um modelo de negócios?”[12]; “Quer abrir o seu negócio? Veja o que o casal Silvino e Luciana fez para montar uma empresa de fotografia e se manter próspero no mercado”[13]; “Empreender é o caminho para gerar renda: Conheça os desafios de pessoas que abriram um negócio próprio e saiba como se planejar para melhorar a vida financeira com o empreendedorismo[14]”

Segundo Harvey (2008), “O pressuposto de que as liberdades individuais são garantidas pela liberdade de mercado e de comércio é um elemento vital do pensamento neoliberal” (HARVEY, 2008. p.12) e esta defesa das liberdades individuais casadas à liberdade econômica, é justamente o que alimenta a Teologia da Prosperidade, uma vez que prevê um individualismo baseado nas ideias de 'faça você mesmo' e de que 'suas conquistas dependem unicamente do seu esforço' justificados pela redenção divina, em que os fiéis devem usufruir ainda na terra dos bens que Deus reservou aos seus filhos. A Teologia mostra-se adaptada ao neoliberalismo, que incentiva o individualismo e o empreendedorismo, e acrescenta a este um conteúdo religioso e moral.

Weber (2001), no livro “A Ética Protestante e o espírito do capitalismo”, parte de um contexto europeu, na transição para o século XX, para afirmar que “homens de negócios e donos do capital, assim como os trabalhadores mais especializados e o pessoal mais habilitado técnica e comercialmente das modernas empresas, são predominantemente protestantes.” (WEBER, 2001. p. 39). Weber afirma que com a Reforma Protestante, o lucro passou a ser encarado como vontade divina, assim, as atividades lucrativas e a ambição do lucro passam a ser vistas como um bem comum à sociedade. A análise de Weber parte de forma inconteste da centralidade europeia no contexto do desenvolvimento capitalista e da história ocidental de modo geral, mas prima pela capacidade de relacionar a cultura e a religião modernas ocidentais ao surgimento e desenvolvimento do capitalismo naquele contexto.

Sobre o cristianismo, e especialmente o protestantismo, em sua relação com o capitalismo, Walter Benjamin afirma que,

[12] Notícia: Pensando e m empreender e ainda não tem um modelo de negócios. 18.03.2018 https://www.universal.org/blog/2018/03/18/pensando-em-empreender-e-ainda-nao-tem-um-modelo-de-negocios/ (Acesso em 02/03/2019)
[13] Notícia: Quer abrir seu negócio? 09.10.2016. https://www.universal.org/blog/2016/10/09/quer-abrir-o-seu-negocio/ (Acesso em 02/03/2019)
[14] Notícia: Empreender é o caminho para gerar renda. 06.05.2018. https://www.universal.org/blog/2018/05/06/empreender-e-o-caminho-para-gerar-renda/ (Acesso em 02/03/2019)

> […] no Ocidente, o capitalismo se desenvolveu como parasita do cristianismo – o que precisa ser demonstrado não só com base no calvinismo, mas também com base em todas as demais tendências ortodoxas –, de tal forma que, no final das contas, sua história é, essencialmente, a história de seu parasita, ou seja, do capitalismo (BENJAMIN, 2013, p. 21).

Assim, vemos que a história do cristianismo e da sociedade moderna ocidental são inseparáveis. O protestantismo histórico, que surge da reforma protestante europeia, representou, de certa forma, a própria capacidade de adaptação do cristianismo ao surgimento do capitalismo naquele contexto. As religiões, como parte da superestrutura de uma sociedade, não estão desconectadas das relações produtivas desta sociedade. E, embora muitas vezes a cultura religiosa seja associada a uma noção de tradição como imutabilidade, as religiões são sempre praticadas por pessoas do seu próprio tempo.

No caso especialmente das religiões evangélicas neopentecostais, criadas já no âmbito da sociedade contemporânea, em meados do século XX, observa-se a própria liturgia imbricada com valores capitalistas, como o consumo e a prosperidade. Suas características empresariais são implementadas a partir de estratégias racionalizadas para sobreviverem ao mercado competitivo. Neste sentido, a lógica do neopentecostalismo é a do investimento e não mais da poupança, o trabalho e o dinheiro devem ser gozados nesta vida. A respeito da IURD, Silva afirma que a denominação resgata, através da Teologia da Prosperidade, uma ética protestante em que o dinheiro, lucro e bens são considerados como sinais de bênçãos e até do desejo de Deus (SILVA, 2008). Contudo, segundo Mariano,

> […] no neopentecostalismo, o crente não procura a riqueza para comprovar seu estado de graça. Não se trata disso. Como todos os demais, crentes e incréus, ele quer enriquecer para consumir e usufruir de suas posses nesse mundo. Sua motivação consumista, notadamente mundana, foge totalmente ao espírito do protestantismo ascético, sobretudo de vertente calvinista. (MARIANO, 2014, p. 185)

Ou seja, não é mais o esforço do trabalho e da poupança que são o caminho à ascese, como indicado na ética protestante, agora a própria libertação espiritual, o batismo e o dízimo firmam o trato com Deus que possibilita o crente enriquecer, prosperar.

1.1.3 Teologia do Domínio: a guerra espiritual

Assim como a Teologia da Prosperidade, a Teologia do Domínio também é uma concepção de origem estadunidense. Para Rosas (2015), teria sido difundida a partir dos anos 1980, especialmente por Peter Wagner, teólogo e professor do Fuller Theological Seminary, ainda hoje, um dos principais centros de formação de lideranças pentecostais nos Estados Unidos[15]. Atualmente, existem diversas outras organizações que reúnem líderes evangélicos adeptos das concepções de batalha espiritual, das quais as mais significativas são a Rede Internacional de Guerra Espiritual[16] e a Glory of Zion International Ministries[17].

Na Teologia do Domínio defende-se a ideia de que

> […] o domínio e a autoridade sobre a terra foram dados por Deus aos homens desde Adão, mas foram perdidos pelo pecado original. Recuperados por Jesus através do sacrifício vicário, devem ser retomados pelos crentes. Isso se daria por meio de luta espiritual contra o diabo, que estaria bloqueando a atmosfera da terra e impedindo o fluxo do céu e a emanação de bênçãos advindas do alto. (ROSAS, 2015. p. 246)

No Brasil, o neopentecostalismo se expande também a partir da base teológica da guerra espiritual, que confronta diretamente com elementos estruturantes da sociedade brasileira, as religiões afro-brasileiras, candomblé e umbanda, e o catolicismo popular, que são diretamente associadas às práticas demoníacas e por isso vistas como um mal a ser combatido, seus fiéis libertados e convertidos. Silva afirma que "A visão demoníaca das religiões afro-brasileiras propagada pelo neopentecostalismo já estava presente nas fases anteriores do movimento pentecostal como elemento da teologia da cura divina" (SILVA, 2007. p. 209)**.** A exacerbação desta demonização, a extensão a todas as esferas da vida e a postura de combate e guerra aos espíritos é nova no neopentecostalismo e o diferencia de outras fases do protestantismo.

[15] O site do seminário indica que o objetivo da escola é: "equipar os líderes com mentes para cuidadosa erudição corações para o evangelho imutável e salvador de Jesus Cristo." https://www.fuller.edu/our-history/ (Acesso em 10 de março de 2019)

[16] A rede tem origem estadunidense e o nome original é Spiritual Warfare Team. O site da organização tem como chamada: "It's a good day to war!" (É um bom dia para a guerra! Tradução livre). https://www.spiritualwarfareteam.com/home.html (Acesso em 10 de março de 2019)

[17] O site da organização indica a respeito da batalha espiritual que: "Realizar os propósitos de Deus na terra não é sem oposição. Somos chamados a enfrentar o inimigo e libertar seus cativos." https://gloryofzion.org/about/ (Acesso em 10 de março de 2019)

Em 1968, o missionário canadense Walter Robert McAlister, fundador da Igreja Pentecostal Nova Vida, publicou o livro Mãe-de-santo, com depoimentos pessoais de uma mãe-de-santo baiana que foi convertida. O livro é dedicado "às vítimas do poder diabólico do Candomblé e da Umbanda". A respeito da batalha espiritual, o autor afirma que "não se trata de ver as religiões afro-brasileiras como folclore, crendice popular, ignorância ou imaginação, mas reconhecer que suas divindades 'existem', embora sejam 'na verdade' 'espíritos demoníacos' que enganam e ameaçam o povo brasileiro" (MCALISTER, 1983. p. 59).

Na mesma perspectiva que McAlister, Edir Macedo afirma que há uma verdade que precede todo o discurso evangelizador, sintetizada na frase: "Devemos, entretanto, afirmar, de início, que eles [demônios] existem. São espíritos sem corpos, anjos decaídos, rebeldes que atuam na humanidade, desde o princípio, com a finalidade de destruí-la e afastá-la de Deus" (MACEDO, 2001. p. 14). É neste sentido que se configura uma guerra espiritual, na qual os demônios são a causa de todos os males que afetam os seres humanos e devem ser combatidos através de rituais de exorcismo. Paradoxalmente, os demônios tornam-se figuras essenciais à manutenção da dualidade deus x diabo, bem x mal. Ao mesmo tempo em que combate a ação e presença ilimitada dos demônios, ou justamente como estratégia para tal, a Igreja Universal inaugura e potencializa o uso de diversos elementos simbólicos brasileiros, cuja natureza são as religiões a que se opõe.

Almeida reflete a respeito deste paradoxo neopentecostal, relacionando-o com a realidade brasileira, na qual os elementos apropriados, ressignificados e também combatidos e negados são basicamente signos da religiosidade afro-brasileira.

> Ela ficou mais parecida com a religiosidade inimiga ao elaborar um sincretismo às avessas que associou as entidades da umbanda e orixás do candomblé ao polo negativo do cristianismo: o diabo. Se originalmente os universos foram formados em contextos diferentes, a interação (produto do trânsito de pessoas e ideias) gerou uma religiosidade que mistura exus com glossolalia, exorcismo com transe; de tal maneira que se estabeleceu uma continuidade pela qual as entidades puderam transitar e esses universos puderam, pelo transe, se comunicar. (ALMEIDA, 2001. p.14)

O livro de Edir Macedo, "Orixás, caboclos e guias – deuses ou demônios?"[18], é explícito em seu objetivo: "ajudar pessoas que vivem sofrendo por estarem enganadas e entrelaçadas pelos espíritos malignos. Dedico esta obra a todos os pais-de-santo e mães-de-santo do Brasil porque eles, mais que qualquer pessoa, merecem e precisam de um esclarecimento" (MACEDO, 2001. p. 9). Deixando claro que, de forma muito racional, ao mesmo tempo em que aniquila a religião que, para o autor, cultua os demônios, não nega a religião inimiga, mas a encara de frente, buscando esclarecer para conquistar e converter.

Alguns dos ritos e práticas sincretizados e incorporados, especialmente pela Igreja Universal, são a realização de sessões de descarrego e fechamento de corpo, nas quais deve-se levar uma peça de roupa branca, sempre às sextas-feiras, dia em que adeptos do candomblé e umbanda costumam usar roupas brancas; utilização de elementos como sal grosso, água benta e arruda, característicos de uma religiosidade popular brasileira; desfazer mau-olhado, retirar encosto, dentre outros (MARIANO, 2008).

Marcelo Crivella escreveu um livro a respeito da sua experiência como bispo da IURD na África, no qual explica "qual deveria ser a posição dos verdadeiros cristãos quanto a esses instrumentos do diabo" (CRIVELLA, 2002. p. 10). Os objetivos de Macedo e Crivella em seus respectivos livros assemelham-se e revelam as estratégias de atuação e combate aos demônios. Embora o livro de Macedo apresente que os espíritos/demônios estariam presentes e seriam cultuados nas mais diversas e antigas religiões, dando exemplo do hinduísmo, dos deuses gregos, das diversas religiões africanas etc., para analisarmos o neopentecostalismo no Brasil, lida-se com o embate direto não apenas à religiosidade, mas à cultura afro-brasileira, pois estas seriam, na realidade, estratégias de manifestação dos demônios. Macedo sinaliza que "No Brasil, em seitas como vodu, macumba, quimbanda, candomblé ou umbanda, os demônios são adorados, agradados ou servidos como verdadeiros deuses. (…) Na realidade, orixás, caboclos e guias, sejam lá quem forem, tenham lá o nome mais bonito, não são deuses" (MACEDO, 2001. p. 15), enquanto Crivella revela em seu livro que

> Este livro não tem a intenção de denegrir o aspecto cultural das tradições africanas, mas de mostrar o caminho para a libertação daqueles que se envolveram com os espíritos, assim como desmascarar as estratégias do diabo e seus demônios através de diversos rituais disfarçados de Cultura africana. (CRIVELLA, 2002. p. 23)

[18] O livro foi embargado pela justiça devido à ofensiva direta especialmente contra a cultura e religião afro-brasileira, mas a capa do livro expõe a situação "até que enfim liberado pela justiça", de forma que inverte o discurso e coloca a Universal na posição de desfavorecida e injustamente perseguida.

Pode-se dizer que há também uma tendência simplificadora, que é ao mesmo tempo reducionista e muito eficiente, ao sinalizar que todos os males da humanidade têm origem no diabo, logo, mais do que qualquer outra coisa, deve-se combatê-lo. Macedo afirma: "procuraremos desvendar e elucidar a origem de todos os males da humanidade. Doenças, miséria, desastres e todos os problemas que afligem o ser humano desde que este iniciou a sua vida na Terra têm uma origem: o diabo" (MACEDO, 2001. p. 19). A origem da miséria estaria no diabo, excluindo os processos sociais de qualquer compreensão e estabelecendo a relação com a Teologia da Prosperidade, através da ideia de que ao se libertar do diabo, combate-se a miséria e abre-se caminho à prosperidade. A respeito desta relação entre mundo material e mundo espiritual, Mariano afirma que "Os neopentecostais creem que o que se passa no 'mundo material' decorre da guerra travada entre as forças divina e demoníaca no 'mundo espiritual'. Guerra, porém, que não está circunscrita apenas a Deus/anjos X Diabo/demônios" (MARIANO, 2014. p.113).

Os neopentecostais, e especialmente a Igreja Universal, concebem o mundo como um campo de batalha (CAMPOS, 1999). A postura beligerante da instituição demonstra que a Teologia do Domínio produz, como a da Prosperidade, uma postura ativa nos fiéis e na instituição. A Teologia da Prosperidade trabalha diretamente com o indivíduo e a sua força de vontade para vencer, empreender e prosperar na vida. Já a Teologia do Domínio prevê, a partir da noção de batalha, uma ação, que é o que caracteriza a batalha espiritual, a ação sobre aquele que deve ser liberto.

A Teologia do Domínio pressupõe a libertação e, portanto, a conversão e encontro com Deus, mas para além disso, a ação sobre o indivíduo a ser liberto e convertido, que é o ritual de exorcismo e expulsão do demônio. Ou seja, se o demônio está, em última instância nos próprios indivíduos, a ação não depende apenas do indivíduo a ser liberto e de sua força de vontade, é preciso a presença e a ação do outro sobre este indivíduo (num ato de exorcismo ou descarrego). Sobre a força da ação, Mariano afirma que mesmo sem consciência o indivíduo está posicionado em alguma frente de batalha:

> Os seres humanos, conscientes disso ou não, participam ativamente de uma ou de outra frente de batalha. Voluntariamente engajados no lado divino, creem deter poder e autoridade, concedidos a eles por Deus, para, em nome de Cristo, reverter as obras do mal. Isto é, acreditam-se capazes de alterar realidades indesejáveis do 'mundo material' por meio de seu vínculo de fé com as forças divinas. (MARIANO, 2014. p.113).

O proselitismo[19] é um movimento que prevê a disputa e a conquista e não é exclusividade do neopentecostalismo ou mesmo do cristianismo. O trecho da música Agnus Sei, de João Bosco: "Os heróis do bem prosseguem na brisa na manhã / Vão levar ao reino dos minaretes / A paz na ponta dos arietes / A conversão para os infiéis (…) / Ah, como é difícil tornar-se herói / Só quem tentou sabe como dói / Vencer satã só com orações" (BOSCO, 1981), faz referência às Cruzadas cristãs da Idade Média, mas revelam a oposição entre os "heróis de bem", que buscam vencer satã através do conflito e da guerra em nome da paz. Evidentemente, essa não é uma comparação entre momentos absolutamente distintos da história, mas apenas o reforço de que o cristianismo possui uma postura proselitista desde a época Moderna expressos na ideia de levar a "conversão para os infiéis" e deste como caminho para a conquista da paz.

Para Almeida (1996), ao oferecer "a verdade da bíblia" e desqualificar a fé inimiga, tem-se uma postura beligerante que demarca espaços. A lógica proselitista neopentecostal pretende a libertação de almas através da expulsão dos demônios e seus porta-vozes colocam-se como salvadores, o que justifica o avanço sobre novos espaços, em uma lógica de disputa territorial.

1.2 A IGREJA UNIVERSAL DO REINO DE DEUS

A Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) foi fundada em 1977, no subúrbio da cidade do Rio de Janeiro. Sua principal liderança é Edir Macedo, que junto ao também fundador Romildo Ribeiro Soares (R.R Soares), integravam a Igreja Nova Vida. Esta, liderada pelo missionário canadense Robert McAlister, funcionava no centro da cidade do Rio de Janeiro e estava voltada às camadas médias urbanas. Segundo Mafra (2001. p. 87), McAlister **"**divulgava a teologia da confissão positiva e de recusa do fracasso para uma audiência com recursos adequados para a entrada em um mercado de trabalho competitivo".

Edir Macedo e R.R Soares deixaram a Igreja Nova Vida, em 1975, e juntaram-se a Roberto Augusto Lopes e aos irmãos Samuel e Fidélis Coutinho para fundar o ministério

[19] Prosélito é aquele "que foi atraído e se converteu a uma religião, uma seita, uma doutrina ou um partido, um sistema, uma ideia" (HOUAISS, 2009. p. 1564). O proselitismo corresponderia à "atividade ou esforço de fazer prosélitos" (HOUAISS, p. 2009. 1563).

Cruzada do Caminho Eterno, que funcionava em galpões e cinemas antigos[20] da zona norte carioca. Em 1977, Edir Macedo e R.R Soares deixaram a Cruzada do Caminho Eterno e fundaram a Igreja Universal do Reino de Deus.

Segundo Mariano (2014. p. 56), "No princípio, Romildo Soares era o líder da Universal e seu principal pregador. Sua liderança, contudo, logo começou a ser atropelada pelo estilo autoritário e centralizador de Macedo". Diante de um impasse na condução da Universal, em 1980, R.R Soares deixa a Igreja Universal depois de uma votação interna e funda a Igreja Internacional da Graça de Deus. Este processo de fragmentação e proliferação denominacional tornou-se bastante comum no pentecostalismo, provavelmente pela sua tradição leiga, que não estimula formação de pastores em seminários ou faculdades de teologia, pois essa prática "tenderia a diminuir seu fervor e distanciá-los das demandas imediatas dos fiéis" (MARIANO, 2014. p. 63).

Alguns anos mais tarde, em 1986, Roberto Augusto Lopes também deixaria a IURD. Depois de implantar a Universal em São Paulo, de voltar ao Rio de Janeiro e ser eleito deputado federal pelo PTB – RJ, Roberto Lopes voltou para os quadros da Igreja Nova Vida. Em sua saída, Lopes acusou Macedo de ter uma visão apenas empresarial e mercantilista (MARIANO, 2014).

Edir Macedo, na página oficial da Igreja, é chamado de "o fundador" da Igreja Universal. Nasceu em Rio das Flores, no Rio de Janeiro e na adolescência mudou-se para a cidade do Rio de Janeiro, onde trabalhou em uma lotérica até deixar o cargo para "dedicar-se à Obra de Deus"[21]. Na página da Igreja, ao contarem a biografia de Macedo, interessou ressaltar a configuração da família, formada junto à esposa Ester e aos filhos, assim como a "vasta formação acadêmica", os mais de 10 milhões de livros vendidos, inclusive uma autobiografia, o fato de ser um dos "líderes evangélicos mais conceituados do mundo" e a capacidade de manter a fé inabalável mesmo diante das tantas dificuldades da vida.

A organização eclesiástica da IURD está orientada de forma centralizada pelo governo episcopal da Igreja. A consagração de Macedo como bispo ocorreu em 1980, em um culto dirigido por Roberto Lopes. As instâncias de poder da Igreja em ordem decrescente são: Conselho Mundial de Bispos → Conselho de Bispos do Brasil → Conselho de Pastores →

[20] O cinema Bruni Méier, no bairro do Méier, Rio de Janeiro e mais tarde, o Cine Ridan, no bairro da Piedade. (BONFIM, 2008)
[21] Site: https://www.universal.org/a-universal (Acesso em 19 de fevereiro de 2019)

Pastores titulares → Pastores auxiliares → Obreiros. Chama atenção a liderança inconteste de Macedo, que é o bispo primaz da denominação, possui "poder vitalício e ancorado no discurso de que o próprio Deus o escolheu para exercer tal autoridade" (MARIANO, 2014. p.63), o que o coloca acima das instâncias organizativas da Igreja, sobre quem há um texto apresentando "A história do Bispo" na plataforma virtual do Igreja. Para Silva,

> A estruturação organizacional dessas igrejas, fundida à imagem do seu líder, começa a refletir um estilo de liderança personalista e carismática que predomina nas igrejas neopentecostais. O líder máximo da igreja, geralmente seu fundador, perpetua-se a partir de uma dominação carismática (Weber, 2000). Seu domínio baseia-se numa veneração extracotidiana que atribui ao líder santidade, poder e um caráter exemplar, facilitando assim a aceitação de suas ordens por ele criadas ou reveladas. (SILVA, 2004. p. 34)

Os pastores da Universal são remunerados e dedicam-se em tempo integral à Igreja. Já os obreiros são homens e mulheres que frequentem a Igreja há um mínimo de três meses e já sejam batizados. Os obreiros são membros auxiliadores, cuja função é fundamentalmente auxiliar os fiéis durante os cultos e a organização de outras atividades e projetos da igreja (SÁ, 2015)

Em relação à participação de mulheres no quadro eclesiástico da Igreja, Campos (2008) afirma que dentre as igrejas pentecostais, a Igreja Universal é a que possui maior número de mulheres. Porém, não abre praticamente nenhum espaço "no ministério pastoral ou em funções-chave para a manutenção e reprodução do poder na Igreja." (CAMPOS, 2008. p. 31). A esse respeito, Bandini (2008) afirma que o pré-requisito para que uma mulher seja pastora na IURD é que ela seja esposa de bispo da IURD.

A Igreja Universal é a denominação neopentecostal com maior número de adeptos, de templos, assim como a mais disseminada pelo Brasil e pelo mundo e com enorme estrutura institucional. A Universal é um marco do início da terceira fase do pentecostalismo, pois é a partir de rupturas que ela inaugura que diversas outras denominações surgem reproduzindo suas características ou as incorporam, no caso de denominações que já existiam. Tanto a autobiografia de Edir Macedo, como a página da Igreja e o filme Nada a Perder, que conta a história do líder e esteve em cartaz nos cinemas em 2018, exaltam a grandiosidade da Igreja e de seu líder Edir Macedo, apesar do histórico de perseguições que sofrem, especialmente por parte da Igreja Católica e da Rede Globo.

Edir Macedo afirma, no terceiro livro da sua biografia, intitulado “Nada a perder - do coreto ao templo de Salomão”, que “quando reuníamos meia dúzia de homens e mulheres no velho Coreto, no subúrbio do Rio de Janeiro, ninguém poderia acreditar nas fronteiras que seriam rompidas pelo crescimento avassalador desta obra evangelística” (MACEDO, 2014. p. 22). O título do livro faz referência ao momento de fundação da Igreja, antes de ter uma sede, quando as primeiras pregações ocorreram no coreto de uma praça no Méier e ao maior templo da denominação, o Templo de Salomão, inaugurado em 2014 em São Paulo, que representa o crescimento e potência da IURD.

O crescimento exponencial da IURD ao longo das décadas de 1980 e 1990 refletiu numa maior visibilidade à Igreja. Isso ocorreu tanto na mídia, com reportagens que denunciavam as práticas mercantilistas da Igreja, como também as pesquisas a respeito da instituição e da temática neopentecostal cresceram muito neste momento, especialmente com foco na questão do “mercado da fé”, em que a relação entre fiéis e pastores era percebida como uma interação entre “consumidores” que buscavam soluções mágicas para seus problemas, oferecidas por “mercadores da fé” em um grande “supermercado da fé” (GUTIERREZ, 2017. 15). Outras questões que também foram abordadas neste período foram as práticas religiosas da IURD, a guerra espiritual, a influência das religiões afro-brasileiras, assim como a transnacionalização da Igreja e a participação política dos evangélicos (GUTIERREZ, 2017).

O levantamento de Gutierrez (2017) a respeito das transformações no modo de pesquisar e falar sobre a Igreja Universal revela também as transformações da própria Igreja ao longo do tempo. Neste sentido, o aumento da participação política dos evangélicos, faz com que, a partir da década de 2000, as pesquisas a respeito tenham se voltado a estas questões. As iniciativas consideradas “não religiosas” também têm crescido dentro da instituição, são frentes de atuação que vão para além dos templos e de certa forma conseguem agrupar a clientela religiosa flutuante da Igreja Universal. Algumas destas iniciativas são o “The Love School, que visa ensinar estratégias para o sucesso do casamento; IntelliMen que tem como objetivo formar homens melhores e seu correlato feminino, o Godlywood” (GUTIERREZ, 2017. p. 17), Força Jovem Universal, Universal nas Forças Policiais e UniSocial, voltado para ações de assistência social.

1.2.1 Transnacionalização da Igreja Universal do Reino de Deus

O movimento de expansão da IURD alcança forte capilaridade no território brasileiro, estando presente em todas as unidades da federação, mas também iniciou, desde os anos 1980, um processo de transnacionalização. A expansão da Universal é um fenômeno pluriescalar, capaz de articular a escala local, onde os templos estão instalados, com as escalas nacionais, não apenas brasileira, mas de todos os países onde se instala. Ao mesmo tempo, a expansão se dá na escala global, que remete à capacidade da denominação atingir uma amplitude de países, cujo marco fundamental de entrada nos países é a instalação dos templos, mas que traz junto a compra ou entrada de rádios, jornais, redes de televisão, projetos de assistência social etc.

A transnacionalização representa a capacidade da organização de transcender fronteiras de nação e cultura. Segundo Oro (2003), o caráter transnacional do religioso é comum a todo o pentecostalismo. No caso da Universal, as intenções expansionistas transnacionais podem ser percebidas no próprio nome da Igreja, assim como em outras denominações oriundas da IURD, como a Igreja Mundial do Poder de Deus ou a Igreja Internacional da Graça de Deus. A Igreja Universal encontra-se em 113 países[22] e, segundo Macedo

> Não há limites de etnias, cultura ou idioma. No mais distante vilarejo, com o dialeto mais incompreensível, a palavra de Deus produz frutos. A formação de discípulos, homens e mulheres dedicados cem por cento ao trabalho evangelístico não parou sequer um dia desde a fundação da Igreja. (MACEDO, 2014. p. 23)

Para Macedo, "De maneira geral, nunca houve um planejamento ou uma tática de ação detalhados para implantação dos primeiros núcleos de oração. A ordem era usar a fé com inteligência. E deu certo" (MACEDO, 2014. p. 24). Apesar disso, Serra entende que a estratégia de entrada em um novo país, antes da compra ou aluguel de um imóvel para instalação de templo, costuma repetir os mesmos passos: "Envia-se uma comissão que analisa as possibilidades de sucesso, estuda-se a legislação do país, cuida-se da constituição jurídica da igreja, avalia-se a linguagem mais apropriada ao contexto e os melhores locais para instalação dos templos" (SERRA, 2005. p. 128).

[22] De acordo com a listagem de países da Organização das Nações Unidas (ONU).

Diversos pesquisadores (MARIANO, 2014; FARIA, 2009; MAFRA, 2001) afirmam que o primeiro templo da Igreja Universal no exterior foi aberto no Paraguai, em 1984. As fontes oficiais da Igreja, como o site e a autobiografia de seu líder, porém, não citam o Paraguai como precursor. Ao contrário, a história oficial, que a IURD optou por construir, afirma que a expansão da Universal se iniciou pelos Estados Unidos, em 1986. O trecho da autobiografia de Edir Macedo parece indicar as razões da escolha pelos Estados Unidos:

> A trajetória da expansão da Universal por dezenas e dezenas de nações começou pelos Estados Unidos, o país mais poderoso do planeta. Eram meados de 1986, a Igreja tinha apenas nove anos de vida, quando decidi partir para Nova York com o objetivo de ampliar nosso trabalho de evangelização. Sabia que ali era o centro do mundo, o caminho certo para o avanço internacional da pregação do evangelho. (MACEDO, 2014. p. 25)

Apesar da racionalidade presente na expansão inicial para os Estados Unidos, o público-alvo acabou sendo formado por imigrantes latino-americanos neste país. A IURD busca manter, em todos os países para onde se expande, a maioria dos pastores e bispos formada por brasileiros (KRAMER, 2003; ORO, 2003; MARIANO, 2014). Inclusive, os programas de televisão no país são falados em espanhol, assim como o jornal regional da Igreja, o “Pare de Sufrir”. Para Kramer, “Concentrando imigrantes de todas as nações, Nova York seria então a sede e o *nexus mundi* da evangelização global” (KRAMER, 2003. p. 70). Já Mariano, entende que a aceitação no país não teria sido tão bem sucedida e por isso teriam se voltado para o público latino. Apesar disso, segundo Kramer a respeito da IURD nos EUA

> A lógica transnacional da IURD, porém, é diferente da empregada pelas "igrejas étnicas", dado o fato de que nela não existe espaço institucional para afirmar valores culturais e vínculos entre os fiéis e suas comunidades de origem. A IURD não existe em função de uma comunidade imigrante, mas em torno das necessidades imediatas e individuais de um sujeito hispânico recém-migrado. (KRAMER, 2003. p. 74)

A partir dos Estados Unidos, a Universal seguiu se expandindo para países de língua portuguesa, como Portugal em 1989 e Angola em 1991, e os vizinhos sul-americanos, inicialmente, Paraguai, Argentina e Colômbia. A Tabela 1 revela que, depois dos marcos de Estados Unidos e Portugal na década de 1980, a grande explosão do expansionismo transnacional da Igreja Universal ocorreu na década de 1990.

Tabela 1 - Entrada da Igreja Universal do Reino de Deus em novos países por década[23]

Décadas	Expansão IURD – Total países
1986-1989	2
1990-1999	43
2000-2009	10
2010-2018	12

Fonte: sites da IURD. Elaboração própria, 2019.

Os dados a respeito da presença da Universal no exterior não são oficialmente publicizados, portanto, o levantamento foi feito a partir dos endereços disponibilizados nos sites oficiais da IURD nos países em que está presente[24], notícias veiculadas pelo site brasileiro da Igreja, nas quais alguns países são citados, assim como através de buscas na seção onde constam os endereços de templos pelo mundo. Além disso, foram considerados dados de outras pesquisas já realizadas, como em Mafra (2001) e Macedo (2014).

As Tabelas 2 e 3 demonstram a distribuição dos templos da Igreja Universal pelos continentes. Diversos países possuem, além dos templos, centros de oração, que não funcionam com o mesmo rigor e regularidade que os templos. Muitos deles funcionam como uma primeira etapa do processo de territorialização, no sentido de que atuam formando uma rede de fiéis territorializada que pode se tornar um templo. Os centros de oração divulgados não foram contabilizados na elaboração das tabelas.[25]

Tabela 2 - Total absoluto e percentual de países com presença da IURD por continente, 2019

Continentes	Total Países	Países com IURD	%
África	54	39	72,2
América Central	20	14	70,0
América do Norte	3	3	100,0
América do Sul	12	12	100,0
Ásia	42	12	28,6
Europa	48	30	62,5
Oceania	14	3	21,4

Fonte: Sites oficiais da IURD. Elaboração própria, 2019

[23] Por dificuldade no acesso às informações, a Tabela 1 incorpora apenas 67 países de um total de 112 países identificados com presença da IURD fora do Brasil.
[24] Apenas alguns países possuem sites oficiais da Universal. Quando tive acesso ao site oficial local, prevaleceu a informação do respectivo site.
[25] A listagem de países considerada para a pesquisa é a da ONU (Organização das Nações Unidas), na qual consta um total de 193 países.

A Tabela 2 indica que a Igreja Universal está efetivamente estabelecida em todos os continentes, embora na Ásia e na Oceania a presença seja pouco significativa. A presença é consolidada nas Américas de forma geral, mas também na África e Europa. Segundo Oro (2003), apesar da estar presente em 30 de 48 países europeus, a entrada da Universal nos países deste continente tem sido gradual e com muitos obstáculos em relação à legislação e ao forte processo de secularização.

Em Portugal, por exemplo, país europeu com presença mais antiga e com maior número de templos, a Universal tem enfrentado questões com a justiça, à medida que executa seu "plano de poder" e torna-se proprietária de empresas de rádio e televisão, além de, recentemente, tentar se consolidar enquanto partido político. No Reino Unido, por sua vez, a IURD está presente desde 1995 e está oficialmente registrada como instituição de caridade (FARIA, 2011), devido à legislação rigorosa para a abertura de novas Igrejas no país. Quase todos os países europeus possuem sites próprios da Universal e na maioria deles a Igreja é identificada como centro de apoio ou centro de ajuda.

A Tabela 3 indica o total de templos identificados em cada continente, excluindo o Brasil, para não distorcer a análise de informações, tendo em vista que o número total de templos (6783) é muito mais alto do que no restante dos países.

Tabela 3 -Total absoluto e percentual de templos, Continente, 2019[26]

Continentes	Total de Templos	% do total de templos no mundo
África	928	34,6
América Central	175	6,5
América do Norte	343	12,8
América do Sul (sem o Brasil)	836	31,2
Ásia	56	2,1
Europa	332	12,4
Oceania	12	0,4
Total	2682	100,0

Fonte: sites oficiais da IURD. Elaboração própria, 2019

[26] À exceção dos países que possuem site oficial da Igreja Universal e os endereços dos templos discriminados, a totalização de templos em cada país está subestimada na tabela, pois diversos países com presença confirmada da Universal nos quais o acesso a dados tenha sido limitado, constou como apenas 1 templo.

A Tabela 3 reforça a intensa presença da IURD no continente africano, que possui, excluindo o Brasil, em números absolutos o maior número de templos, distribuídos pelos 39 países onde foi identificada a presença da IURD. Na África, a primeira Igreja foi instalada em Angola, em 1991, quando o país se encontrava em guerra civil. Marcelo Crivella foi Comandante da Universal neste país e segundo relato de Edir Macedo em sua biografia, em 2007, o país contava com "mais de 247 templos[27], com catedrais e edifícios confortáveis espalhados pela capital e pelo interior" (MACEDO, 2014. p.76). Em Angola, e na África como um todo, o carro-chefe da Igreja Universal são os projetos e ações sociais. Além de Angola, Moçambique também possui significativa presença da IURD, com 219 templos identificados, e especialmente a África do Sul, que possui 321 templos e é o país com maior número de templos da IURD fora do Brasil.

Segundo Mafra (2012. p. 90) dentre as ações prestadas pela Universal, "constam serviços de alfabetização, doação de alimentos, de sangue, incentivo à votação, serviço civil, ajuda a idosos e até mesmo a doação de trombetas para a recepção de um evento esportivo continental". O perfil assistencialista caracteriza a presença da Universal na África, especialmente diante de uma conjuntura pós lutas de independência e guerras civis, que caracterizou os anos 1990 em diversos países nos quais a igreja se estabeleceu. A presença da Rede Record em Angola, Moçambique e África do Sul também possibilitou um grande alcance da mensagem da IURD e abriu caminho para a expansão.

Quando se analisa os dados em termos relativos, porém, a América do Norte, que possui 343 templos distribuídos por apenas 3 países, e em seguida a América do Sul, com 836 templos distribuídos por 11 países, revelam-se como os continentes com a presença mais consolidada da Universal. Na América do Norte, os Estados Unidos possuem um total de 147 e o México, 190 templos. Na América do Sul, excluindo o Brasil, destacam-se Colômbia, Venezuela e Argentina, com um total de 116, 172 e 282 templos, respectivamente.

[27] O valor utilizado para indicar o total de templos em Angola não foi 247 como sugere a biografia de Edir Macedo, pois o site da Universal no Brasil identifica apenas 180 templos e não foi encontrado um site oficial da Universal em Angola para confirmar tais dados, então optou-se por manter a fonte de dados do restante da pesquisa. Cabe ressaltar que em todos os países que a fonte do site brasileiro não era a única, ou seja, foi possível acessar o total de templos no site oficial local, o número total de templos foi bastante superior ao apresentado no site brasileiro.

1.3. A EXPANSÃO NEOPENTECOSTAL NO BRASIL: DIVERSIDADE E ESPACIALIDADE

O levantamento de dados mais consistente sobre religião no Brasil é realizado pelo IBGE decenalmente. Os últimos dados produzidos são referentes ao Censo de 2010 e sabe-se que nos últimos oito anos, agora já mais próximos do Censo por vir, em 2020, certamente houve transformações na distribuição religiosa da população brasileira que demandarão novas e atualizadas análises. Os dados históricos sobre religião nos últimos Censos do IBGE trazem também diferenças quanto ao modo de recolhimento dos dados, inclusive porque a realidade religiosa brasileira foi tornando-se mais plural recentemente e o nível de detalhamento de informações recolhidas, maior.

Em 1980, o Censo Demográfico do IBGE registrou que 6,6% da população brasileira se declarou evangélica e, em 2010, este número subiu para 22,2%. Concomitante ao crescimento evangélico tem havido também uma diminuição da representatividade da religião católica no país, assim como o aumento dos que se declaram como sem religião (IBGE, 2010), como é possível observar na Tabela 4, na qual foram selecionados os três grupos quantitativamente mais representativos da diversidade religiosa brasileira.

Tabela 4 - Percentual de Católicos, Evangélicos e Sem Religião em relação à População Total. Brasil, 1950 a 2010

Censo	Católicos	Evangélicos	Sem religião
1950	93,48	3,35	0,79
1960	92,02	3,98	0,55
1970	90,44	5,09	0,76
1980	87,38	6,51	1,86
1991	83,29	8,98	5,13
2000	73,70	15,44	7,59
2010	64,63	22,16	8,04

Fonte: Dados IBGE – séries históricas e estatísticas.

A Tabela 5 foi elaborada a partir dos dados da Tabela 4 e coloca em evidência a taxa de crescimento de declarantes evangélicos entre 1950-2010. Em 2010 o número de evangélicos já correspondia a quase ¼ da população brasileira e seu crescimento em duas décadas (1991-2010) foi de 146,8%. Em 60 anos (1950-2010) os declarantes católicos tiveram

uma taxa negativa de crescimento de 30,9% e os declarantes sem religião cresceram 917,7%, enquanto os evangélicos 561,5%.

Tabela 5 - Taxa de crescimento percentual de Católicos, Evangélicos e Sem Religião, Brasil, 1950-2010

Censos	Católicos	Evangélicos	Sem religião
1950-2010	-30,9	561,5	917,7
1970-2010	-28,5	335,4	957,9
1980-2010	-26	240,4	332,3
1991-2010	-22,4	146,8	56,7

Fonte: Dados IBGE – séries históricas e estatísticas. Elaboração própria

Entre 1980 e 2010 houve queda de 26% da população católica no país, mas apenas na última década a queda se deu em números absolutos (de 125,5 para 123,3 milhões, totalizando uma perda de 2,2 milhões de adeptos). Neste mesmo período houve um exponencial crescimento de 15,6% (6,6% para 22,2%) dos adeptos evangélicos, o que corresponde em números absolutos a uma variação de pouco menos de 8 milhões de declarantes evangélicos para mais de 42 milhões. Tais variações indicam que a população brasileira continua sendo majoritariamente cristã, pois se em 1980 as religiões cristãs somavam 93,9%, e em 2010, ainda somam 86,8%.

Em termos absolutos, portanto, o número de pessoas que se declaram católicas caiu apenas em 2010, quando a taxa de crescimento foi negativa. Até então, o número vinha crescendo. Mas a Tabela 6 indica que a taxa de crescimento vem reduzindo gradativamente desde 1960, embora sempre muito próxima às taxas de crescimento da população total. Por outro lado, a variação da população que se declarou evangélica foi regular e superior à variação da população total em todas as décadas indicadas, com destaque para o crescimento nos anos 1990, que é a década da explosão neopentecostal.

Tabela 6 – Percentual da população total, católicos e evangélicos, Brasil, 1950-2010

	1950	1960	1970	1980	1991	2000	2010
Católicos	23,9	34,5	30,8	23,9	15,6	2,1	-1,4
Evangélicos	62,0	62,2	70,4	63,8	67,3	98,5	61,4
População Total	26,0	36,7	33,1	28,2	21,3	15,6	12,3

Fonte: Dados IBGE – séries históricas e estatísticas

Quanto ao processo de enfraquecimento do catolicismo no Brasil, tem sido comum, inclusive em notícias da imprensa, a referência a uma possível transição religiosa no Brasil, indicando o crescimento evangélico como uma ameaça à hegemonia católica. O Brasil é considerado, ainda hoje, o maior país católico do mundo e a mudança de religião predominante não é um fenômeno comum, mas há uma série de prognósticos neste sentido. A religião católica é constitutiva do projeto colonial como Alves afirma:

> O país recebeu das mãos lusitanas em 1500 a religião hegemônica, que prevaleceu incontestavelmente majoritária por cerca de 500 anos. A sociedade brasileira foi profundamente marcada pelas práticas, ensinamentos e dogmas da religião Católica Apostólica Romana. Nos últimos 200 anos o Brasil passou por diversas transformações sociais, mas a religião herdada dos colonizadores, mesmo em declínio, se manteve presente no lar da maioria da população brasileira. (ALVES, 2012. Pg. 147)

Mesmo a partir de 1889, quando é proclamada a república e o Estado brasileiro torna-se laico, a religião católica permaneceu fortalecida e hegemônica, como reflexo de séculos de um projeto de dominação. A Tabela 6 demonstra como foi gradual a diminuição do número de declarantes católicos. Até há pouco tempo, inclusive, os debates giravam, fundamentalmente, em torno de outro fenômeno, este mais global, ainda que bastante ocidental também: a secularização. Ou seja, nota-se que concomitante à explosão do crescimento evangélico, tem crescido muito o número dos que se declaram “sem religião” no Brasil.

A nomenclatura "sem religião" refere-se a “pessoas que não são ateias, mas que professam e/ou possuem uma certa religiosidade mesmo sem fazerem parte de nenhuma instituição religiosa oficial, é algo específico do Brasil” (LUIZ, 2013. p.8). Até 1970, os "sem religião" não chegavam a 1% da população brasileira, em 1980 (1,86%) o número dobra e em 1990 triplica em relação à década anterior (5,13%). Nos Censos de 2000 e 2010, o grupo "sem religião" segue crescendo, mas em proporções um pouco menores: passou a 7,59% e 8,04%, respectivamente, e acabou por tornar-se o terceiro maior grupo populacional de acordo com a classificação do IBGE sobre religião (MARIANO, 2013).

O aumento da população "sem religião", junto à redução do número de católicos, deu corpo aos debates acerca da secularização brasileira, que entende como consequência do avanço da modernidade, uma racionalidade secularizante. Para alguns pesquisadores (STEIL,

2001; LUIZ, 2013), porém, o aumento do grupo populacional "sem religião" na realidade brasileira seria indicativo não do esfacelamento da religião, mas “de uma renovação do sagrado na esfera privada, proporcionando uma pluralidade de crenças e uma rearrumação do cenário religioso” (LUIZ, 2013. p. 78). Neste sentido, o processo de secularização, ao indicar o fim de uma religião única como princípio organizador da sociedade, teve por consequência a multiplicação dos universos religiosos, o que indica que a secularização e a diversidade religiosa estão associadas a um mesmo processo histórico (STEIL, 2001).

Para tratar das disputas no campo religioso brasileiro, ou do prognóstico de uma possível transição religiosa e hegemonia evangélica é fundamental considerar que a disputa pela hegemonia, na concepção gramsciana, não pode se limitar somente a um campo da sociedade civil, como neste caso o campo religioso. Portanto, uma leitura meramente estatística quanto ao número de declarantes de religiões, trata religião hegemônica apenas como a religião predominante. Parece importante tentar compreender os elementos que influem e caracterizam esta expansão neopentecostal em sua complexidade e, neste sentido, a concepção de hegemonia em Gramsci, como disputa por direção política e ideológica na sociedade civil, pode contribuir à leitura e discussão e será melhor trabalhada no capítulo 2.

Entre 1950 e 2010, os evangélicos nunca tiveram uma taxa de crescimento inferior a 60% por década (conforme dados da Tabela 6), mas o campo evangélico é muito diverso e não cresceu de maneira uniforme. Para Almeida, quanto mais o Brasil se torna pentecostal, mais o pentecostalismo se torna brasileiro, “o estereótipo do jeito de ser religioso neste país cada vez mais fica com a cara evangélica. Mais ainda do que as igrejas pentecostais, o que se expande são as características desta religiosidade” (ALMEIDA, 2008. p.55).

A Tabela 7 aponta a taxa de crescimento do campo evangélico entre o Censo de 2000 e 2010. Esta Tabela revela que as religiões evangélicas de origem pentecostal cresceram consideravelmente mais do que as evangélicas de missão, ou evangélicas históricas. Ainda assim, a taxa de crescimento relativo dos evangélicos em geral é maior do que ambas as classificações, o que significa que é preciso considerar um terceiro grupo, que corresponde aos “evangélicos não determinados” do Censo 2010.

Tabela 7 – Taxa de Crescimento Relativo do campo evangélico, Brasil, Censos de 2000 e 2010, %

Evangélicos de Missão	11
Evangélicos de origem pentecostal	44
Total de Evangélicos	61

Fonte: Censo Demográfico IBGE, 2000 e 2010

No Censo 2000, porém, não havia essa classificação, houve registro apenas de "outras religiões evangélicas". A variação entre essas duas classificações, de um Censo para outro é de mais de 7,5 milhões de declarantes, o que corresponderia a um crescimento de 5,66 vezes. Em termos percentuais, significa dizer que, enquanto a população brasileira cresceu 12% entre 2000 e 2010, os evangélicos pentecostais cresceram 44% e os *outros evangélicos* e *não determinados* teriam crescido mais de 566%[28].

Desde 1940 vem se desenhando e consolidando a inversão na proporção de pentecostais e evangélicos de missão na população de evangélicos brasileiros. Mas é a partir de 1980 que essa diferença cresce e mais recentemente se consolida junto ao que Mariano chamou de "diversificação da pertença religiosa e da religiosidade no Brasil" (MARIANO, 2013. p. 119). Em números absolutos, houve um aumento de 16 milhões de declarantes evangélicos entre os Censo de 2000 e o de 2010, dos quais quase 7,8 milhões eram pentecostais e 750 mil evangélicos tradicionais. Os outros 7,5 milhões correspondem aos evangélicos não determinados, ou seja, que não possuem vínculo institucional. O crescimento do número de evangélicos não determinados corresponde a um processo de desvinculação dos religiosos de suas igrejas, embora mantenha-se a identidade religiosa evangélica, e em certos casos pentecostal também.

Campos (2008) sinaliza a existência de um pentecostalismo pulverizado em centenas de igrejas e templos locais, que embora não se configurem como grandes instituições, correspondeu a 23,8% do total de pentecostais em 2010. Mariano (2013), por sua vez, refere-se a este grupo que se declara evangélico, mas cujo vínculo institucional não é o definidor da identidade, como uma "clientela flutuante", capaz de circular por diferentes igrejas dependendo do momento, já que possui laços frouxos com as instituições.

Serra (2005) reforça a ideia de que a multiplicação de denominações significa também uma maior concorrência inter-religiosa, já que os diferentes grupos estão interessados e

[28] Como não houve um padrão na coleta de dados do Censo Demográfico do IBGE de 2000 e o de 2010 no que diz respeito aos evangélicos sem vínculo institucional, a opção foi não incluir tal comparação e dados na Tabela 7.

ganhar maior número de fiéis. Por outro lado, é possível observar a concentração denominacional na Tabela 8, que indica que as cinco maiores denominações pentecostais concentram 75,4% dos fiéis.

Tabela 8 – Igrejas pentecostais com maior número de fiéis, Brasil, 2010, nº absolutos e em %

Igrejas	Total	%
Assembleia de Deus	12.314.410	48,5
Congregação Cristã do Brasil	2.289.634	9
Igreja Deus é Amor	845.383	3,3
Igreja Evangelho Quadrangular	1.808.389	7,1
Igreja Universal do Reino de Deus	1.873.243	7,4
Outras Igrejas	6.239.425	24,6

Fonte: Censo Demográfico IBGE, 2000 e 2010

As duas Igrejas com maior número de fiéis são as duas denominações que, à época do Censo 2010, completavam 100 anos de existência. A Assembleia de Deus, porém, possui mais de cinco vezes a quantidade de adeptos que a Congregação Cristã, com 48,5% do total de evangélicos. Ainda assim, há dissidências internas na Assembleia de Deus que refletem em uma diversidade de Ministérios e que o Censo do IBGE não apreende, uma vez que as dissidências se subdividem em novos ministérios, mas seguem identificando-se como Assembleias de Deus.

A Tabela 9 oferece um recorte das taxas de crescimento destas principais denominações em relação aos últimos três Censos Demográficos do IBGE (1991, 2000 e 2010).

Tabela 9 – Taxa de Crescimento percentual das principais Igrejas pentecostais, Brasil, 1991-2000 e 2000-2010

	1991-2000	2000-2010
Assembleia de Deus	14,8	46,3
Congregação Cristã no Brasil	4,8	-8
Igreja do Evangelho Quadrangular	17,7	37
Igreja Pentecostal Deus é Amor	18,4	9,1
Igreja Universal do Reino de Deus	25,7	-11

Fonte: Censo Demográfico IBGE, 2000 e 2010. Elaboração própria.

As variações nas taxas de crescimento nestes dois períodos foram tão gritantes que dificultam a leitura da Tabela 9 enquanto possíveis tendências. O aumento do número de

declarantes pentecostais sem vínculos institucionais pode ter alterado o número de fiéis ligados a estas cinco denominações também, indicando um vínculo institucional pouco consolidado, característica da clientela flutuante a que se foi referido.

Embora chame a atenção que a Igreja Universal, a denominação que mais cresceu na década de 1990, tenha perdido cerca de 228 mil adeptos, é possível que parte dos adeptos ou frequentadores desta Igreja tenha sido enquadrada na categoria evangélica não determinada (MARIANO, 2013). Mariano acrescenta outro elemento importante a respeito da IURD:

> [...] suas principais estratégias organizacionais e expansionistas bem-sucedidas foram, em boa medida, embora parcialmente, copiadas e disseminadas por diversas outras igrejas evangélicas. O que fez, aliás, com que a corrente neopentecostal perdesse sua distintividade inicial, o que não quer dizer que suas práticas e estratégias tenham perdido seu apelo. (MARIANO, 2013. p.133)

Neste sentido, embora o Censo sinalize que a Universal tenha perdido fiéis, a denominação permanece crescendo enquanto instituição, inaugurando, no Brasil e no mundo, diversos templos que funcionam diariamente, assim como permanece o fortalecimento do seu viés empresarial e da sua presença nos espaços da política brasileira.

Além disso, o processo de neopentecostalização, já tratado, e a influência específica da IURD sobre outras denominações, inclusive sobre aquelas dissidentes dela própria, indicam tanto um aumento da concorrência por angariar fiéis, diante da maior disponibilidade de opções religiosas, quanto, uma ampliação do número de igrejas que reproduzem a característica de uma "adesão comunitária frouxa" (MAFRA, 2013) ou mesmo de um "pentecostalismo de serviços" (ALMEIDA, 2006). Para Mariano (2013), ainda a respeito da Igreja Universal

> Seus megatemplos, sua ênfase na atração das massas através da mídia e das resoluções mágicas e sua fraca disposição em moralizar a conduta dos frequentadores favorecem a formação de grandes contingentes de *free riders*, caronistas variados. Situação, por sua vez, que apresenta como atrativo a possibilidade de o frequentador manter-se relativamente no anonimato, comodidade do agrado dos que pretendem apenas auferir bênçãos tópicas ou pontuais sem se comprometer com o grupo religioso. (MARIANO, 2013. p.134)

Ou seja, o não vínculo institucional não significa que os fiéis deixem de frequentar templos, mas uma configuração que permite ao indivíduo compor sua religiosidade de forma

individualizada, assim experimentando, vivenciando e usando diferentes igrejas nessa composição.

Essa possibilidade de transitar por igrejas distintas é indicativo de uma organização espacial que disponibiliza uma ampla oferta de serviços religiosos. Tal concentração e disponibilidade são características de espaços urbanos que, por vezes, também enfraquece laços comunitários. O pentecostalismo é uma religião essencialmente urbana. A segunda onda pentecostal surge em um contexto de explosão da urbanização e industrialização do país, com crescente êxodo rural, que produzem novas espacialidades nos encontros e conflitos socioculturais. Para Serra (2005. p. 63), "as igrejas pentecostais crescem porque têm alta capacidade de adequação às necessidades das crescentes massas de migrantes pobres em busca de refúgio fraternal, segurança e ajuda para reorganizar a vida e lidar com a pobreza".

A Tabela 10 indica a expressiva concentração da população brasileira no espaço urbano, que é refletida da religião evangélica e católica nesse espaço, com pequenas variações. A proporção entre população católica residente em espaços urbanos é um pouco menor (81%) do que a proporção da população total (84%), enquanto a população evangélica urbana é um pouco maior (89%) do que a média nacional.

Tabela 10 – População Urbana e Rural total e declarante Católica e Evangélica, Brasil, 2010, em %

	Urbana	**Rural**
População Total	84,37	15,63
Católica	81,16	18,84
Evangélica	89,47	10,53
Evangélica de Missão	88,4	11,6
Evangélica Pentecostal	88,18	11,82

Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2010

As Tabelas 11 e 12 indicam, respectivamente, os níveis de instrução e o rendimento mensal per capita da população brasileira e dos declarantes católicos e evangélicos. O perfil socioeconômico dos pentecostais ajuda a compreender quem são, de que modo vivem e como vivem o/no espaço. O espaço urbano brasileiro é marcado por profundas desigualdades sociais e, embora as tabelas a seguir não estejam classificadas em população urbana e rural, diante do fato de mais de 88% dos pentecostais serem residentes de espaços urbanos, os dados são também indicativo de uma realidade essencialmente urbana.

Tabela 11 – População de 25 anos ou mais por nível de instrução e grupos de religião, Brasil, 2010, em %

	Fundamental incompleto	Médio incompleto	Superior incompleto	Superior completo
Total	49,3	14,7	24,6	11,3
Católica	51,2	14,0	23,2	11,3
Evangélica	48,5	16,5	26,8	7,9
Evangélica de Missão	38,5	15,0	31,6	14,6
Evangélica Pentecostal	54,1	16,7	24,1	4,8
Evangélica não determinada	42,2	17,2	30,0	10,2
Umbanda e Candomblé	32,6	18,4	33,5	15,3
Sem religião	48,6	15,6	24,7	10,9

Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2010

A Tabela 11 revela que os evangélicos pentecostais possuem o mais baixo nível de instrução dentre as religiões comparadas, com uma média muito abaixo do que a média nacional da população total. Os pentecostais possuem o maior número de fiéis com Fundamental Incompleto (54,1%), sendo a única acima da média nacional de 49,3%, assim como o menor número de fiéis com Superior Completo, com uma taxa menor do que a metade da média nacional, 4,8% contra 11,3%.

Tabela 12 – Composição total da população e dos grupos religiosos segundo classes de rendimento mensal domiciliar per capita (salário-mínimo), Brasil, 2010, em %

Salário Mínimo	Pop. Total	Católica	Evangélica			Sem religião
			de Missão	Pentecostal	Não determinada	
Até ½	28,0	28,8	20,7	31,4	22,7	31,4
Mais de ½ a 1	27,7	27,1	27,5	32,3	29,7	27,9
Mais de 1 a 2	22,7	22,4	27,1	22,5	26,0	19,6
Mais de 2 a 5	12,8	12,9	16,6	8,4	13,6	10,4
Mais de 5 a 10	3,5	3,6	3,9	1,2	3,0	3,4
Mais de 10	1,7	1,7	1,6	0,4	1,1	2,1
Sem rendimento	3,6	3,4	2,6	3,7	3,9	5,2

Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2010

A Tabela 12 revela uma concentração da população evangélica pentecostal nas classes de rendimento per capita de até 1 salário-mínimo, com percentuais superiores ao da população total e dos outros grupos religiosos. Também nas classes de rendimento superior a 5 e

superior a 10 salários-mínimos, destaca-se o grupo pentecostal, com percentuais bem inferiores aos da população total e dos outros grupos. Ou seja, o público pentecostal não está distribuído de maneira uniforme entre as classes de rendimento, há uma concentração maior entre a população que recebe até 1 salário-mínimo (63,7%), contra 55,7% na população total, e menor entre a população acima de 2 salários-mínimos (10%), contra 18% da população total. Além disso, os outros grupos religiosos indicaram proporções mais próximas às da população total do Brasil.

Neste capítulo foi apresentado o complexo panorama da presença evangélica no Brasil, assim como características fundamentais do neopentecostalismo e da IURD. A seguir, busca-se compreender o modo como se dá a expansão territorial da Universal, a partir da análise do seu "plano de poder" e dos eixos de ação que a viabilizam.

2. PRÁTICAS E ESTRATÉGIAS TERRITORIAIS DA IGREJA UNIVERSAL DO REINO DE DEUS – DISPUTAS POR HEGEMONIA

2.1. O PLANO DE PODER DA IURD

> […] o que falta aos cristãos para se estabelecerem politicamente? Na verdade, a resposta para essa pergunta é bastante complexa, mas podemos resumi-la: ações bem coordenadas, que começam a partir de uma conscientização política, estratégias, união em torno dessa nobre causa, que depende em parte dos líderes religiosos que estão à frente do rebanho de Deus. (MACEDO e OLIVEIRA, 2008 p. 51)

O quadro de crescimento e expansão das igrejas pentecostais, e especialmente da IURD, no Brasil, levaram à reflexão sobre os caminhos deste crescimento: as causas e as perspectivas sobre a capacidade de arregimentar fiéis, seguidores e/ou consumidores e as direções para onde aponta tal expansão. É neste sentido que os capítulos 2 e 3 configuram-se como um novo momento da pesquisa. Quais os modos da expansão neopentecostal? O que determina e orienta esta expansão?

O ponto de partida foi o livro “Plano de poder – Deus, os cristãos e a política”, de Edir Macedo com Carlos Oliveira, lançado em 2008 pela editora Thomas Nelson, uma vez que apresenta o que significa e qual seria o "plano de poder" pelas palavras da principal liderança da Igreja Universal. Ao contrário do que acontece com outros livros de autoria de Edir Macedo, há poucos trabalhos acadêmicos que façam referência ou análises a respeito deste, por isso discute-se a seguir alguns pontos fundamentais levantados pelo livro que é apresentado como um manual aos cristãos.

O autor Carlos de Oliveira é apresentado como administrador de empresas, bacharel em Teologia, pós-graduado em Comunicação e diretor do jornal Hoje em dia, de Belo Horizonte. Edir Macedo não é apresentado no livro como Bispo da IURD e sim como “Respeitado orador e conferencista” e também escritor, além de se destacar “entre ministros evangélicos do Brasil e do mundo” e ser Doutor em Divindade, Teologia e Filosofia Cristã. Embora não seja o objetivo direto da pesquisa, atentar à descrição feita da figura de Edir Macedo, que dirige um negócio/aparelho/Igreja de tamanha amplitude como a IURD, este aspecto se torna bastante relevante. Há um esforço recente da Igreja Universal de ampliar sua

imagem para além do campo religioso, mesmo em espaços recorrentemente tratados como sagrados, assim, os cultos passam a ser chamados de reuniões, por exemplo.

A contracapa do livro sintetiza a intenção da publicação:

> Plano de poder demonstra que Deus tem um grande projeto de nação elaborado por ele mesmo e que é nossa responsabilidade apresentá-lo e colocá-lo em prática. Na Bíblia, em Gênesis, Deus dá uma aula de planejamento, organização e execução de sua ideia. Ele esclarece sua intenção estadista e a formação de uma grande nação.

Segundo o líder da Igreja Universal, o "plano de poder" seria, portanto, um projeto de nação elaborado por Deus e caberia aos cristãos tomar consciência deste, para ajudar a colocá-lo em prática. O livro é voltado para o público cristão, para o “Seu povo”, no qual o autor se inclui: “Sendo assim, do ponto de vista de Deus, com quem você acha que Ele desejaria que estivesse esse poder e domínio? Nas mãos do Seu povo, ou não?” (MACEDO, 2008, p. 12).

O livro pretende aprofundar “no conhecimento de um grande projeto de nação elaborado e pretendido pelo próprio Deus e descobrir qual é a nossa responsabilidade neste processo” (MACEDO, 2008, p. 8). O público-alvo são os cristãos, mas o trecho a seguir demonstra que enquanto cristãos, consideram-se apenas os evangélicos: “Lamentavelmente, esse senso de percepção tem faltado a muitos cristãos, que hoje já somam no Brasil uma população de cerca de 40 milhões de pessoas, que vem crescendo a cada dia (esse dado aproximado é referente ao número de evangélicos só no Brasil, e não no mundo)” (idem, p. 20).

O objetivo deste livro, afirma: “é, sim, revelar, conscientizar e despertar os cristãos para uma causa biblicamente anunciada” (MACEDO, 2008, p. 47) que consistiria em um "plano de poder" divino de construção de uma nação cristã, para o qual a representação política no Estado seria um passo fundamental, somado a práticas, ações coordenadas e estratégias que impulsionassem a tomada de consciência dos cristãos para esta causa. Além disso, o livro pretende “colaborar para o amadurecimento político e democrático através do envolvimento de todo o povo cristão, que é o elemento decisivo de todo esse processo” (idem, p. 121) e para isso, os autores focaram em “analisar a política nos textos sagrados, visando identificar, para os cristãos, um desejo divino de nação, que neste caso específico é político e, portanto, terreno” (idem, p. 75).

O projeto não é ocultado ou implícito, como é possível observar pelas referências ao livro ou em discursos nos grandes meios de comunicação. É fundamental explicitar que as múltiplas escalas de ação que compõem este "plano de poder", correspondem também a diferentes dinâmicas socioespaciais através das quais se realiza o discurso e prática político-religiosa, afinal a explicitação do plano e sua racionalidade não significa que em todas as escalas os sujeitos envolvidos possuam consciência e intencionalidade direta na execução do plano.

De toda forma, é importante observar que, para além dos templos e espaços essencialmente sagrados, o discurso religioso e evangelizador é promovido nos mais variados espaços da sociabilidade (CARVALHO, 2016). E, assim, tal projeto de poder revela-se como uma disputa por hegemonia não na noção apenas de predominância no campo religioso, mas, como Gramsci afirma:

> a supremacia de um grupo social se manifesta de dois modos, como "domínio" e como "direção intelectual e moral". Um grupo social domina os grupos adversários, que visa a "liquidar" ou a submeter inclusive com a força armada, e dirige os grupos afins e aliados. Um grupo social pode e, aliás, deve ser dirigente já antes de conquistar o poder governamental (esta é uma das condições principais para a própria conquista do poder); depois, quando exerce o poder e mesmo se o mantém fortemente nas mãos, torna-se dominante mas deve continuar a ser também "dirigente". (GRAMSCI, 2002. p. 62-63)

A disputa pela direção intelectual e moral de grupos afins e aliados, como afirma Gramsci, tem se consolidado através da diversidade de práticas sociais neopentecostais, ora referidas, que alcançam espaços cada vez mais diversos e se fortalecem com o aumento do número de fiéis. O trecho do livro de Edir Macedo (2008, p. 54): "Quanto tempo levará para que Deus realize o Seu grande sonho de nação? Quando todos os que se dizem Seus estiverem conscientizados, dispostos e disponíveis a isso." Os autores fazem referência ao processo de tomada de consciência dos cristãos, possível através das ditas ações bem coordenadas. É a formação desta consciência e o fortalecimento da direção política ideológica neopentecostal na sociedade civil, que viabilizará a realização do grande sonho de nação evangélica ao qual o autor se refere – que corresponderia à tomada de poder governamental, passando a ser um grupo social também dominante. A capacidade de dirigir e se afirmar na sociedade civil é fundamental neste processo, uma vez que, também legitima e viabiliza a dominação do poder na sociedade política.

E, neste sentido, a respeito da capacidade de difundir-se na sociedade civil, Macedo chama a responsabilidade para os agentes cristãos:

> Não há projeto auto-executável, pelo menos no campo de que estamos tratando, pois ele sempre dependerá de executores disponíveis para sua conclusão. Estamos falando de uma intenção antiquíssima, na verdade milenar, e que ainda não se concluiu. A não-conclusão do projeto em questão nunca se deveu a uma indisposição de Deus para efetuá-la, mas a falhas dos agentes que foram designados a estabelecê-la. (MACEDO e OLIVEIRA, 2008, p. 53)

Uma característica importante a respeito do "plano de poder" é seu caráter processual: “Em todo o processo da Criação, em que as coisas vão acontecendo, desejamos chamar a atenção para a maneira como Deus trabalha com a essencialidade (fundamentos, bases, princípios): tudo ocorre de forma crescente e periódica” (idem, p. 9). Afirmam também a ideia de continuidade e encadeamento de ações no fazer político:

> […] estamos falando de algo complexo e que não se resume a uma ou outra ação e sim de ações contínuas. Não se deve pensar política só do ponto de vista partidário, ou de confrontos oposicionistas; não, não é por aí, e isso não é de hoje. Base da política, partindo do pressuposto de conquistar e fazer prevalecer ideais, depende muito de bons relacionamentos. (MACEDO e OLIVEIRA, 2008, p. 27)

A racionalidade do plano é expressa na afirmativa que o poder político requer habilidades estratégicas e ideológicas e se expressa no modo de fazer campanha eleitoral, descrito amiúde no livro. A escolha da bandeira seria fundamental, mas o grande segredo seria saber se comunicar durante uma campanha política, pois

> O bom produto político (candidato) e o número de simpatizantes eleitores são fundamentais, mas as estratégias podem ser altamente determinantes em pleito. **O que estamos falando diz respeito a uma série de fatores, como o discurso (tema que vise criar uma identidade coletiva), o tom do discurso (volume da voz e de sua cadência), a imagem do produto (forma de apresentação do candidato), o tempo de televisão na propaganda eleitoral gratuita, e hoje, mais do que nunca, o marketing.** (MACEDO e OLIVEIRA, 2008, p. 49) [grifo meu]

E, da mesma forma, afirma que o trabalho político não se encerra no processo eleitoral, se constitui como processo – como decurso: “É extremamente necessário que haja um projeto visando primeiramente à conscientização e ao amadurecimento e esclarecimento

de um povo, ou de uma classe, para que então seja construída a estratégia e alcançados os objetivos intencionados." (idem, p.60)

Afirma que sempre houve luta por domínio e poder, que hoje requer estratégias políticas, ideologia, habilidade, poder de mobilização e convencimento. E "para haver disputas, haverá sempre o outro lado da parte interessada em se estabelecer. Existem os **agentes do mal**, que são aqueles que fazem oposição acirrada em vários sentidos – inclusive, ou principalmente, na política – aos **representantes do bem**." (idem, p.12)

A contraposição maniqueísta entre bem e mal, associada à teologia do domínio, e frequentemente utilizada nos discursos religiosos e políticos iurdianos, é resgatada no livro. Assim, os que creem serão abençoados e os que não creem, serão amaldiçoados[29]. Os que creem são os cidadãos de bem. Tais disputas, permeadas pela racionalidade das estratégias, são também disputas por espaços:

> Lembre-se: estamos tratando de uma disputa por espaços e por consolidação desses espaços. Não calcular as consequências das ações pode pôr tudo a perder, ou fazer o processo retroceder ao ponto inicial [...] Os re-trabalhos e as reconstruções são sempre mais difíceis e árduos, podendo inclusive desanimar os defensores de determinadas causas. (MACEDO e OLIVEIRA, 2008 p. 45/46)

O conceito de território está associado ao trecho acima, se entendemos território como um domínio espacial sobre o qual diferentes atores sociais afirmam controle político. É, portanto, uma parcela do espaço em disputa, sobre a qual incide uma dominação, econômica, política, ideológica. O território, como o próprio "plano de poder" indica, é um instrumento de poder, de forma que quanto maior a influência de um grupo, maior será a capacidade de domínio e, logo, de territorialização. Mais do que isso, o "plano de poder" refere-se a disputas por espaços visando a construção de uma nação e com rebatimento territorial – uma vez que tal disputa se dá nos limites do território brasileiro.

Esse é um dos poucos momentos em que o livro faz referência direta ao momento eleitoral como modo de fazer política. Em um chamamento ao povo cristão, afirma que as

[29] Fala de Edir Macedo no Santo Culto realizado no DF em 13/05/2018. "Então quem abençoa o judeu é abençoado, quem amaldiçoa o judeu é amaldiçoado. Nós estamos falando a palavra de Deus. (…) Esta é a verdade e eu provo isto com fatos, porque o trabalho da Universal começou também com a palavra. Então Deus escolheu Abraão e deu a direção. Eu creio que Deus chamou você aqui também para fazer de você um Abraão. (…) Quem crê é salvo, quem não crê não é salvo". Santo Culto direto de Brasília/DF – 13/05/2018, https://youtu.be/rrPMyGvdD0A, visitado em 20/10/2018.

decisões referentes à vida cidadã no Estado são políticas e que muitos eleitores: “demonstram não perceber a existência de um plano de Deus para o Seu povo” e “desperdiçam a oportunidade de promover mudanças através do poder do voto racional, ou seja, consciente.” (idem, p. 20) E então assinala as condições do fenômeno que hoje, dez anos depois da publicação do livro, parecem ter ainda mais concretude:

> Insistimos em que a potencialidade numérica dos evangélicos eleitores pode decidir qualquer pleito eletivo, tanto no Legislativo, quanto no Executivo, em qualquer que seja o escalão, municipal, estadual ou federal. Mas essa potencialidade depende de cultura cívica, conscientização, engajamento e mobilização. Essa é a fórmula da participação determinante. Os cristãos não devem apenas discutir, mas principalmente procurar participar de modo a colaborar para a desenvoltura de uma boa política nacional e, sobretudo, com **o projeto de nação idealizado por Deus para o seu povo**. (MACEDO e OLIVEIRA, 2008, p. 25) [grifo meu]

A discussão do livro justifica a disputa pelo poder, demonstrando o movimento da religiosidade saindo do templo para o campo político, já que se tem um plano designado por Deus. Ou seja, faz referência a um projeto de Deus, do qual a Universal e especificamente Edir Macedo ou quem seja indicado por ele, se apresentam como porta-vozes. Mais adiante completam: “E por falar em oportunidades, vale salientar que o potencial quantitativo de evangélicos no Brasil é altamente relevante e que o momento é oportuno ao projeto divino de nação!” (idem, p. 68). Ao mesmo tempo, portanto, deixam clara a centralidade do Brasil na efetivação do projeto divino de nação atual.

Interessa-nos refletir quais os caminhos que buscam para promover essa participação e como se constitui e fortalece o que os autores chamam de cultura cívica, conscientização, engajamento e mobilização. Para os autores: “Os resultados da fé, por exemplo, são provenientes de ações inteligentes e mútuas: o ser humano faz a sua parte e Deus cumpre a d’Ele.” (idem, p. 26) e “O não-engajamento e o não comprometimento por parte dos cristãos, naturalmente, vinham contribuindo de forma negativa com o grande projeto de nação pretendido por Deus.” (idem, p. 52)

O "plano de poder" refere-se ao projeto de nação cristã e sua execução é pensada a partir das eleições e da política institucional brasileira. Ao observar a mundialização da IURD, pode se refletir sobre a multiplicação de projetos de nação que partem de territórios dos países onde haja cristãos “conscientizados”:

> Equivocam-se os que presumem que a conclusão do projeto de nação já tenha se concluído através da criação do Estado de Israel. Israel representa uma célula de tudo o que está planejado para acontecer. A promessa de Deus feita ao patriarca Abraão denuncia Sua intenção, ao dizer que o colocaria por pai de numerosas nações. (MACEDO e OLIVEIRA, 2008, p.71)

Segundo ele, milhões de pessoas teriam sido evangelizadas e passaram a fazer parte do universo dos que professam uma mesma fé. E afirma:

> Não estamos nos referindo a nenhum rótulo denominacional, mas sim a cristãos. Nos momentos em que eles se aperceberem desse projeto que aqui está sendo apresentado, verão que estamos tratando de algo que está muito próximo de ser concluído, mas que, ao mesmo tempo, requer ações práticas de seus genuínos representantes. Imagine todos os cristãos do Brasil, e do mundo, conscientizados. Certamente, estariam engajados neste propósito divino: o povo de Deus, com sua dignidade e respeitabilidade, governando com justiça social pelo temor que lhes é peculiar. (MACEDO e OLIVEIRA, 2008, p.72)

Ou seja, o projeto é pensado a partir dos limites de Estado e todo Estado é territorial. Embora conclame os cristãos do mundo, deixa claro que o Brasil é o país que tem condições para a execução do plano de Deus hoje. E, neste sentido, as disputas e a territorialização se dão dentro dos limites de um Estado – territorial. Tais disputas ocorrem no âmbito da sociedade política e da sociedade civil e revelam elementos simbólicos fundamentais ao processo de construção de identidade e territorialização cristã no Estado.

É interessante observar que a concepção de território associada aos Estados remonta à Geografia tradicional alemã, no contexto da formação dos Estados-nacionais alemão e italiano, em Friedrich Ratzel, através de uma perspectiva geográfica, associa o conceito de território ao espaço dominado por uma comunidade ou por um Estado (Ratzel, 2011). Para Ratzel, o Estado não seria concebível sem um território e fronteiras e sua função seria proteger o solo contrataques que buscassem diminuir o território.

Assim, a perda de território indicava a decadência da sociedade e o progresso desta requeria o aumento do território, uma vez que este representava a própria existência da sociedade. Disto deriva o conceito de espaço vital, entendido como o direito natural da sociedade a um espaço, uma articulação da visão naturalista com a perspectiva jurídico-política. Esta concepção de território remete também à ideia de coesão social, segundo a qual

o território seria capaz de estabelecer a coesão uma vez que seria abrigo para a nação e para o Estado, assim como fonte de recursos para este (Ratzel, 2011). O livro “Plano de poder” apresenta o projeto de nação associado a um território e Estado, trazendo, portanto, essa perspectiva da coesão e do território como abrigo à nação.

A concepção de território como limite territorial de um Estado-nação e, portanto, como fundamento absoluto da soberania política, embora amplamente difundida, considera apenas o Estado como núcleo de poder. O Estado territorial é visto como elemento organizador da ordem internacional, estruturando as estratégias políticas, econômicas e sociais. Ainda nesta perspectiva poderíamos nos referir a diferentes escalas: municipal, estadual e federal, mas, ao mesmo tempo, o "plano de poder" só pode ser colocado em prática, como já citado, com o envolvimento de pessoas, com ações e participação dos cristãos, ou seja, com a incorporação de outros níveis de ação.

É por isso que não devemos analisar a execução do "plano de poder" apenas como a ocupação da Política, isto é, do espaço político-institucional. A complexidade do território em disputa não permite reduzi-lo ao território político-jurídico. Neste sentido, identificamos, além da Política, outros três eixos fundamentais à análise: o templo, a mídia e a rua.

Há, portanto, dois pontos que decorrem deste raciocínio e contribuem à análise do objeto: a disputa por espaços como ideia central na execução do "plano de poder" e, por consequência, a importância da categoria território à análise; e a compreensão de território para além daquela associada diretamente ao Estado, pois território estaria associado à apropriação do espaço em seus múltiplos níveis, o que se aproxima da ideia de “ocupar espaços” que o Plano levanta.

Raffestin (1993), enfatizando o caráter político da noção de território, vai apontar para as múltiplas escalas onde se desdobram as relações de poder constitutivas dos territórios, sustentando que a imagem territorial projetada por um ator social não é equivalente ao território real, pois este é a conjugação de distintos projetos territoriais em disputa. Já Milton Santos (2006) vai propor a noção de território usado, definindo-o ao mesmo tempo como recurso para os dominantes e abrigo para os dominados. Enquanto Souza (1995, p. 78) concebe o território como “espaço definido e delimitado por e a partir de relações de poder”.

Essas concepções ampliam a compreensão de poder para além do poder estatal, referem-se “tanto ao poder no sentido mais concreto de dominação, quanto ao poder no

sentido mais simbólico de apropriação" (HAESBAERT, 2006, p. 1), e "pode ser concebido a partir da imbricação de múltiplas relações de poder, do poder mais material das relações econômico-políticas ao poder mais simbólico das relações de ordem mais estritamente cultural." (HAESBAERT, 2006. p. 79). Assim, considerar múltiplas escalas espaciais e temporais, para além da escala do Estado-nação, é considerar também outras concepções de poder, que operam em diferentes escalas e se dão entre variados atores/agentes e colocar o conflito como elemento constitutivo do território.

Para Macedo e Oliveira é fundamental que todo segmento da sociedade busque organizar-se social e politicamente para conquistarem espaços (de representação política, inclusive) e direitos que os protejam:

> Grupos e classes com representatividades numéricas bem pequenas, em comparação com a quantidade de evangélicos, vêm organizando movimentos sociais há algum tempo, conquistando espaços e direitos que os protegem dos mais variados preconceitos. Esse modelo de organização social e política não é praticado, pelo menos de forma explícita, pelos cristãos. (MACEDO e OLIVEIRA, 2008, p. 35)

Afirmam, inclusive, que os evangélicos sofrem preconceito no país, uma vez que, "ser evangélico no Brasil ainda é como ser estrangeiro no Egito nos dias dos Faraós" (idem, p. 52). A opressão e perseguição do evangélico hoje no Brasil é comparada ao preconceito e escravidão sofridos pelos hebreus, sobre o que Clara Câmara comenta que

> A terra prometida, Israel, seria a projeção, ou melhor, uma pequena célula do que está programado para acontecer em outros espaços do mundo. Na tentativa de estimular os possíveis leitores diante da dimensão do desafio, o principal líder da Igreja Universal busca explicar que, embora a meta estabelecida por Deus pareça distante, ela está cada dia mais próxima de se concretizar. (CÂMARA, 2016, p. 11)

Os autores apresentam ao longo do livro uma série de projetos de poder que não vigoraram, ou vigoraram temporariamente, pelos mais diversos motivos, e figuras bíblicas como Moisés, que teriam sido uma ferramenta fundamental para o projeto naquele determinado período. O caminho para a superação de tal preconceito seria a execução do projeto divino, embora:

> Essa proposta não deve ser vista como um modelo de poder teocrático ou semiteocrático como o Brasil historicamente parece ser. O Estado é laico e deve continuar a ser, do contrário as liberdades ficam ameaçadas e os

> preconceitos tendem a se estabelecer. Os evangélicos sabem muito bem o que isso significa, ou seja, o que é sofrer preconceitos. (MACEDO e OLIVEIRA, 2008, p. 112)

Ao longo da obra, os autores afirmam defender a “laicidade do estado brasileiro e a liberdade de crença garantida por nossa constituição” (MACEDO e OLIVEIRA, 2008, p. 10). O argumento da laicidade do estado é recorrentemente utilizado por críticos da presença evangélica no espaço da Política institucional, enquanto que a garantia constitucional da liberdade de crença é utilizada como contra-argumento pelos cristãos, reforçada pela ideia de que todos os segmentos devem estar organizados e representados politicamente. Ao expor de forma explícita no livro, os autores parecem querer se resguardar e evitar possíveis enfrentamentos neste sentido.

O livro afirma que, no Brasil, a “ótica gestora teocrática” tem se observado “ao longo da história política nacional” (idem, p.57), fazendo referência ao atrelamento entre Estado brasileiro e Igreja Católica, mesmo depois da separação constitucional entre religião e Estado em 1891. Para os autores, “Os recursos teocráticos têm sido observados de longa data, em especial na mídia, e por vezes o próprio poder Público assume de forma usual o posicionamento da igreja.” (idem, p. 58) E, assim, contradizendo a prática da bancada evangélica no Congresso, como será tratado adiante, reafirmam que o Estado laico:

> deve ser isento em seus posicionamentos. Não é justo inserir a doutrina religiosa nas decisões do poder Público não é nada justo para os que não professam a mesma fé. A esse respeito, tudo o que o Estado deve garantir a seus cidadãos é a liberdade de fé, e o não vilipêndio do local de culto. (MACEDO e OLIVEIRA, 2008, p. 57)

Apesar de afirmar não ser justo inserir a doutrina religiosa nas decisões do poder Público, a conferência e análise das ações e discursos de representantes políticos da IURD, poderia indicar essa inserção por parte da Igreja, inclusive a partir de restrições de ordem moral ou religiosas a grupos que não sejam cristãos. Mas esta análise de discursos não é o foco da pesquisa.

O livro aponta para a importância de disputar posições políticas, tornar-se hegemônico para fazer o desejo de Deus e demonstra que isto não se faz nas eleições apenas. O movimento fundamental à realização deste "plano" é a ocupação do Estado, o que se faz de forma organizada através de ações continuadas e visando a expansão.

A partir de agora, serão identificadas quais são estas ações continuadas, assim como o modo como ocorrem. Para tal, foram identificados eixos de ação, que representam o processo de territorialização da IURD, suas estratégias territoriais e territorialidades, como será visto a seguir.

2.2. EIXOS DE AÇÃO: ESTRATÉGIAS TERRITORIAIS E TERRITORIALIZAÇÃO DA IURD

As denominações neopentecostais e, especificamente, a Igreja Universal, têm sido recorrentemente caracterizadas pela mídia e pesquisadores como empreendimentos religiosos (BONFIM, 2008; CAMPOS, 1999; MAFRA, 2001; RODRIGUES, 2009) e suas especificidades não inibem a existência do caráter empreendedor e/ou empresarial destas instituições religiosas.

Quando se atenta ao ritmo e eficiência da expansão territorial da IURD, se percebe a complexidade de práticas socioespaciais e estratégias que a caracterizam e que, por um lado, enquanto estratégias viabilizam o crescimento da instituição IURD e, por outro, suas práticas se fortalecem enquanto representações de poder em seus respectivos espaços de atuação. A multiplicidade de práticas socioespaciais e serviços da IURD na atualidade a caracterizam como mais do que uma instituição religiosa (GUTIERREZ, 2017; ARAÚJO, 2018), segundo Araújo, como

> […] uma organização de múltiplos serviços e produtos, e seu modus operandi consiste numa lógica empresarial voltada à eficácia e eficiência dos meios e resultados no mercado religioso e secular. Seu comportamento organizacional é estrategicamente definido para tornar eficaz o alcance dos resultados, sempre otimizando sua capacidade de satisfazer a necessidade dos fiéis por meio do fornecimento se serviços diferenciados. (ARAÚJO, 2018. p. 70)

Como veremos a partir dos eixos de ação, a IURD não se configura apenas como uma instituição religiosa, pois há uma multiplicidade de serviços, produtos, grupos, frentes de atuação que estão associadas, cujo pano de fundo é a palavra de fé, mesmo em contextos não religiosos, ou nos quais a mensagem da prosperidade financeira ou das questões psicológicas

e existenciais parecem centrais. Além disso, Araújo (2018) sinaliza uma racionalidade nas ações da IURD, mesmo diante de seu quadro plural.

A noção de estratégia territorial é entendida como um conjunto de regras de decisão para orientar o comportamento de um agente, ou seja, como uma série de ações coordenadas em vista de um objetivo (LACOSTE, 2008), fundamental à compreensão da racionalidade das ações e a existência de propósito e intencionalidade nas práticas. Neste sentido, são identificados quatro eixos fundamentais que caracterizam as práticas e estratégias através das quais a Igreja Universal se reproduz e que serão analisados a seguir, são eles: o templo, a mídia, a rua e a política.

A articulação entre as práticas socioespaciais revela-nos como as Igrejas neopentecostais direcionam sua expansão demográfica, institucional e territorial e propaga sua mensagem religiosa. Tais eixos possuem articulação entre si, o que permite entender o modo como se expressam as estratégias, uma vez que possuem uma intencionalidade. Assim, o templo revela-se enquanto uma estratégia territorial, que só se consolida com a mídia, a rua e a política, elementos da territorialidade, que atuam simultaneamente.

A Igreja Universal disputa hegemonia e, justo por isso, precisa alimentar e conectar práticas sociais da verticalidade, que “são vetores de uma racionalidade superior e do discurso pragmático dos setores hegemônicos, criando um cotidiano obediente e disciplinado” (SANTOS, 2006, p.193) e da horizontalidade, que “são tanto o lugar da finalidade imposta de fora, de longe e de cima, quanto o da contrafinalidade, localmente gerada” (SANTOS, 2006, p.193). Dessa forma, a IURD busca ocupar espaços de poder da sociedade política, ao mesmo tempo em que necessita e estimula a dispersão de seus valores e do evangelho pelas camadas populares, onde se dão e se criam as horizontalidades – a sociedade civil, mesmo quando isso ocorre a partir de ações impostas de fora, de longe ou de cima - a partir de práticas sociais verticalizadas, como afirmou Milton Santos.

A noção de Estado ampliado de Gramsci contribui ao entendimento do modo como as práticas sociais se articulam: há um movimento de espraiamento destas práticas pela sociedade civil, que contribuem e legitimam a concomitante busca pela participação na sociedade política. Partimos então de uma concepção de Estado enquanto conjunto de relações sociais de poder e domínio que formam comunidade e, portanto, compreende relações sociais de poder, não quaisquer, mas de classes sociais. Determinada classe consegue

organizar a vida em comum a partir dos seus interesses (OSÓRIO, 2014) e, neste sentido, o reconhecimento do caráter classista é fundamental para se entender que o Estado aparece, assim, como defensor do bem comum, mesmo defendendo, na verdade, interesses particulares de uma classe ou frações de classe. Mendonça aprofunda, apresentando a noção de Estado Ampliado, sociedade política e sociedade civil de Gramsci:

> Definido o Estado como produto da permanente inter-relação entre sociedade civil e sociedade política, remetendo a primeira à noção de legitimidade e a segunda à de coerção, fica mais claro perceber que ele está em condições de exercer a violência simbólica justamente porque conta, nessa sua concepção ampliada, com uma dimensão estruturante ausente ou subestimada nas demais abordagens do tema: a cultura, instrumento por excelência unificador e homogeneizador das diferenças, ainda que social e historicamente construída. Somente a partir desta perspectiva teórica é possível verificar como e porque o Estado se encarna, simultaneamente, dentro da objetividade, sob a forma de agências e mecanismos específicos, e também da subjetividade, sob a forma de estruturas mentais, esquemas de percepção e de pensamento – visões de mundo, enfim, na acepção gramsciana -, refletindo a hegemonia de um dado grupo ou fração de classe. (MENDONÇA, 1996, p. 95)

A inter-relação entre sociedade civil e sociedade política é fundamental para compreender o modo de atuação e territorialização da IURD, que articula dialeticamente práticas da sociedade civil e dominação ideológica com a presença na sociedade política. Vimos anteriormente que a disputa pela hegemonia pentecostal na sociedade é mais ampla do que a noção de hegemonia religiosa, frequentemente usada para referir-se à diminuição da força católica ao crescimento pentecostal.

Pentecostais tratam católicos como privilegiados, trazendo o argumento da defesa do estado laico e da liberdade de expressão para tal crítica. Os mesmos argumentos são utilizados por outros agentes ao se posicionarem contra a presença pentecostal no Estado. Em ambos os casos o discurso religioso e moral permeia as práticas e ações destes grupos. A disputa por hegemonia se dá a partir da identidade religiosa, mas não só. Na disputa por hegemonia, é preciso ser capaz de se consolidar na sociedade política e, se difundir pela sociedade civil, o que é possível a partir da ideologia, que por sua vez está permeada pelo discurso religioso.

A seguir, são analisados os eixos de ação: templo, rua, mídia e política, que correspondem a um agrupamento das práticas socioespaciais e estratégias territoriais da Igreja Universal do Reino de Deus. Tais eixos são reveladores do quão complexo se apresenta a

IURD nos dias atuais. O quarto eixo, a política, foi destacado em capítulo a parte devido à centralidade que ocupa no plano de ação ora apresentado.

2.2.1. O Templo

Partimos do espaço cuja natureza fundamental é o exercício do sagrado, do religioso, que, podemos dizer, é a razão primeira, ou primária, de ser igreja. O templo é o espaço, a priori, do sagrado, e no qual o viés religioso da instituição IURD é exercido.

No site da Universal, a história da Igreja é apresentada através da chamada: "do coreto às catedrais"[30], fazendo referência ao coreto do subúrbio carioca no qual as primeiras pregações de Edir Macedo se deram e aos grandes templos que foram erguidos a partir da década de 1990. Em quase todas as unidades da federação (UF) brasileira[31] existe ao menos uma "catedral da fé", como são chamados os mega templos da Igreja Universal, que costumam ser os templo-sede das UFs.

A sede nacional e mundial da Igreja Universal é o Templo de Salomão, localizado na cidade de São Paulo e inaugurado em 2014. Entre 1999 e 2014, a sede funcionou no Templo da Glória do Novo Israel, mais conhecida como a Catedral Mundial da Fé ou Templo Maior, em Del Castilho, na cidade do Rio de Janeiro. Esta Catedral continua sendo uma importante referência para a instituição, pois está localizada no subúrbio carioca, que foi onde teve início da história da Igreja, além de ter se tornado também um museu, o Centro Cultural Jerusalém.

O Templo de Salomão é uma versão do templo homônimo, que existia e foi destruído ainda na antiguidade onde hoje se situa Jerusalém (Israel). Assim como a Catedral Mundial da Fé, o Templo de Salomão possui estúdios de televisão, salas para evangelização e reunião e um museu – neste caso, um memorial que conta a história das doze tribos de Israel descritas no Velho Testamento, a fim de resgatar a história dos templos originais de Jerusalém (STORTO, 2015. p. 267). A construção deste suntuoso mega templo em São Paulo, com capacidade para mais de 10 mil pessoas, no grande centro econômico do país, representa uma marca na paisagem da cidade, que é também uma marca territorial, pela representação de poder que carrega. O deslocamento da sede do Rio de Janeiro para São Paulo é estratégico e simbólico, no sentido que as grandes empresas multinacionais instaladas no Brasil, têm suas

[30] https://www.universal.org/a-universal Acesso em 07 de julho de 2017.
[31] Segundo site da Universal (www.universal.org/enderecos – acesso em 31 de julho de 2018), apenas as Unidades da Federação do Acre, Amapá, Maranhão e Mato Grosso não possuíam catedrais da fé construídas ou em fase de construção. Piauí, Sergipe e Tocantins estão com catedrais da fé em fase de construção.

sedes localizadas na cidade global de São Paulo, e territorializar-se ali pode ser visto como expressão do crescimento e até da transnacionalização da IURD.

A respeito da mundialização da IURD, vê-se que é um processo que se dá pela sua expansão tanto enquanto um grupo empresarial, quanto pelo viés religioso, através da libertação de almas (MACEDO, 1998; CRIVELLA, 2002) para Cristo mundo afora e da teologia da prosperidade. Os dois vieses não se excluem, uma vez que o discurso religioso é inserido no discurso (e produtos, muitas vezes) das diversas empresas, assim como muitas das empresas contribuem e estão a serviço das dinâmicas de evangelização.

Para Leite (2011), as catedrais consolidam institucionalmente a IURD, pela sua representatividade simbólica, espacial e arquitetônica. Além disso, Leite observa a importância dada pelos neopentecostais e, especialmente, pela Universal, à Israel, a terra sagrada cristã. Na construção de uma grande nação cristã, elenca-se um território sagrado pentecostal, ou apenas cristão, como os próprios denominam, e se reforça a associação com o povo hebreu, "estabelecendo a sua ligação identitária com um passado, identificando no Israel mítico o seu mito de origem" (LEITE, 2016, p. 56).

Além das caravanas organizadas pela Igreja à Terra Santa, há o estímulo ao turismo e a divulgação e acompanhamento de algumas visitas pelos canais televisivos ligados às Igrejas. Tais esforços ajudam a construir a identidade dos fiéis com a Terra Santa e para tal, "a IURD parte do princípio de que é necessário transmitir veracidade através do vínculo de sua tradição a acontecimentos e lugares historicamente conhecidos e atribuídos a tradição cristã para construir sua memória" (LEITE, 2016, p. 55).

Outro fator, que estimula este movimento é a intensificação de vínculos comerciais com Israel, como foi o caso da importação de pedras de Israel para a construção de algumas das principais catedrais iurdianas brasileiras. O site da Universal noticiou[32] que "Foram importados de Israel mais de 39 mil metros quadrados de pedras usadas na construção e decoração do Templo [de Salomão]. O material veio diretamente da cidade de Hebron".

A respeito desta forte referência que a Universal tem em Israel, é possível identificar um processo de judaização da denominação, a partir do resgate do Velho Testamento

[32] Notícia: As pedras do Templo de Salomão, de 26.12.2015. Disponível no site: https://www.universal.org/noticias/as-pedras-do-templo-de-salomao. No Brasil, materiais utilizados para construção de templos religiosos são constitucionalmente imunes à tributação. A quantidade de pedras importadas foi enorme, mas sob essa argumentação, a IURD moveu e ganhou diversos processos judiciais para o não pagamento de impostos.

(MENESES, 2017; CAMPOS, 2016), embora esta seja uma tendência do pentecostalismo como um todo, como fonte de legitimação religiosa. A respeito deste processo na IURD, Meneses comenta que

> Ao longo da sua história, a IURD não deixou de flertar com os símbolos judaizantes, mesmo que estes não fossem preponderantes, numa total ruptura com as práticas protestantes históricas, que obedeciam ao primado da "graça salvadora de Cristo" e que sempre se fundamentaram nas leituras do Novo Testamento. (MENESES, 2017. p. 433)

Campos (2016) descreveu alguns dos símbolos do judaísmo que identificou na visita que realizou ao Templo de Salomão, além do fato do templo ter sido construído na intenção de ser uma réplica do Templo judeu de Salomão, em Israel: a saudação dos obreiros na entrada do templo era *shalom*, havia imagens de Sinai nas projeções de espera e a vestimenta do Bispo Macedo tinha quipá e capa com bordados judaicos. Além disso, outros signos judaizantes são percebidos na Fogueira Santa de Israel, assim como o próprio tratamento de Israel como terra santa e por consequência, a sacralização de símbolos da região,

> o óleo de oliveiras da Galileia, o sal do mar Morto e outros materiais trazidos de lá, como água, areia ou pedras, são muito valorizados por seus supostos poderes curativos ou pela alegada capacidade de produzir milagres econômicos na vida dos fiéis. (…) No espaço ao redor do templo, foram plantados 12 pés de oliveira, para representar as doze tribos de Israel. (CAMPOS, 2016[33])

Os templos são marcas no espaço geográfico, que transformam a paisagem e as dinâmicas socioespaciais. Para Braga, "A forma material mais visível de controle do espaço pelos grupos religiosos é o templo" (BRAGA, 2013. p. 156). No caso da igreja Universal do Reino de Deus, além de se destacarem os grandes templos na paisagem, suas fachadas possuem um grande letreiro, no qual constam sempre o logotipo da Igreja, o coração vermelho com a pomba branca e o slogan "Jesus Cristo é o Senhor". Embora nem sempre o nome da Igreja apareça escrito, seguem um padrão que conforma uma estratégia na qual os templos são marcas territoriais de fácil reconhecimento na paisagem.

A construção de templos, especialmente as catedrais pela sua magnitude, são parte da construção da própria memória da Igreja Universal. Ao mesmo tempo em que se estabelece e

[33] Artigo publicado no site: http://teologiadedeus.blogspot.com/2016/05/igreja-universal-do-reino-de-deus-da.htm (Acesso em 19 de fevereiro de 2019)

se afirma no presente, projeta-se ao futuro, visando sua permanência. A respeito do processo de construção da memória, Leite afirma que

> [a IURD] elabora estratégias para visibilizar e concretizar sua memória, construindo catedrais, centros culturais, livros e cd's comemorativos de sua história, biografias de sua principal liderança, além de uma vasta produção bibliográfica. (…) Por meio da imponência de suas edificações mostra que não é uma igreja transitória, por isso, a construção das catedrais, iniciada em meados da década de 1990, constitui um "divisor de águas em sua história". (LEITE, 2016. p. 55)

A imponência dos templos torna-os referências nas paisagens urbanas, marcadas pela materialização do seu poder. Essa imposição de sua presença física é também parte da estratégia de poder, que opera na associação da vivência do espaço em que a Igreja se faz materialmente presente, com a própria vida cotidiana da cidade e das pessoas que circulam nele, ligadas à IURD pela fé. A dissertação do geógrafo Marcus Faria, trata também da projeção da Igreja Universal e a respeito do templo, enquanto elemento central da estratégia territorial da Igreja, destaca-o como dispositivo territorial da presença de grupos religiosos,

> resultado de uma intencionalidade locacional seletiva. É onde um milagre espera por você; o endereço da felicidade e; o endereço da benção, segundo os próprios slogans da Igreja. Constitui, na paisagem, um elemento visual de monumentalidade e gigantismo, respaldado no par dialógico prosperidade/teologia (prosperidade da teologia e/ou teologia da prosperidade). (FARIA, 2011, p. 49)

Para o sociólogo Ricardo Mariano, porém, "a ênfase megalomaníaca da Universal (e da Mundial [do Poder de Deus]) na construção de templos enormes desfavorece a formação de laços de sociabilidade fraternais e comunitários" (MARIANO, 2013. p. 135). Embora a multiplicação de templos seja um símbolo de poder na paisagem urbana, sua opulência pode contribuir à formação de laços pouco identitários e a uma relação mais funcional e utilitarista com a Igreja. A clientela flutuante da IURD, a qual foi referida anteriormente na análise dos dados censitários, parece não ser exatamente resultado de uma deficiência proselitista ou evangelizadora, mas reflexo de determinadas estratégias e práticas da IURD. Segundo Mariano,

> O proselitismo focado no tele-evangelismo, por um lado, tem a vantagem de atrair indivíduos à igreja sem vínculos pessoais com outros adeptos, e por outro, dificulta sua socialização e permanência, especialmente numa

> denominação que não investe grandes esforços na acolhida de tipo comunitário. (MARIANO, 2013. p. 135)

As catedrais e mega templos são também estrutura necessária ao tele-evangelismo e estão interligados às catedrais eletrônicas, suas emissoras de rádio e televisão, "onde a fé é teatralizada por meio de liturgias hibridamente construídas, que exigem a presença dos fiéis maciçamente e onde se expõem as influências da psicologia das massas e da hegemonia das leis do mercado" (CAMPOS, 2016). Por um lado, portanto, os templos iurdianos limitam os vínculos comunitários, mas não deixam de ser pontos nodais, de atração de fiéis, influenciados por propagandas televisivas, distribuição de jornais e pelo fato de todos os templos estarem abertos diariamente, possibilitando a ampla circulação de fiéis.

Mesmo para uma relação utilitarista da religião, o que Mariano chamou de pronto-socorro religioso, os templos são o território efetivamente sob domínio indiscutível da instituição Igreja Universal, tanto em sua dimensão política como simbólica. O sociólogo Luis Eduardo Silva justifica o interesse da Igreja Universal em multiplicar templos pela capacidade de arrecadação e movimentação de capital que um templo gera em funcionamento:

> Compreendendo que quanto mais templos, maior a capacidade de arrecadação de dinheiro, a direção da Igreja passa a investir cada vez mais seus recursos em construções de Catedrais, bem como aluguel de espaços, ao ponto de, por exemplo, em Salvador, encontrarmos quase uma Igreja por bairro, e em alguns tendo até mais de uma. "Templo é dinheiro". (SILVA, 2008. p. 43)

O processo de construção dos templos é um investimento rentável também porque movimenta o ramo da construção civil. A maior parte das catedrais é construída, segundo a própria Universal, através das doações de fiéis. Notícia publicada na Folha de São Paulo[34] em 2007 afirma que empreiteiras contratadas para construção de templos da IURD seriam alguns dos maiores doadores de campanhas eleitorais do PRB, partido político ligado à Igreja.

Os templos podem ser vistos também como um objeto, "intencionalmente concebido para o exercício de certas finalidades, intencionalmente fabricados e intencionalmente localizados" (SANTOS, 2006, p. 332), que se tornam o vínculo, o meio para a relação da

[34] "Segundo a prestação de contas informada ao Tribunal Superior Eleitoral, R$ 1,51 milhão entraram nos cofres do partido vindo de oito empreiteiras contratadas pela Universal para fazer igrejas de porte médio e as chamadas Catedrais da Fé, que podem abrigar até 8.000 pessoas sentadas. As construtoras Liderança, MPC, Icec, Premo, Fujita, Precon, Efer e PBR doaram 94,3% de tudo que o partido recebeu no ano passado." - Notícia da Folha de São Paulo: 23 de setembro de 2007. *Empreiteiras de obras da Universal financiam PRB* https://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc2309200702.htm. (Acesso em 08 de agosto de 2018)

Igreja com a comunidade, os lugares propriamente ditos. É, assim, um ponto nodal primordial à reprodução dos discursos evangélicos e, principalmente, à conexão efetiva com a sociedade civil. Almeida afirma, fazendo referência às primeiras duas décadas de existência da IURD, que

> a igreja universal optou, na medida do possível, pela não construção de templos, sendo o seu procedimento o de aquisição ou de locação de cinemas, teatros, grandes depósitos, fábricas fechadas, em suma, qualquer lugar que seja bem espaçoso. No vácuo deixado pelos grandes cinemas e teatros – que cada vez mais ocupam pequenas salas de exibição – ou pela falência de certas fábricas, a igreja universal vai, paulatinamente, ocupando estes espaços e demarcando o seu lugar nos principais centros urbanos. (ALMEIDA, 1996, p. 36)

A escolha dos locais para implantação dos templos não é, portanto, aleatória. Segundo Oro, a Universal inicialmente compra ou aluga espaços

> situados em locais estratégicos, com forte densidade de circulação humana, e transformados por ela em espaços constantemente abertos, de onde são organizadas cruzadas pelos bairros e enviadas equipes móveis a detentos e doentes. São tantos os dispositivos que foi possível à Igreja estar em todo lugar ao mesmo tempo e atrair ou solicitar o máximo de cidadãos. (ORO, 2003. p. 31)

Ao discutir os processos de territorialização da IURD em Natal/RN, Luzimar Pereira da Costa afirma que, em geral, “a IURD abre núcleos, espécie de templos improvisados, cujas reuniões acontecem duas a três vezes por semana. Nesses casos, a instalação definitiva da Igreja dependerá do número de fiéis participantes desses núcleos” (PEREIRA DA COSTA, 2010. p. 7). Braga acrescenta um elemento à compreensão dos fatores locacionais à instalação dos templos que evidenciam uma intencionalidade, uma estratégia no processo de territorialização. O autor analisa a territorialidade da IURD a partir do estudo da geografia eleitoral e a associa ao caráter centralizador de sua organização episcopal. Para ele, o território “no caso da IURD, é previamente conhecido, com uma determinação de ‘cima para baixo’ para a implantação de novos templos” (BRAGA, 2013. p. 158).

Como viu-se anteriormente, a organização eclesiástica da Universal corresponde a uma estrutura hierárquica e centralizada. Tal estrutura verticaliza ações e centraliza decisões, impondo uma lógica ou um padrão de funcionamento dos templos e da gestão do espaço, como no caso da programação diária de cultos. Para Mariano, “o governo eclesiástico

verticalizado, por sua vez, dinamiza o processo decisório, dado que as deliberações dos líderes prescindem da anuência do baixo clero, pago para se incumbir da execução imediata das ordens superiores" (MARIANO, 2008. p.89).

Para que os templos funcionem diariamente, a maioria com mais de um culto diário, além da função do pastor, que trabalha em tempo integral para a Igreja, também os obreiros possuem papel fundamental, na limpeza do templo, na recepção de fiéis, na coleta de ofertas, entre outras funções. Neste sentido, Campos (1999) afirma que a unidade de tempo mínima para a Universal é o dia e que cada um possui uma corrente, com temática específica, "que segmenta o público conforme suas necessidades e desejos" (CAMPOS, 1999, p. 361) e que se repetem semanalmente. Para Campos (1999), a IURD regula os espaços, tempos e movimentos, em ritmos programados racionalmente, dentro da concepção urbana de tempo.

A imposição desta racionalização verticalizada é efetivada em relações socioespaciais dos sujeitos, fiéis, obreiros, pastores no e com o território do templo, em processos de horizontalidades. Mariano reforça a importância das relações interpessoais no processo de evangelização, assim como o papel que os obreiros cumprem nestas relações dentro dos templos:

> É no interior dos templos e congregações que a pregação pentecostal se torna plausível, isto é, cria as condições propícias para romper os ceticismos e barreiras do virtual adepto e, assim, possibilitar que ele se entregue a Jesus, mude de religião e permaneça na comunidade dos eleitos. (...) Daí a preocupação em recepcionar da melhor forma possível os recém-chegados que não possuem contato pessoal prévio com outros crentes, orientando-os e, em muitos casos, inserindo-os em grupos menores e mais íntimos, seja na própria igreja – caso dos grupos de adolescentes, jovens, solteiros, casados, senhoras, por exemplo –, seja em núcleos de fiéis que se reúnem na residência de um de seus membros. (MARIANO, 2008. p. 77)

Além das correntes, que ocorrem regularmente, e das reuniões para agrupar fiéis dentro e fora dos templos, as quais analisa-se no eixo Rua, existem também as campanhas, que são atividades sazonais. As correntes também são unificadas e centralizadas pela cúpula da Universal, por isso podem encontradas convocações gerais no site da Igreja para a Caminhada do Amor, ou Fogueira Santa de Israel, embora algumas possam ser realizadas conforme as exigências e circunstâncias locais. Segundo Mafra (1999), as campanhas ou correntes envolvem o compromisso do fiel com a Igreja sobre um propósito durante um

determinado número de semanas. Esse sistema prende o fiel à dinâmica da Igreja em nome de uma transformação que ele quer operar em sua vida. Por outro lado, “essa linguagem ritual envolve um nível de compreensão tão simples, forte e direto, que fiéis e frequentadores de diferentes origens sociais e com as mais variadas características culturais encontram ali um recurso simbólico acessível” (PEREIRA DA COSTA, 2010. p. 4).

A quantidade de reuniões realizadas diariamente varia de acordo com a magnitude e importância do templo na região em que se localiza, mas pode variar entre dois e até seis encontros diários, em horários fixos, dependendo do templo. A padronização de horários e temáticas dos encontros reforça o caráter utilitarista que os fiéis podem estabelecer com a Igreja. Por isso mesmo, Campos refere-se aos fiéis como consumidores religiosos:

> Nos templos da IURD os consumidores religiosos escolhem aqueles produtos que mais se relacionam com suas necessidades e arquitetam em sua própria cabeça o produto desejado, conforme as suas aspirações. Isto é, a Igreja universal oferece um kit contendo os ingredientes de um produto retrabalhado no imaginário do «consumidor». O preço a ser pago para a satisfação dos desejos na IURD é monetarizado. Daí a importância em sua pregação de temas como «sacrifício do dinheiro», «ofertas de amor», pois «dar o dízimo é candidatar-se a receber bênçãos sem medida», repete o seu fundador [Edir Macedo]. (CAMPOS, 1999. p. 362)

Cada corrente é amplamente divulgada nas redes sociais a partir de cartões virtuais. As redes sociais e o site da Universal apresentam, divulgam a programação e convocam os fiéis a partir de uma unidade básica para cada dia da semana, válida para todos os templos. São estes os cultos diários, também chamados de correntes ou reuniões, indicados no Quadro 3 a seguir:

Quadro 3 – Programação de cultos ou correntes da Igreja Universal por dia da semana

Dia da Semana	Correntes e cultos (2015)	Correntes, Reuniões e Palestras (2019)
Segunda	corrente da prosperidade ou da vida regalada (empresários)	Nação dos 318 – palestra motivacional para o sucesso financeiro
Terça	corrente dos milagres ou corrente da saúde (descarrego)	Corrente dos 70 – a cura do corpo e da alma
Quarta	corrente dos filhos de deus (encontro com Deus)	A escola da fé
Quinta	corrente da família (terapia coletiva antidepressiva)	Terapia do amor – palestra para vida amorosa
Sexta	corrente da libertação (vigília dos desenganados)	Grande sessão do descarrego
Sábado	corrente da grandeza de Deus (terapia do amor)	Jejum das causas impossíveis
Domingo	corrente do encontro com Deus (louvor e adoração)	Encontro com deus – palestra para fortalecimento espiritual

Elaborada a partir de SÁ, 2015 e site da Universal, acesso em 03/2019

O Quadro 3 apresenta o modo como a Universal divulgava a sua programação diária de atividades em 2015 (SÁ, 2015) e atualmente. Até o levantamento realizado em 2015, as correntes eram associadas a cultos, enquanto hoje são associadas à noção de reunião e palestra, o que parece indicar uma mudança na concepção dos mesmos. Ao pensar que o termo culto possui necessariamente caráter religioso e analisar a mudança dentro de um contexto de diversificação de atividades da Universal, ela pode ser um indicativo de distanciamento do religioso, num esforço da denominação de diversificar suas atividades, valorizando os atos de fé, mas não através da institucionalização da religião. O relato de Gutierrez a respeito da Reunião da Nação dos 318 reforça esta ideia ao afirmar que

> os atores [referindo-se a alguns obreiros entrevistados] não percebem o culto como sendo religioso. Não se trata de algo isolado, mas de uma avaliação constante dos atores com relação ao conteúdo ministrado na IURD. Em sua visão, falar de Deus e da ação do diabo não configuram uma entrada no religioso, uma vez que se tratam, para eles, de noções compartilhadas por todas as pessoas, ou seja, um valor metafísico extensivo a toda sociedade. Já a religião seria marcada, na visão dos agentes, pela normatividade com relação a costumes e imposição específica de formas de adoração, que variam conforme as denominações. (GUTIERREZ, 2017. p. 258)

A Reunião da Nação dos 318 é também chamada de Congresso Financeiro ou Congresso para o sucesso e sua temática é a busca da prosperidade, através da abordagem de problemas financeiros, sonhos e realização profissional dos fiéis (SILVA, 2008)**.** Os outros dias da semana voltam-se, no geral, para temáticas motivacionais e de apoio psicológico, familiar e conjugal, à exceção das sextas-feiras que é o dia da sessão do descarrego, da qual tratamos quando falamos sobre a batalha espiritual.

Pode-se afirmar, então, a multiplicidade de sentidos e funções dos templos como espaço para cultos e campanhas. Percebe-se, a partir da análise, a centralidade do templo na consolidação da Igreja Universal, não apenas enquanto instituição religiosa, embora os templos representem primariamente esta função, o espaço do sagrado. Além disso, os templos revelam-se símbolos de poder e parte da estratégia territorial da IURD, que visando sua expansão e propagação do evangelho, necessitam dos templos para materializar e reunir os discursos, as ações e os fiéis.

Neste sentido, os templos tornam visíveis e viabilizam a relação das pessoas com a Igreja, ou seja, de certa forma eles centralizam o encontro, e por isso nos referimos a eles enquanto nós de uma rede política. Ou seja, é um território efetivamente pentecostal e iurdiano que potencializa o espraiamento da denominação pela sociedade civil. Assim, na disputa por hegemonia, várias estratégias de construção de legitimidade e reconhecimento são utilizadas. O alcance da Universal na sociedade civil pressupõe a existência de templos e é tão maior quanto mais e maiores puderem ser os templos – enquanto espaços essenciais à difusão da ideologia e ao aumento do poder econômico da denominação.

Atualmente, a IURD possui um total de 6.815 templos no Brasil. O levantamento foi realizado através do site oficial da denominação[35], que disponibiliza os endereços dos templos da Igreja[36]. O dado do número total de templos oferece um quadro atual da distribuição espacial dos templos no território, deixando claro que ela não se dá de maneira uniforme, como pode ser observado na Tabela 13 abaixo.

[35] https://www.universal.org/enderecos/ (Acesso entre 19 e 26/03/2019 para realização do levantamento)

[36] A disponibilização dos endereços é feita através de um dispositivo de busca no site, o que significa que não temos como montar um banco de dados e acompanhar a inserção de novos templos e retirada de possíveis templos fechados pelo site, pois não sabemos quando isso ocorre. O levantamento torna-se apenas um quadro do atual momento.

Tabela 13 – Total de templos em números absolutos e % por região do IBGE, Brasil, 2019

Regiões IBGE	Total de templos	% do total dos templos
Centro-Oeste	645	9,5
Nordeste	1939	28,5
Norte	602	8,8
Sudeste	2803	41,1
Sul	826	12,1
Total	6807	100,0

Fonte: site oficial da Universal. Elaboração própria

A Tabela 13 revela que os templos da Igreja Universal estão profundamente concentrados na região Sudeste, com 41,1% do total de templos, seguido pela região Nordeste, com 28,5%. A maneira que os dados são apresentados na fonte não permite que se saiba a data de instalação, o que permitiria periodizar e observar uma dinâmica espacial, e nem o tamanho dos templos, se são pequenos templos ou são catedrais, por exemplo, o que nos mostraria diferentes estratégias distintas de territorialização. Assim, a partir dos dados agregados que se tem é possível levantar questões e não determinar acerca da distribuição espacial e sobre a estratégia de expansão da Universal.

A quantidade expressiva de templos no país reforça a importância deste para a realização do "plano de poder" da IURD, a medida em que é tanto uma marca no território, carregada de simbolismo e demonstração de poder, como uma das estratégias de territorialização, a partir da qual a Universal se expande e se fortalece enquanto instituição. Apesar das diferenças que a dimensão e a localização do templo podem gerar no que diz respeito às relações socioespaciais de uma comunidade com a Igreja, com o sucesso proselitista e, consequentemente, com a capacidade de territorialização da Universal, interessa perceber como a estrutura organizacional hierárquica da Universal cria medidas padronizadas, que possuem alcance nacional, no que diz respeito às estratégias de territorialização e ao modo de funcionamento desta enquanto denominação.

Isso não significa desconsiderar outras escalas de análise, que evidenciariam a diversidade e especificidades da territorialidade da Igreja em cada templo construído, em cada bairro e cidade. Ou seja, não se pode ignorar que as relações com o que havia no local antes da existência do templo, com as outras religiões ou denominações pentecostais já existentes e

instaladas no território, com a disponibilidade e modo de se relacionar dos fiéis com o templo, mais ou menos flutuantes por uma série de fatores possíveis, ou com o poder carismático do próprio bispo, podem ser distintas e influenciam na capacidade de territorialização da denominação.

A Tabela 14 apresenta o percentual da população total residente no Brasil pelas regiões do IBGE e o percentual do número de fiéis da IURD pelas regiões, nos censos demográficos de 2000 e de 2010.

Tabela 14 – Percentual relativo da população residente e percentual relativo do total de fiéis da IURD por região do IBGE, Brasil, Censos 2000 e 2010

Regiões IBGE	2000		2010	
	% da população residente total Brasil	% do total de fiéis da IURD	% da população residente total Brasil	% do total de fiéis da IURD
Centro-Oeste	6,9	7,9	7,4	8,5
Nordeste	28,1	18,2	27,8	23,5
Norte	7,6	7,5	8,3	10,9
Sudeste	42,6	56,3	42,1	47,9
Sul	14,8	10,1	14,4	9,2
Total	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: Censo Demográfico do IBGE 2000 e 2010

O cruzamento das informações da Tabela 13, cujos dados são relativos a 2019, com as informações de 2010 da Tabela 14, mostra que as regiões brasileiras com maior concentração de templos são também as que possuem maior número de fiéis da IURD. Ao observar a variação do percentual populacional total e de fiéis entre 2000 e 2010, percebe-se que, em termos relativos, a população total do Brasil cresceu nas regiões Norte e Centro-Oeste e decresceu sutilmente nas outras regiões. O percentual relativo do número de fiéis da IURD acompanhou em geral este movimento, mas com uma variação mais aguda. Assim, a redução do percentual relativo de fiéis da região Sudeste foi de 8,4%, enquanto redução da população foi de 0,5%; no Centro-Oeste, o crescimento relativo de fiéis de 0,6%, acompanhando o movimento populacional total. Já no Norte, o crescimento relativo foi de 3,4%, e o da população foi de apenas 0,7%. Por fim, no Nordeste houve redução de 0,3% na população relativa total e aumento de 5,3% do número relativo de fiéis iurdianos.

Cabe esclarecer, uma vez que os dados apresentados são apenas relativos, que entre 2000 e 2010, a população total do Brasil aumentou em números absolutos em todas as regiões do País, enquanto o número de fiéis da IURD sofreu um decréscimo total, como já foi apresentado, o que se expressou em uma redução absoluta no Sudeste, no Sul no Centro-Oeste. Nas regiões Norte e Nordeste, porém, houve aumento do número absoluto de fiéis, apesar do quadro geral.

O padrão de distribuição de fiéis da IURD mudou entre 2000 e 2010, indicando um crescimento maior nas regiões Nordeste e Norte do País em termos absolutos, mas também do Centro-Oeste, quando são analisados os dados relativos e, especialmente, o número total de templos. Acerca deste deslocamento da lógica de expansão territorial da Igreja Universal, Araújo (2018) destaca a capacidade institucional da Igreja de se adaptar "ao ritmo das mudanças sociais e técnicas nas macrorregiões brasileiras" (ARAÚJO, 2018. p. 24), potencializando suas redes empresariais, políticas e principalmente midiáticas. Desta forma, a IURD alcançou uma maior capilaridade no fluxo de informação e dos templos. Araújo afirma que

> O novo arranjo espacial da IURD a partir da década de 90 seguiu os ritmos de crescimento dos eixos de integração regional na Amazônia, planejados ainda no final dos anos 80 para reduzir os vazios logísticos existentes na Região Norte. Entre as principais metas estiveram a ampliação dos sistemas viário e aéreo, intensificando nas décadas de 1990 e 2000 os fluxos populacionais intra e interregionais direcionados, principalmente, para as metrópoles de Belém e Manaus. (ARAÚJO, 2018. p. 124)

O eixo de integração regional na Amazônia, com o desenvolvimento do sistema de transportes e informação, está diretamente associado à expansão da fronteira agrícola, onde houve intensa urbanização e aumento populacional nos últimos dez anos[37]. No Centro-Oeste, no Sul e no Nordeste, o percentual relativo de templos é maior do que o de fiéis na região. Inversamente, nas regiões Norte e Sudeste, o percentual de templos aparece menor do que o percentual da população. Apesar do crescimento populacional e do número de fiéis (em

[37] Entre o Censo de 2000 e o de 2010 houve 19 municípios brasileiros que duplicaram a população residente total. Destes municípios, 15 estão distribuídos entre Pará, Mato Grosso, Maranhão, Acre, Amapá e Rondônia, enquanto os outros 4 são de São Paulo e Rio de Janeiro. Dos 15 municípios na região de expansão populacional a que nos referimos, 12 possuem templos da IURD e em 13 deles houve aumento no número de fiéis, enquanto os outros dois se mantiveram estáveis.

números absolutos e relativos) da região Norte, o mesmo não se refletiu em uma proporção de templos superior ao de fiéis como no Sudeste.

A Tabela 15, a seguir, reforça as análises feitas a partir das Tabelas 13 e 14, destacando o Rio de Janeiro e São Paulo, com maior número de templos, mas com percentuais relativos de templos bem menores do que o de fiéis. O mesmo ocorre, em proporções menores e com discrepância também menor, com a maioria dos estados da região Norte (Pará, Amazonas, Rondônia e Roraima), além do Distrito Federal. Quando se observa o número de fiéis por templos, na Tabela 16, a média do número de fiéis por templos é maior nas capitais do que nas Unidades da Federação, o que pode ser indicativo da ocorrência de templos maiores, capazes de comportar maior público, em cidades maiores com maior aglomeração populacional, como são as capitais das UFs.

Tabela 15 - Total de templos em números absolutos e % por unidade da federação, 2019), e % da população residente total do Brasil e % do total de fiéis da IURD, 2010

UFs	Total de templos	% do total dos templos	2010	
			% da população residente total Brasil	% do total de fiéis da IURD
Acre	36	0,5	0,38	0,37
Alagoas	110	1,6	1,64	1,45
Amapá	39	0,6	0,35	0,54
Amazonas	161	2,4	1,83	2,55
Bahia	568	8,3	7,35	7,74
Ceará	336	4,9	4,43	4,39
Distrito Federal	100	1,5	1,35	1,94
Espírito Santo	133	2	1,84	1,46
Goiás	295	4,3	3,15	3,46
Maranhão	199	2,9	3,45	2,01
Mato Grosso	130	1,9	1,59	1,58
Mato Grosso do Sul	120	1,8	1,28	1,51
Minas Gerais	675	9,9	10,27	8,50
Pará	249	3,6	3,97	5,59
Paraíba	155	2,3	1,97	1,54
Paraná	284	4,2	5,48	4,04
Pernambuco	252	3,7	4,61	3,31
Piauí	99	1,5	1,63	1,04
Rio de Janeiro	769	11,3	8,38	14,59
Rio Grande do Norte	150	2,2	1,66	1,26
Rio Grande do Sul	333	4,9	5,61	3,46
Rondônia	58	0,9	0,82	0,99
Roraima	10	0,1	0,24	0,31
Santa Catarina	209	3,1	3,28	1,68
São Paulo	1.226	18	21,63	23,38
Sergipe	70	1	1,08	0,71
Tocantins	49	0,7	0,73	0,60
Brasil	6815	100	100	100

Fonte: Censo Demográfico IBGE 2010 e site oficial da Universal. Elaboração própria

Tabela 16 – Média do total de fiéis, 2010, por templo, 2019, por unidade da federação e por capital e % relativo dos fiéis da IURD residentes na capital

Média de fiéis por templo por UF		Média de fiéis por templo por capital		% relativo de templos na capital
Acre	191,9	Rio Branco	141,4	86,1
Alagoas	246,2	Maceió	338,3	32,7
Amapá	259	Macapá	223,4	82,1
Amazonas	296,5	Manaus	284,5	77,2
Bahia	255,4	Salvador	369	26,1
Ceará	244,8	Fortaleza	357,9	36,9
Distrito Federal[38]	362,6	-	-	-
Espírito Santo	206,1	Vitória	309,7	6,8
Goiás	219,5	Goiânia	286,6	21,4
Maranhão	189,5	São Luís	241,8	27,6
Mato Grosso	227,8	Cuiabá	214	23,1
Mato Grosso do Sul	235,9	Campo Grande	211,4	45,8
Minas Gerais	235,8	Belo Horizonte	287,1	14,2
Pará	420,8	Belém	631,5	25,0
Paraíba	186,1	João Pessoa	268,3	21,3
Paraná	266,3	Curitiba	340,7	18,0
Pernambuco	246,1	Recife	405,8	15,9
Piauí	197,4	Teresina	238,7	45,5
Rio de Janeiro	355,4	Rio de Janeiro	451,4	33,8
Rio Grande do Norte	157,9	Natal	215,2	30,7
Rio Grande do Sul	194,7	Porto Alegre	318,1	13,2
Rondônia	319,4	Porto Velho	384	41,4
Roraima	574,2	Boa Vista	769,3	60,0
Santa Catarina	150,8	Florianópolis	152	8,6
São Paulo	357,2	São Paulo	478,1	21,6
Sergipe	190	Aracaju	195,6	35,7
Tocantins	228,8	Palmas	245,7	22,4

Fonte: Censo Demográfico IBGE 2010. Elaboração própria

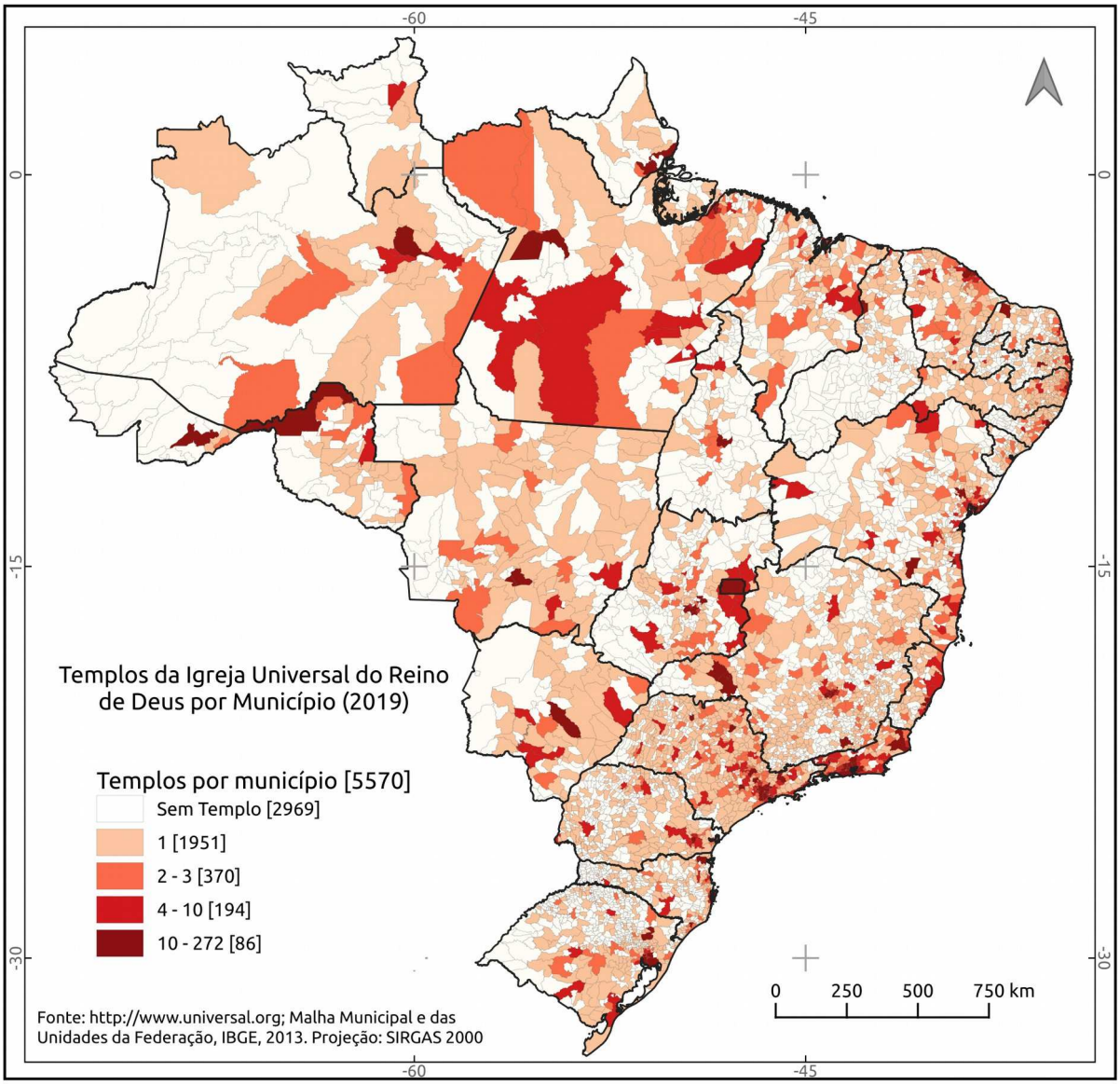
[38] Segundo o IBGE, Brasília é o único município do Distrito Federal, portanto, não possui capital.

O número de templos nas novas áreas de expansão, indicadas pelo aumento populacional e do número de fiéis (MARIANO, 2013; ARAÚJO, 2018; ALVES, 2012), não é capaz de revelar uma relação direta entre os dados, especialmente porque não se tem acesso aos anos de inauguração dos templos. Levando-se em conta que a frequência dos templos da IURD não se dá apenas pelo número de fiéis, mas também por uma clientela flutuante, como foi visto no capítulo 1, pode-se relacionar também as três regiões para onde aumenta a população nos últimos anos, Nordeste, Norte e Centro-Oeste, que possuem proporção de templos maiores do que o percentual relativo da população, o que indica a existência de templos menores, com limites de público menor, nestas regiões. Este pode ser um indicativo de novas formas de territorialização, novas estratégias territoriais, adaptadas, por exemplo, a um contexto de surgimento e crescimento muito rápido de algumas cidades na zona de expansão da fronteira agrícola brasileira, a partir inclusive de uma lógica empreendedora bastante afinada à teologia da prosperidade da Universal.

As leituras acerca do crescimento pentecostal reforçam o perfil essencialmente urbano do pentecostalismo (JACOB, 2003; ALMEIDA, 2008), em especial nas cidades médias ou grandes, com maior concentração populacional, assim como a opção pelos grandes templos da Universal em detrimento de uma territorialização marcada pela multiplicação de pequenos templos. O perfil urbano da Universal se mantém, mas é possível que, buscando uma dispersão pelo território nacional brasileiro, a denominação esteja criando novas estratégias de territorialização nestas regiões de expansão, como, por exemplo, a opção pela abertura de templos menores, para garantir uma capilaridade maior no território, tanto como para viabilizar um alcance maior da população, ou mesmo como a demonstração de poder que a própria marca do templo no território representa e faz frente a outras denominações que possam estar disputado o mesmo público-alvo. Para a confirmação desta hipótese precisaríamos de dados não disponibilizados, acerca das datas de abertura dos templos, e que não são o escopo desta pesquisa.

Os Mapas 1 e 2 a seguir indicam a distribuição e concentração dos templos da Igreja Universal no Brasil. O Mapa 1 apresenta o total de templos por município do Brasil, já o Mapa 2 é um mapa de calor, que é uma ferramenta para a apresentação gráfica de aglomeração e densidade de pontos e que neste caso correspondem a regiões de maior e menor densidade de templos no Brasil.

Mapa 1 – Templos da Igreja Universal do Reino de Deus por Município, Brasil, 2019

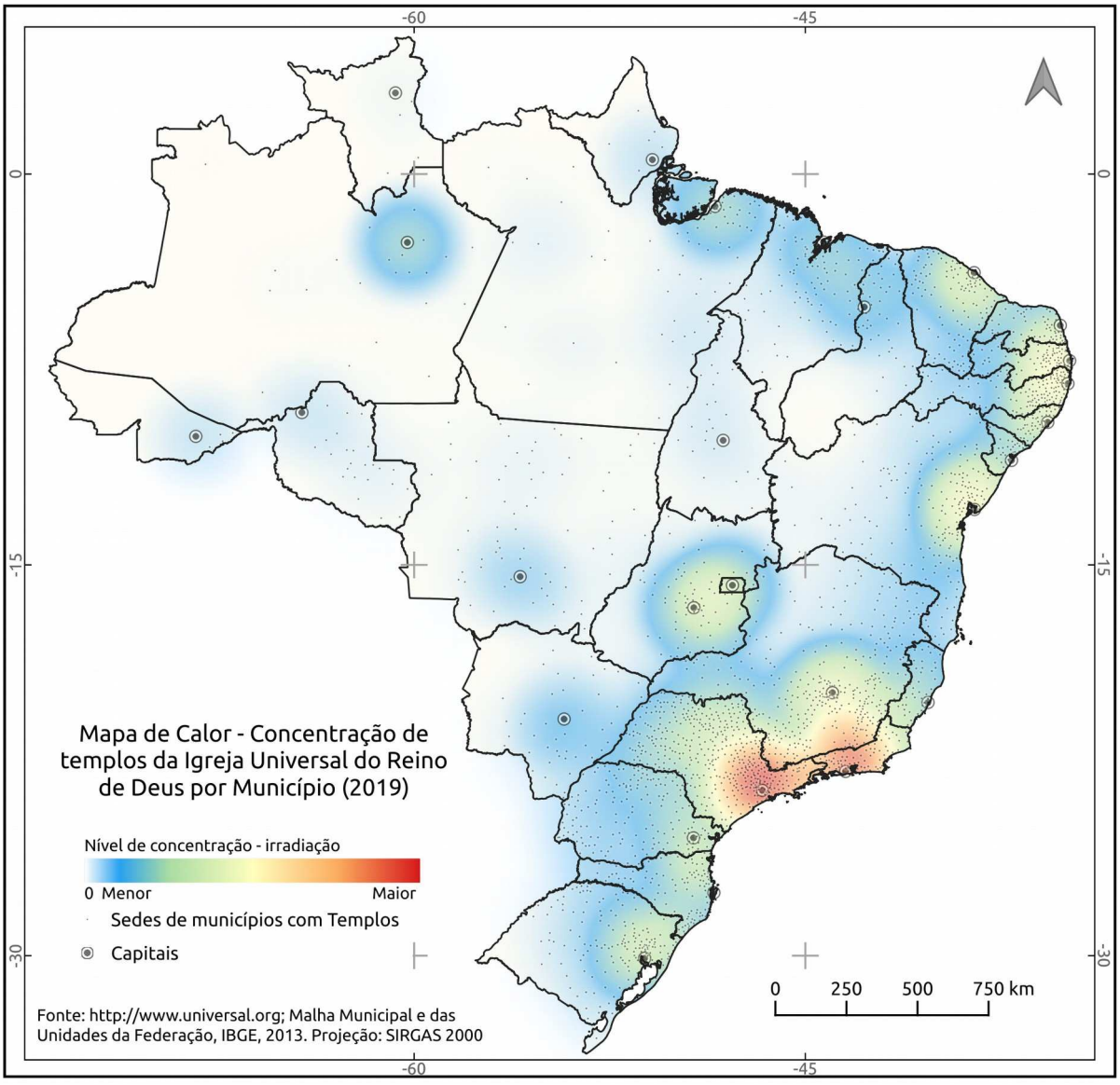

-60
-45
0
-15
-30
Templos da Igreja Universal do Reino de Deus por Município (2019)
Templos por município [5570]
Sem Templo [2969]
1 [1951]
2 - 3 [370]
4 - 10 [194]
10 - 272 [86]
0 250 500 750 km
Fonte: http://www.universal.org; Malha Municipal e das Unidades da Federação, IBGE, 2013. Projeção: SIRGAS 2000

A distribuição dos templos da Igreja Universal revela-se profundamente concentrada em alguns municípios brasileiros, uma vez que apenas 86 municípios possuem mais de 10 templos. A IURD está presente em 2.601 municípios, o que corresponde a 47% do total de municípios brasileiros e na maior parte, possui apenas 1 templo. Nestes 47% de municípios onde a IURD possui templos, reside 86% da população brasileira (IBGE, 2010).

Ao mesmo tempo que apresenta a concentração de templos em alguns municípios mais populosos, especialmente as capitais, o mapa indica a difusão de templos pelo território nacional e algumas regiões em branco, ou seja, sem templos. Dentre essas regiões vazias,

destacam-se o sertão do nordeste, especialmente no Piauí e oeste baiano e o extremo oeste amazônico, incluindo parte do estado do Amazonas e do Acre. A discrepância no tamanho dos municípios, pode tornar confusa a representação acerca das contribuições municipais no total de templos, neste sentido é que o Mapa 2 revela outros elementos acerca da distribuição dos templos.

Mapa 2 - Mapa de Calor - Concentração de templos da IURD por município, Brasil, 2019

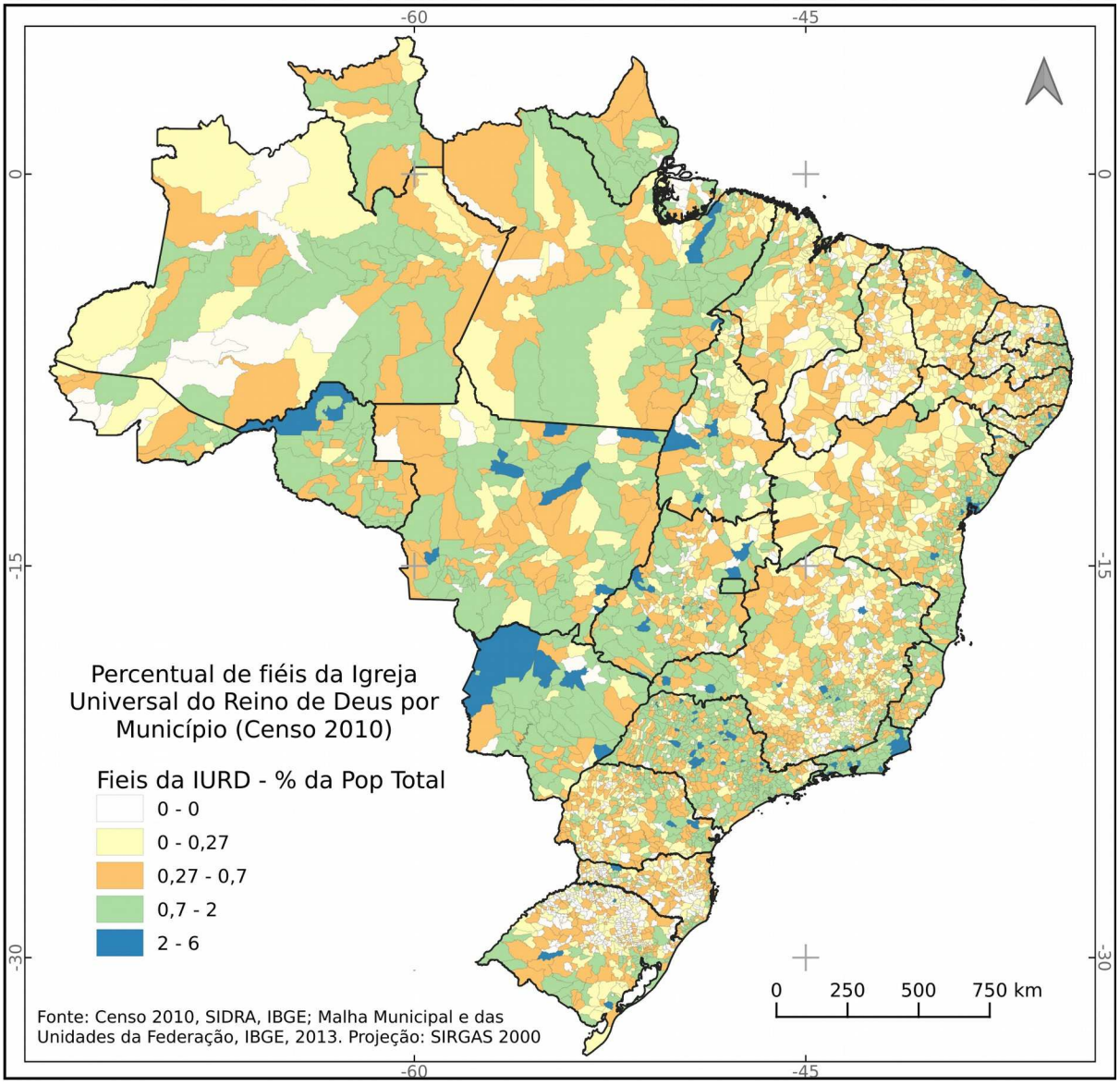

-60
-45
0
-15
-30
Mapa de Calor - Concentração de templos da Igreja Universal do Reino de Deus por Município (2019)
Nível de concentração - irradiação
0 Menor
Maior
Sedes de municípios com Templos
Capitais
0 250 500 750 km
Fonte: http://www.universal.org; Malha Municipal e das Unidades da Federação, IBGE, 2013. Projeção: SIRGAS 2000

O Mapa 2 sinaliza o espraiamento de templos pelo território, como o Mapa 1, mas evidencia a concentração de templos no eixo das regiões metropolitanas de Rio de Janeiro e

São Paulo e, em menor medida, nas capitais e regiões metropolitanas de quase todas as unidades da federação. Neste mapa que indica aglomeração de templos, os pontos vazios permanecem em branco, como é o caso do sertão nordestino. Já o Mato Grosso e o Pará, que possuem muitos municípios com grandes áreas e com presença de templos, não apresentam aglomeração de templos, a não ser no entorno das suas respectivas capitais. Como o levantamento da distribuição dos templos é estanque, apenas um recorte temporal no ano de 2019, não é possível apreender a dinâmica da expansão territorial dos templos a partir destes dados.

O Mapa 3 apresenta o percentual de fiéis da Igreja Universal em relação ao total da população, por municípios. O mapa foi elaborado a partir dos dados do Censo de 2010.

Mapa 3 - Percentual de fiéis da IURD na população total de município, Brasil, 2010


-60
-45
0
-15
-30
Percentual de fiéis da Igreja Universal do Reino de Deus por Município (Censo 2010)
Fieis da IURD - % da Pop Total
0 - 0
0 - 0,27
0,27 - 0,7
0,7 - 2
2 - 6
0 250 500 750 km
Fonte: Censo 2010, SIDRA, IBGE; Malha Municipal e das Unidades da Federação, IBGE, 2013. Projeção: SIRGAS 2000

No Censo Demográfico do IBGE de 2010, em apenas 887 municípios brasileiros não houve nenhuma pessoa que tenha se declarado fiel da Igreja Universal do Reino de Deus, o que significa que o número de municípios sem templos é muito maior do que sem fiéis. O Mapa 3 revela a pequena contribuição de fiéis da Igreja Universal no total populacional dos municípios, que chega no máximo a 6%.

O Mapa 3 indica a ocorrência, de um modo geral, de uma maior proporção de fiéis em regiões com maior número de templos, mas apresenta um novo desenho no mapa, com diversos municípios da região Centro-Oeste e Norte com proporção de fiéis acima da média nacional. Neste sentido, regiões com pequena concentração de templos e proporção relativamente maior de fiéis, podem indicar regiões de expansão da ação da Igreja, mas também, especialmente em municípios pequenos, movimentos migratórios podem influenciar tais proporções.

Além disso, ao apresentar apenas os dados da IURD e apenas em 2010, não se consegue apreender, por exemplo, o trânsito religioso e a clientela flutuante, característicos do pentecostalismo. Ou seja, seria preciso analisar a partir de outras variáveis estes processos, o que não é o objetivo deste trabalho. A seguir, serão discutidas as estratégias de territorialização da Igreja Universal a partir do eixo de ação Rua.

2.2.2. A Rua

O livro “Plano de poder” afirma a importância de todos os segmentos da sociedade estarem representados politicamente e que a concretização do "plano de poder" depende de ações coordenadas e disputa de diferentes espaços. Vê-se que se trata de uma disputa por hegemonia e que, portanto, não se dá apenas através da ocupação do que se denomina sociedade política, mas da sua capacidade de arraigamento na sociedade civil. O segundo eixo aqui em análise, a rua refere-se à estratégia da IURD de acessar diversos segmentos da sociedade civil que estão para além do templo. Se o templo é o espaço primeiro do sagrado e estratégia territorial fundamental, como vimos, parte-se dele como referencial e agora trata-se do que extrapola o templo.

A noção de rua, tratada neste eixo, refere-se aos territórios e às territorialidades produzidas e vivenciadas para além dos templos. Refere-se à rua como o espaço público, onde é possível alcançar aqueles que ainda não estão conectados à igreja, assim como demonstrar devoção à causa e missão pelos membros da Igreja que fazem abordagens de contato ou de exibição na rua. Para além do espaço público, a rua representa aqui as frentes de atuação e ações da Igreja que são vivenciadas em territórios que não o templo. Neste sentido serão tratardas a seguir de diferentes formas de ocupação da rua por parte da Igreja Universal: os cultos e eventos em espaços públicos; os grupos temáticos ligados à instituição, que muitas vezes se reúnem nos templos, mas cuja ação extrapola estes territórios; as ações de assistência social e os grupos corporativos, capazes de criar diferentes territorialidades.

A diversidade de frentes de ação e de ocupação da rua pela Universal revela diferentes processos de territorialização, como parte da multiterritorialidade que compõe as estratégias de expansão da Igreja Universal e de seu "plano de poder". Na rua apresentam-se territorialidades distintas: os territórios móveis, constituídos pontualmente por campanhas da Igreja nos espaços públicos ou regularmente por ações grupos ligados à instituição como a Força Jovem ou grupos corporativos, mas também a territorialização do assistencialismo iurdiano, através do Projeto Nova Canaã, ou a territorialização nos presídios, consolidada através do projeto Universal nos Presídios.

São essas algumas frentes de atuação da IURD. Inicia-se tratando da ocupação do espaço público, da rua propriamente dita. Comumente observa-se

> A ocupação de espaços públicos para a prática de cultos, como praças e saídas do metrô, e a utilização temporária de espaços privados também são conhecidas territorialidades pentecostais – os chamados "territórios móveis", conforme definidos por Sack. (BRAGA, 2013, p. 156)

O conceito de territórios móveis refere-se à ideia de que territórios, enquanto relações sociais de poder projetadas no espaço podem "ser classificados de diferentes maneiras, de acordo com a variável que se deseja ressaltar: o tempo (de existência), a presença ou ausência de contiguidade espacial" (SOUZA, 2016. p 107), a duração (longa duração ou efêmeros), o que significa que podem carregar certa instabilidade. Neste sentido, na rua, uma série de práticas socioespaciais da IURD possui uma territorialidade móvel (SACK, 1986) ou cíclica (SOUZA, 2016), que são ações específicas, periódicas ou não, que correspondem a processos de territorialização como se observa, a seguir, no caso da ocupação dos espaços públicos.

A IURD, diferentemente de outras denominações, não costuma promover cultos em ambientes públicos. Há, porém, esforços de evangelização na rua, promovida por obreiros ou pela juventude ligada à FJU (Força Jovem Universal). A Universal possui Grupos de Evangelização, organizados localmente com o intuito de promover ações externas "voltadas à conversão e à evangelização, de um modo geral. Sua principal estratégia é 'levar a palavra' pelas ruas, distribuindo panfletos em curtas caminhadas pelos bairros próximos aos templos" (SÁ, 2015, p. 16).

Talvez a mais emblemática ocupação evangélica da rua aconteça com a Marcha para Jesus: uma caminhada anual, que ocorre em várias cidades do mundo e agrega diferentes denominações evangélicas para uma marcha de "ocupação da cidade em nome de Jesus (…). O centro do evento, desde seu surgimento, era a utilização da música como forma privilegiada para o evangelismo, extrapolando "as paredes dos templos" (SANT'ANA, 2014, p. 214).

A organização das Marchas "fica a cargo das lideranças locais e difere de acordo com a configuração política do município e o porte do evento" (SANT'ANA, 2014, p. 216). Em 2009, foi aprovada a Lei 12.025, de autoria do bispo e então senador Marcelo Crivella, que instituiu um dia nacional da Marcha para Jesus no calendário oficial do país. Este é um exemplo da capacidade de influência que a ocupação da Política tem sobre a territorialização evangélica e, no caso, a própria ocupação dos espaços públicos. Não apenas pelo simbolismo de incorporar uma data evangélica em um calendário cujas datas religiosas são quase todas

referidas ao catolicismo, mas de instituir um dia oficial para os evangélicos tomarem as ruas do país, levando ao espaço público a palavra de Deus e em defesa da família. Segundo Sant'Ana,

> O alvo combatido na Marcha, no entanto, é uma manifestação mais geral do que seria a ação do Demônio. Os elementos acionados como sendo fruto da ação do Diabo sobre as vidas humanas incluem a sujeira do rio Tietê, mas também a violência urbana, a prostituição, a homossexualidade e a corrupção. O combate a esse mal não se dá apenas pela ação de um pastor mediador, mas conta com a performance coletiva do público que se torna um verdadeiro "exército de Jesus" com suas armas de "louvor" e "oração". (SANT'ANA, 2014, p. 221)

Assim, a Marcha é também um momento que a lógica individualista que caracteriza a teologia da prosperidade, é substituída pelo que Sant'Ana chamou de "exorcismo da cidade". Como já foi tratado, o neopentecostalismo justifica todos os problemas da humanidade pela ação dos demônios, que precisam ser combatidos.

> Esse combate às "potestades", que seriam responsáveis pelos males sociais, se apropria ao mesmo tempo de uma estética de movimentos de luta social por direitos e de uma estética de celebração coletiva no modelo de megashow. A celebração da unidade desse "povo de Deus" ocupa, desse modo, o ponto alto, a vitória nessa batalha travada pela cidade e por um Brasil que queira "declarar que só Jesus é o Senhor", tomando para si as bênçãos de uma "nação feliz", uma "nação cujo Deus é o Senhor". (SANT'ANA, 2014, p. 221)

Eventualmente a IURD promove também cultos em espaços públicos, mas não se trata da evangelização em praça pública e sim de cultos com estrutura de eventos para milhares de pessoas. O primeiro grande evento da Universal foi realizado na comemoração dos seus 10 anos, em 1987, com uma vigília no Maracanã, que reuniu cerca de 200 mil pessoas. O site da Universal[39] faz questão de sinalizar: "Nenhum outro movimento religioso havia conseguido superlotar o Maracanã. Segundo narra o bispo em sua publicação, o nome da concentração tinha um objetivo estratégico: aguçar a fé de quem presenciaria o confronto entre o Deus da Universal contra os deuses deste mundo".

Os eventos realizados ao longo da década de 1990, década de maior crescimento da denominação, foram fundamentais à construção da imagem da Igreja Universal como uma

[39] https://sites.universal.org/universal40anos/artigo/19-maracana-um-grande-templo-a-ceu-aberto (Acesso em 13/02/2019)

poderosa instituição religiosa e empreendedora. Outros eventos que levaram milhares às ruas e valem ser citados foram a Família no Pé da Cruz, em 2004, no Aterro do Flamengo, Rio de Janeiro; a Grande Vigília da Paz, em 2007, na Enseada de Botafogo; o Dia da Decisão (o Dia D), que ocorreu em diversas cidades do país ao mesmo tempo, em 2010.

Mais recentemente, a Universal tem organizado eventos temáticos no espaço público, como foi o caso da "Caminhada do amor", que contou com sua quinta edição em outubro de 2018, e ocorreu em diversos países e mais de cem cidades do Brasil simultaneamente, reunindo milhares de pessoas. A notícia[40] do portal R7 diz que "o objetivo do evento é aproximar os casais e estimular o diálogo entre maridos e mulheres, noivos e noivas, namorados e namoradas". As temáticas em torno das quais a Universal mobiliza fiéis para ocupar a rua podem ser de naturezas distintas, geralmente relacionadas às suas principais correntes de encontros semanais – como família e empreendedorismo.

A ocupação do espaço público, especialmente neste formato de espetáculo e megashow com música, que não demandam a interação direta com o público, são ações coletivas que permitem e impulsionam a inclusão de pessoas que não são diretamente ligadas à Igreja, ao pentecostalismo ou mesmo religiosas. A rua traz com mais clareza, embora não se resuma a isso, a perspectiva de que as atividades da Igreja vão além da direta evangelização e do sagrado. Campanhas e projetos como esses apresentados propagam valores que são parte de um ideário cristão, embora não sejam necessariamente associados e explicitamente relacionados à palavra de Deus. São, na verdade, tratados como valores universais, ou valores das pessoas de bem – os cristãos. A defesa da família, o posicionamento em relação às drogas e o discurso da ética na política, por exemplo, são valores cristãos colocados ao público por projetos aparentemente leigos, mas que levam adiante tais valores.

Outro evento da Igreja Universal, neste caso de viés religioso, que extrapola os limites do templo é a *Fogueira de Israel*. Neste caso, extrapola inclusive os limites do território nacional, pois corresponde à peregrinação de bispos da IURD a Israel, levando pedidos de milagres e doações para serem queimados em uma 'fogueira santa' no 'centro sagrado do mundo' (BRAGA, 2013). A corrente é transmitida pelos meios de comunicação da Igreja e "faz com que seus membros se sintam parte de uma 'comunidade afetiva', extrapolando a escala local dos templos com os quais os fiéis possuem relação" (BRAGA, 2013. p. 23). A

[40] https://noticias.r7.com/brasil/5-caminhada-do-amor-reune-mais-de-70-mil-pessoas-no-brasil-13102018 (Acesso em 13/10/2018)

Fogueira de Israel promove uma peregrinação, que conecta a noção de rua a qual foi referido com a mídia e que, "embora virtual, tem fortes efeitos territoriais e sobre o imaginário e inspiração religiosa dos fiéis" (BRAGA, 2013, p. 157).

Estes grandes cultos e marchas realizados nas ruas ou em estádios, autódromos etc. são formas temporárias de controle territorial, os chamados territórios móveis. Além disso, é feita a transmissão destes eventos pelos diversos meios de comunicação da Igreja, o que significa que

> […] a capacidade de conquista territorial da IURD não reside apenas na ocupação de espaços atípicos, como os estádios e as praças públicas, mas também na realização de eventos que extrapolam o território de atuação dos templos da Igreja e que, através da mídia, levam os fiéis a transcenderem o território que habitam e a ocuparem um território transnacionalizado. (BRAGA, 2008. p. 23)

A respeito das diferentes formas de propagar a fé, para além dos cultos e templo, espaço do sagrado propriamente dito, Edir Macedo afirmou em entrevista realizada pelo Jornalista Roberto Cabrini, em 2015: "eu não sou líder religioso (…) Eu fundei uma escola. Eu fundei uma universidade que ensina a vida, que ensina os caminhos da vida, os caminhos da salvação, os caminhos da eternidade."[41] A associação com a noção de escola de fé, para distanciar-se da noção de igreja e liderança religiosa, que é apresentada como limitadora por Edir Macedo, aparece no programa apresentado por Edir Macedo nas madrugadas da Rede Record, cujo nome é Escola de Fé, assim como nas correntes homônimas, que ocorrem todas as quartas-feiras nos templos e estão voltadas ao estudo bíblico. Entende-se aqui que os diversos grupos de apoio e suporte emocional que a Universal desenvolve, extrapolam os limites dos templos e reforçam esta noção e são capazes de criar territorialidades a partir de referências não religiosas, mas que se articulam e consolidam uma rede de poder da IURD.

A Força Jovem Universal (FJU) é um grupo ligado à IURD que realiza projetos específicos e organiza a juventude da Igreja. Os grupos de jovens se organizam por núcleos, a partir dos templos, onde geralmente ocorrem as reuniões, mas seus projetos extrapolam os limites dos templos. A respeito da capacidade de agrupamento e coletividade das igrejas pentecostais, Almeida afirma que

[41] https://www.youtube.com/watch?v=Sfc6CBJNILM (Acesso em 20/02/2018)

> […] pode-se compreender que estes "pentecostalismo de serviços", "pentecostalismo de auto-ajuda", "pentecostalismo midiático", "pentecostalismo de massa" não propiciam de forma tão intensa quanto o pentecostalismo mais tradicional a formação de vínculos mais de "longo prazo". Assim sendo, a circulação do pentecostalismo contemporâneo, entre outros fatores, foi acompanhada por uma maior flexibilização da experiência e dos vínculos religiosos. (ALMEIDA, 2011, p. 121)

Organizar e agrupar a juventude da Igreja é um dos poucos esforços explícitos da IURD de formação dos vínculos de "longo prazo" aos quais Almeida se refere. O grupo possui iniciativas nas áreas de cultura, lazer, saúde, esporte e educação, organizados em projetos. A iniciativa mais ampla é a FJU Cidadania, cujo mote fundamental é o combate às drogas, mas que também presta auxílio psicológico e na emissão de documentos. O grupo organiza visitas a locais onde haja pessoas em situação de rua, a asilos e hospitais para distribuição de alimentos, kits de higiene e exemplares da Bíblia, além de serviços como cabeleireiro, manicure e pedicure. O Cidadania também atua na limpeza de espaços públicos e de escolas, promovendo mutirões para pintura e pequenas obras de reparo na estrutura física. Além disso, também promovem diversas palestras no ambiente escolar acerca de drogas, violência, bullying, etc (GUTIERREZ, 2017).

A etnografia realizada por Carlos Gutierrez (2017) apresenta alguns elementos interessantes quanto ao conteúdo dos discursos, que embora não sejam o foco da discussão são reveladores dos conflitos existentes e das estratégias produzidas nas dinâmicas proselitistas, muitas vezes parte de processos de territorialização da IURD. Assim, a respeito de uma reunião da FJU em São Paulo, coordenada por um pastor chamado Durval:

> O pastor pergunta como agir com relação à homossexualidade? Ele mesmo responde e afirma que ser respeitoso, cordial é uma forma de atrair o homossexual para a Igreja, para que ele busque uma transformação em sua vida. Durval frisa que em muitas ocasiões as pessoas têm vontade de expressar o que pensam, mas que é necessário "autocontrole" para exprimir o que é considerado correto em uma situação. Da mesma forma, em um debate sobre drogas, o jovem evangélico não deve dizer que aquilo é diabólico, mas sim citar dados, estatísticas, pesquisas científicas para que sua posição seja respeitada. Isso não significa a adesão à argumentação e às práticas do outro, mas sim uma compreensão de quais formas discursivas são possíveis a fim de não inviabilizar a interação logo de início. (GUTIERREZ, 2017, p.94)

A Força Jovem da Universal se organiza ainda no UNIForça, que é “responsável por dar apoio aos eventos institucionais da Universal, ajudando na segurança, organização e monitoramento. Em casos de catástrofe e acidentes, as equipes do UNIForça dispõem-se a auxiliar o Corpo de Bombeiros, isolando o local e levando bebidas e lanches para os bombeiros.” (GUTIERREZ, 2017, p. 96). Há ainda um grupo de Cultura; de Esportes – que busca participar inclusive de jogos universitários; de Mídia – responsáveis por eventos internos das IURD; e no campo da educação:

> […] o Jovem Nota 10 que oferece curso pré-vestibular, reforço escolar, idiomas, informática, ensino profissionalizante e realização de vestibulares sociais, com concessão de bolsas; e o FJUNI, que visa aprimorar a qualidade acadêmica dos jovens universitários, promovendo grupos de estudos, palestras motivacionais, orientações vocacionais, contando ainda com uma Central de Estágios. (GUTIERREZ, 2017, p. 96)

O curso pré-vestibular organizado pela FJU é gratuito e ofereceu cerca de 7 mil vagas em 2018[42], segundo site da IURD. O curso funciona dentro dos templos e é capaz de atrair pessoas que não possuem relação com a Igreja ou com a religião para dentro daquele espaço. Mesmo sem o viés diretamente evangelizador, o Projeto contribui na construção de uma imagem positiva da Igreja. A Força Jovem Universal representa, hoje, o principal grupo da instituição IURD, organizado a partir da identidade iurdiana.

A FJU é capaz de incorporar a multiplicidade de frentes de atuação da Universal em suas práticas, que vão desde ações sociais e assistencialistas, envolvimento com o cotidiano dos templos e correntes, a evangelização nas ruas, organização de campanhas e mobilização, de crentes e não crentes, além dos projetos de educação. Neste sentido, os participantes da FJU tornam-se atores fundamentais na construção das múltiplas territorialidades que compõem o "plano de poder" iurdiano, tanto nas práticas socioespaciais desenvolvidas no espaço público, como no próprio cotidiano dos templos, ou ainda nos projetos desenvolvidos a partir do templo mas que extrapolam seus limites.

Como observou-se, há uma série de projetos que se desenvolvem dentro dos templos, mas com pautas que extrapolam o sagrado. Diferentemente da Força Jovem da Universal e das ações sociais que a compõe, que criam laços de comunidade a partir da identidade com a

[42] https://www.universal.org/blog/2018/09/20/curso-preparatorio-para-o-enem-oferece-7-mil-vagas-gratuitas-em-todo-brasil/ (Acesso em 13/10/2018)

instituição IURD, os Projetos Godllywood e Intellimen, buscam descolar-se da imagem da Igreja e da religião. Apesar disso, as reuniões destes projetos acontecem dentro dos templos e os sites são acessados pela plataforma da Universal.

O projeto Godllywood é voltado exclusivamente para mulheres e "nasceu de uma revolta sobre os valores errados que a nossa sociedade tem adquirido através de Hollywood. Nesse trabalho nosso principal objetivo é o de levar as jovens a se tornarem mulheres exemplares e se tornarem avessas às influências e imposições Hollywoodianas."[43] O grupo foi idealizado e é coordenado por Cristiane Cardoso, filha de Edir Macedo, que produz programas televisivos, além de ter publicado um livro a respeito, que também levam adiante as ideias do Godllywood.

Há uma série de outros projetos associados ao Godllywood e voltados ao público feminino dentro da Universal, são eles: Raabe, um grupo de apoio a mulheres que oferece suporte emocional e espiritual, contam com o apoio de profissionais advogadas, assistentes sociais e psicólogas, oferecem, nos templos, um curso de autoconhecimento, assim como atendimento profissional e espiritual. Além disso, atuam em presídios, com palestras motivacionais à ressocialização, se mobilizam para "ouvir as mulheres" em espaços públicos como praças e ruas[44]; assim como desenvolvem projetos voltados às mães como Mães em Oração e Escola de Mães que apoia e orienta mães "que desejam vencer os desafios de criar filhos na atualidade."[45] Todos estes grupos, assim como o Godllywood, fazem nos seus respectivos sites uma convocação à participação das mulheres nas correntes de quinta-feira, a Terapia do amor, nos templos da Universal.

Os encontros do grupo Godllywood são divididos por faixas etárias e propõem desafios às mulheres para que se tornem mulheres virtuosas – tal qual a bíblia exaltaria, e para isso ensinam o "modo correto do comportamento da mulher de Deus" (SOUZA, 2017). Os ensinamentos são feitos a partir de situações da vida cotidiana, "como o cuidado com o corpo, com a casa, a escolha de um parceiro para o casamento, e no caso da IURD em geral a escolha dos candidatos políticos durante as eleições" (SOUZA, 2017. p. 31). O diferencial de outros programas de autoajuda seculares é que o principal objetivo do Godllywood "é o

[43] https://sites.universal.org/intellimen/ (Acesso em 03/10/2018)
[44] http://www.godllywood.com/projetoraabe/quemsomos/ (Acesso em 20/02/2019)
[45] http://www.godllywood.com/escolademaes/ (Acesso em 20/02/2019)

desenvolvimento de uma relação com o divino, são feitas para a realização da ‘obra de Deus’” (SOUZA, 2017. p. 30).

O projeto Intellimen, por sua vez, é voltado apenas para o público masculino. O idealizador do projeto é o Bispo Renato Cardoso, casado com Cristiane Cardoso, idealizadora do Godllywood e filha de Edir Macedo. Segundo o site do projeto,

> Escolhemos esse nome porque além de soar como um super-herói, que todo homem secretamente aspira ser desde criança, ele engloba tudo o que o projeto aspira: formar homens inteligentes e melhores em tudo. Não prometemos superpoderes como levantar ônibus com um dedo, voar ou invisibilidade — mas estamos trabalhando nisso.[46]

Além das reuniões, a formação Intellimen pode acontecer à distância, pois os desafios estão disponíveis em livro e na internet. O formato de desafios, que funcionam como tarefas a serem realizadas e que devem ser superadas semanalmente pelos indivíduos, também ocorre no Godllywood. O primeiro deles é encontrar um parceiro para realizar os desafios conjuntamente, fiscalizando e dialogando sobre os desafios semanalmente. O objetivo do projeto é que homens, com apoio de seus parceiros, tornem-se homens melhores, abandonem comportamentos já incorporados como hábitos.

O Projeto não é uma reprodução das relações tradicionalmente associadas ao machismo e nem um combate a elas. No manifesto do Intellimen não é negada a existência do machismo na sociedade, ele o identifica em determinadas atitudes masculinas e estimula que os homens “controlem seus impulsos” a fim de se tornarem homens melhores. Ao mesmo tempo, o projeto Intellimen, tal qual o Godllywood, reforça a definição de papéis de gênero, nos quais o homem é visto como o provedor e maior responsável pelo sustento da casa, assim como possui o papel de liderar o casal, embora em diálogo com a mulher (GUTIERREZ, 2017).

Ambos os projetos, Godllywood e Intellimen, têm uma lógica empreendedora, de que os indivíduos devem trabalhar a autoestima e buscarem a felicidade e a prosperidade. As questões comportamentais e de autoajuda promovidas a partir destes dois grupos de gênero da IURD, atingem o indivíduo e interferem nas relações sociais como um todo, nos mais diversos ambientes.

[46] http://www.godllywood.com/br/ (Acesso em 03/10/2018)

Estes dois projetos não apresentam ideias inovadoras acerca do lugar da mulher e do homem na sociedade atual e há muitos autores e oradores defendendo visões muito próximas a essas, assim como a visão empreendedora que estimulam através de uma positividade e de uma recusa do fracasso. São projetos associados à imagem mais recente divulgada pela própria Igreja Universal, de que não seria [apenas] uma igreja, revelando uma ampliação de sua atuação para além do que hipoteticamente caberia a uma igreja, daí que venha sendo chamada de escola de fé por Edir Macedo ou ainda de *movimento social*[47], por Gutierrez (2017). Por outro lado, o pano de fundo que justifica todos os discursos é a vontade de Deus e o combate aos demônios, ou seja, o discurso da fé direciona os projetos da Universal. A capilaridade que tais ideias alcançam na sociedade, ou o respaldo que encontram correspondem a uma eficiência nos processos de territorialização e na multiplicidade de territorialidades, como está sendo exposto, que compõe a construção do poder neopentecostal e, especificamente iurdiano, no Brasil.

O outro modo identificado de ocupação da rua são as chamadas obras sociais da IURD. As obras sociais correspondem a ações de assistência social, como criação de fundações filantrópicas, projetos de evangelização, criação de centros sociais e comunidades terapêuticas. A caridade e a filantropia são associadas à religiosidade brasileira, especialmente a catolicismo e espiritismo, e segundo Machado (2003), também a história da assistência social se relaciona com as instituições religiosas no país.

As ações sociais da Universal encontram respaldo e justificativa na teologia do domínio, a partir da simplificação da leitura de mundo que afirma que os **males do indivíduo**, como nervosismo, dores de cabeça, insônia, medo, desmaios constantes, desejo de suicídio, assim como os **males sociais**, são sinais de possessão (MACEDO, 2001). Mais do que isso, Macedo (2001) associa a caridade praticada por outras religiões no Brasil como práticas do demônio, reforçando a concepção de mundo como batalha. Assim, as obras sociais apresentam-se para a IURD como um caminho à salvação, ao encontro com Deus.

Para Medeiros (2003), desde sua fundação a IURD articulou assistência social e estratégias expansionistas. Nos vinte primeiros anos de existência, as ações da IURD no

[47] Segundo Gutierrez, os "evangélicos" possuem um poder causal na sociedade brasileira cada vez mais considerável, com capacidade de promover transformações no mundo da vida. Podemos concluir que a forma de expressão do poder causal evangélico estrutura-se cada vez mais no modelo de "movimento social", com ocupação do espaço urbano,| formação de coletivos, militância política e a incorporação mesmo de um léxico laico. (GUTIERREZ, 2017. p. 374)

campo eram pontuais, com visitas a hospitais, presídios, pessoas em situação de rua, oferecendo refeições, pequenos serviços de higiene, além da pregação em praças públicas (MACHADO, 2003). Em 1994, o assistencialismo iurdiano tomou corpo com a criação da Associação Beneficente Cristã (ABC), que passou a coordenar as atividades assistencialistas da Universal e inseriu no contexto de articulações nacionais pelo combate à fome no país, com programas como Mapa da Fome, Ação Cidadania. A IURD cria então o Movimento Brasil 2000 – futuro sem fome, para arrecadação de alimentos, especialmente através de megaeventos a que já nos referimos, as vigílias, que mobilizaram milhares de crentes e não crentes várias capitais do país. Com isso, a década de 1990 é marcada por um fortalecimento da instituição IURD pelo respaldo que ganhou ao disputar o campo do assistencialismo no Brasil.

Nos anos 1990 e início dos anos 2000, a ABC realizou projetos em parceria com o poder público em diversos estados, tendo sido reconhecido como utilidade pública no âmbito federal, além dos estados do Rio de Janeiro e São Paulo[48]. A ABC foi um importante instrumento de legitimação da IURD, através também do esforço de propagandear as obras assistenciais, o que tornou a Universal capaz de justificar a sua "*função religiosa* como *empresa de salvação*, mas também sua função social" (MEDEIROS, 2005. p. 90). As obras assistenciais geram resultados concretos e por vezes imediatos, além de possibilitarem um proselitismo direto no momento da caridade (MEDEIROS, 2005). A ABC passou a coordenar as atividades assistencialistas que a IURD já realizava antes, como arrecadação e distribuição de alimentos, projetos de inclusão para encarcerados, cursos profissionalizantes e de alfabetização e atuação em casos emergenciais como enchentes, secas ou desabamentos**.** Além das ações de caráter imediato e paliativo, a ABC propôs, então,

> No sertão nordestino, por exemplo, somente um projeto que viabilize economicamente as atividades poderá ajudar de maneira efetiva e permanente aquela população sofrida. Para esse fim a ABC-Rural foi criada, desenvolvendo projetos agroindustriais no sertão nordestino, com a finalidade de criar atividade econômica viável aos sertanejos. (GUTIERREZ, 2017. p. 91)

[48] Algumas parcerias foram: o programa Trabalhar e Aprender do Estado do Rio de Janeiro que oferecia cursos profissionalizantes, o Ler e Escrever, que era um programa de alfabetização, o Balcão de Empregos, que agenciava a população "na divulgação e indicações de mão-de-obra as empresas, desenvolvendo um banco de dados para ser posteriormente encaminhar os alunos capacitados pelos cursos supracitados." (ARAÚJO, 2015. p. 242)

O Projeto Nordeste, significou uma transição para um novo tipo de assistencialismo na Universal, que buscou efetivamente se territorializar no Nordeste brasileiro, como um caminho para a entrada da Universal no interior da que, ainda hoje, é a região mais católica do país. Iniciou como uma campanha emergencial chamada SOS Nordeste, na mesma lógica de arrecadação de roupas e alimentos não perecíveis para moradores de regiões atingidas pela seca. O projeto Nordeste se consolidou como um programa de desenvolvimento social e inclusão permanente, que fosse além dos momentos de crise, a partir da implementação da Fazenda Canaã. Para tal, foi comprada uma propriedade de 450 hectares, localizada no município de Irecê, na Bahia (ARAÚJO, 2018).

A grande inovação do Projeto foi a importação do moderno sistema de irrigação israelense para potencializar a produção agrícola, além de uma escola de período integral (o Centro Educacional Betel) e na idealização do Projeto se planejou a construção de uma cidade que abrigasse uma escola convencional, uma escola agrícola, creche, clínica médica, igreja, restaurante comunitário, áreas de lazer e esporte e vila residencial (MACHADO, 2003).

O Projeto foi amplamente propagandeado na Rede Record de rádio e televisão, que realizou campanhas de arrecadação financeira a partir de doações e também venda de produtos evangélicos, especialmente o CD “O Mensageiro da Solidariedade”, do bispo Marcelo Crivella, que era o coordenador do projeto (MACHADO, 2003). Hoje atual prefeito do Rio de Janeiro, Crivella ganhou visibilidade política a partir do Projeto Nordeste, à medida que este foi amplamente publicizado. As atividades assistencialistas mostraram-se estratégias eficientes na execução do "plano de poder" da IURD, uma vez que, segundo Machado (2003), podem ser “nas estratégias eleitorais e no comportamento parlamentar dos atores evangélicos alguns traços importantes da cultura política brasileira, particularmente o clientelismo e o corporativismo” (MACHADO, 2003. p. 317).

Atualmente, porém, a Associação Beneficente Cristã foi fechada, tendo encerrado ou repassado ao Instituto Ressoar os projetos que geria. Segundo Rosas (2011), em 2009, a Universal retirou do seu site todas as informações sobre a ABC e sugere que a assistência social na Universal já não possui as mesmas características que antes, correspondendo hoje a campanhas assistencialistas de perfil eleitoreiro.

Em relação ao Projeto Nova Canaã, ele é hoje apoiado pelo Instituto Ressoar e, embora já não tenha a mesma visibilidade, ainda está em funcionamento e eventualmente

ainda é pauta em notícias no site da Universal, em um esforço de dar visibilidade aos projetos que realiza e de construir a memória do projeto mais emblemático de assistencialismo promovido pela instituição[49].

O Instituto Ressoar (Instituto Record de Responsabilidade Social) é uma organização não governamental ligada à Record TV e, portanto, ligada à Igreja Universal, que deslocou as principais ações assistencialistas do caráter beneficente e diretamente religioso da ABC para um perfil associado ao empreendedorismo e responsabilidade social de empresas. Isso fomenta uma imagem positiva para a empresa que possui responsabilidade social e pensa na cidadania e na solução de problemas sociais. Além disso, e talvez uma importante justificativa a este deslocamento, há uma série de deduções fiscais para as empresas, previstas em lei, pelas ações de responsabilidade social.

A relação observada entre as práticas descritas no eixo Rua, as estratégias comunicacionais do eixo Mídia e a eleição de candidatos ligados à IURD demonstra a articulação existente entre as diferentes estratégias da expansão da IURD. A necessidade da Igreja ampliar cada vez mais seu campo de atuação é assim justificada, segundo Silva:

> Quanto mais esferas ela ocupar, mais poder e prosperidade demonstra, justificando institucionalmente inclusive a sua própria doutrina da abundância, pois, por meio dessas ações comprova seu potencial. Além do que no Assistencialismo Social encontramos elementos ligados ao campo religioso, como a do amor ao próximo, a caridade, serviço à obra de Deus etc. Portanto, atuar na Assistência Social é ocupar espaço que outrora era dominado pela Igreja Católica e então diversifica esse capital social. (SILVA, 2008. p. 55)

O projeto Universal nos Presídios (UNP) é um dos projetos mais antigos e consolidados da Universal. O viés religioso é bem explícito neste projeto que tem como objetivo, segundo site da instituição: “levar Vida, por meio da Palavra de Deus, aos encarcerados, apoio espiritual e social, além de auxílio direto aos familiares deles.”[50] Há também uma programação evangelística diária na Rede Aleluia de Rádio, chamada ‘Momento

[49] As últimas notícias a respeito do Projeto publicadas no site da Universal foram: https://www.universal.org/blog/2018/08/08/o-que-e-o-projeto-nova-canaa/ (Acesso em 12/03/2018), que resgata a história do Projeto Nova Canaã e https://www.universal.org/blog/2018/11/09/canaa-esporte-clube-e-o-mais-novo-filiado-a-federacao-baiana-de-futebol/ (Acesso em 12/03/2018), noticiando que o Canaã Esporte Clube, ligado ao Projeto, recebeu em novembro de 2018 o certificado de profissionalização e foi filiado à Federação Baiana de Futebol.

[50] https://sites.universal.org/universal40anos/artigo/16-universal-nos-presidios-ha-mais-de-3-decadas-levando-o-evangelho-aos-encarcerados (Acesso em 13/10/2018)

do Presidiário', que é voltada para a população carcerária e existe desde antes da criação da UNP. Segundo Machado (2003), na década de 1990 a Folha Universal impressa publicava também a Coluna do Encarcerado, demonstrando os esforços para se fazer presente dentro do sistema prisional, território historicamente controlado pela Igreja Católica.

O objetivo principal das ações da UNP é a ressocialização, possível através da libertação de almas e da evangelização, por isso o programa é descrito como trabalho social e espiritual nos presídios. Segundo notícia do site da Universal[51], "Entre 2017 e 2018, 13 milhões de Bíblias, kits de higiene e livros foram entregues. Todo o trabalho feito pela Universal tem resultado em vidas transformadas. No ano passado, foram 63.163 batizados nas águas e 2.673 ex-detentos hoje fazem parte do projeto como voluntários". Embora o sistema carcerário represente espaços de privação de liberdade, associamos ao contexto da *rua*, uma vez que corresponde a evangelização em territórios que vão para além dos templos. Neste sentido, a ação da UNP configura-se como um processo de territorialização, cujos limites físicos do território são bastante definidos.

Outra importante frente de atuação na **rua** é a formação de grupos corporativos da Igreja Universal. Diante do perfil de frequentadores da Igreja estar cada vez mais marcado por uma clientela flutuante e das características da Universal não estimularem a formação de comunidade, como vimos, apresentam-se os grupos corporativos, que se desenvolvem a partir de uma identidade com a IURD, mas para além dos templos.

Segundo apontou Monique Leite (2016), as igrejas pentecostais possuem forte entrada em especial nas instituições da polícia. Para a autora, na atualidade, uma parte do campo pentecostal recorre a essa estética militar crescente no Brasil (LEITE, 2016)[52]. Alguns destes grupos são a Congregação Evangélica do BOPE, de onde derivou a banda gospel Tropa de Louvor, ou grupo PMs de Cristo, que surgiu em São Paulo, e em cuja página na internet afirmam que o objetivo do grupo é "prestar assistência espiritual, psicológica e social aos policiais, levando a Palavra de vida e esperança do Evangelho de Jesus Cristo e trabalhando na restauração de vidas e reconstrução de famílias" (LEITE, 2016, p. 85). O grupo funciona a

[51] https://www.universal.org/blog/2019/03/18/unp-por-que-o-trabalho-nos-presidios/ (Acesso em 13/10/2018)

[52] Nesta mesma estética militarista, o projeto Gladiadores do Altar, que ficou conhecido por conta de um vídeo que circulou em 2015 na internet, era ligado à FJU. A repercussão negativa do vídeo levou a FJU a encerrar o projeto e deletar os vídeos da internet, mas, "segundo a IURD, mesmo fazendo alusão à disciplina militar, a luta se dá em nome da Palavra de Deus e é um projeto coordenado pelo Força Jovem Universal (FJU), que desenvolve atividades artísticas, práticas esportivas e beneficentes, visando retirar de condições sociais vulneráveis populações de rua, viciados, jovens carentes e em conflito com a lei" (LEITE, 2016, p. 80).

partir de núcleos que congregam voluntários, militares e civis e promovem *momentos com Deus*, reuniões semanais nas unidades policiais "com reflexões bíblicas e orações, visando o fortalecimento da fé e a melhoria do ambiente de trabalho e da qualidade de vida" (LEITE, 2016, p. 85).

Em 2018 foi criado o grupo Universal nas Forças Policiais (UFP),

> […] para prestar apoio espiritual e social a homens e mulheres que, diariamente, colocam a vida em risco em favor da população. São pessoas que, por trás das fardas, também estão sujeitos a um conjunto de adversidades, sejam elas de origem física, psicológica e, principalmente, espiritual. O grupo tem o objetivo de atender membros das forças de segurança do País, por meio de palestras preventivas sobre corrupção, ética, drogas, estrutura familiar, casamento e educação dos filhos. Também são promovidos cultos e atendimentos pastorais.[53])

Assim como nos outros projetos da IURD já referidos, há um pastor responsável pelo projeto, que no caso é o Pastor Roni Negreiros, também Major da Polícia Militar do Maranhão. Outra característica dos projetos mais recentes da IURD é que eles têm se consolidado como projetos nacionais (UNP, UFP, FJU), e mesmo com especificidades regionais e locais, mostram-se reflexo da estrutura hierarquizada e centralizada, que indica uma capacidade efetiva de articulação e mobilização no país, conquistada ao longo dos anos. A rua talvez seja o eixo como maior capilaridade social, enraizamento em agências da sociedade civil.

Por fim, trata-se neste eixo uma série de práticas socioespaciais, algumas claramente articuladas em uma rede de poder. Uma característica de todas as práticas é o fato da noção da *rua* remeter ao encontro, à relação estabelecida com o espaço público de forma coletiva, ou simplesmente à ideia do contato com o outro e daquilo que não é individual. Assim, observa-se neste segundo eixo territorialidades diversas, estabelecidas necessariamente de forma relacional. O eixo a seguir, por sua vez, prioriza o caráter empresarial da IURD, assim como os fluxos e a circulação da informação.

[53] Notícia: Você já conhece o trabalho da UFP? 11.07.2018. https://www.universal.org/blog/2018/07/11/voce-ja-conhece-o-trabalho-do-ufp/ (Acesso em 13/10/2018)

2.2.3. A Mídia

Passa-se ao terceiro eixo, a que Marcus Faria (2011) chamou de estratégia comunicacional, que carrega a força da informação, da capacidade de levar discursos adiante, da ideologia propriamente dita. Por um lado, os templos são imprescindíveis à Igreja, pois são o lugar do sagrado e, ao mesmo tempo, o fixo (SANTOS, 2006) que, enquanto objeto geográfico, carrega sentidos e constrói memórias, assim como influencia as relações socioespaciais. Por outro, observa-se agora o papel da informação, enquanto um fluxo, que é também parte da territorialidade, uma vez que é capaz de influenciar na expansão da denominação e na difusão da palavra de Deus – da evangelização. Para Faria, a mídia,

> […] vinculada aos meios de comunicação, aos domínios da cultura e dos seus subprodutos audiovisuais (veículos diversos como revistas, DVDs, rádio e TV) de massa – conforma outra centralidade e arena disputada, instrumentalizada sobretudo para uso religioso (do rádio e da TV etc.) e mecanismo de defesa institucional, no espaço público, contra as diversas acusações, denúncias e investigações da justiça e da sua principal concorrente: a Rede Globo. (FARIA, 2011. p.41)

A expansão territorial da IURD agrega processos de territorialização, observados anteriormente no eixo Templo, quando os templos foram tratados enquanto estratégia territorial e de territorialidade, como estratégias de manutenção do poder que se exerce sobre determinado território (SACK, 1986; BRAGA, 2008). O eixo Mídia apresenta-se como elemento da territorialidade iurdiana, já que a estratégia comunicacional é imprescindível à territorialização e expansão territorial da Igreja. A mídia, enquanto elemento da territorialidade iurdiana, contribui à formação também de territórios-rede, marcados pela descontinuidade e pela fragmentação articulada, sendo ela muitas vezes o elemento de conexão entre pontos nodais – como os templos.

A origem do neopentecostalismo está diretamente associada ao tele-evangelismo e igrejas eletrônicas estadounidenses, que difundiram inicialmente as Teologias da Prosperidade e do Domínio. No Brasil, o uso da estratégia comunicacional e a ocupação de espaços da mídia, embora tenha a IURD como mais bem-sucedida nesta perspectiva, não é exclusividade da denominação, ao contrário, é realizada pela maioria das igrejas de diferentes fases do

pentecostalismo. Por exemplo, o missionário R. R Soares, líder da Igreja Internacional da Graça de Deus,

> começou a se apresentar na televisão ainda quando co-fundador da IURD, em 1977, na TV Tupi do Rio de Janeiro. (…) a sua visibilidade se deu por intermédio da TV Gazeta no horário nobre e, depois, pela abertura da TV Bandeirantes, graças a um contrato milionário considerado suficiente para resolver os urgentes problemas de caixa da rede comandada por Saad [dono da TV Bandeirantes]. (CAMPOS, 2008, p. 18)

Já o Apóstolo Valdemiro Santiago, fundador da Igreja Mundial do Poder de Deus, também dissidência da Igreja Universal, ocupa horários da programação da TV 21, da RedeTV e da Rede Boas Novas, que é ligada à Assembleia de Deus. Segundo Campos, "O Apóstolo Santiago, além de fazer um gênero muito popular na TV, (…) toca as pessoas, abraça os enfermos e problemáticos, permite que o seu suor (milagroso para alguns) seja apanhado pelas pessoas carentes de atos mágicos" (CAMPOS, 2008, p. 20). Mesmo com a transmissão de cultos, reforça a ideia do programa televisivo como um convite à presença nos templos, uma vez que para receber tais unções vivenciar o toque, o abraço e o suor, os elementos simbólicos e até sacralizados pelo pastor é preciso estar presente nos templos.

Edir Macedo, ao contrário de R. R. Soares, de Valdemiro Santiago e outros, não faz uso de suas emissoras para conteúdo exclusivo da igreja. Para Soares (2015), a polarização com a Globo, numa competitividade de mercado, obriga a Rede Record a utilizar o horário para programação de cunho secular. E, ao mesmo, tempo, esta postura na competitividade empresarial, dá à Record mais retorno lucrativo. Mas a Universal não abre mão de veicular seus cultos, o que faz na programação das madrugadas na TV Record, além de alugar horários de transmissão em outras emissoras.

A igreja eletrônica dos EUA é sustentada na retórica dos pastores e mostrou-se como um meio de conversão mais eficaz que os templos, uma vez que a "venda da salvação exercida pela Igreja Eletrônica tem sido analisada mediante a relação estabelecida entre o crescimento da TV religiosa e as contribuições financeiras de seus telespectadores" (SANTOS, 2004, p. 3). No caso brasileiro, e especialmente da IURD, o evangelismo midiático não tem como objetivo primeiro a conversão, sua função principal é atrair indivíduos aos templos e auxiliar na implantação de novas congregações. Segundo Mariano, Edir Macedo posiciona-se criticamente ao tele-evangelismo norte-americano, pois não

mobiliza os fiéis a saírem de casa, logo, limita-se a inserção social e o crescimento denominacional.

> Para ele [Edir Macedo] e outros líderes eclesiásticos, a mídia eletrônica constitui o meio mais eficiente de levar mensagens do Evangelho ao maior número de pessoas a fim de atraí-las à igreja. De seu ponto de vista, a presença dos fiéis nos templos é crucial para que a denominação possa ampliar o número de dizimistas e ofertantes e, com isso, financiar novos programas e projetos evangelísticos e, se possível, comprar emissoras de rádio e TV (MARIANO, 2014, p. 46).

É neste sentido que a estratégia comunicacional se mostra como uma das expressões da territorialidade da Universal. O evangelismo eletrônico da Universal funciona como "linha de transmissão das atividades realizadas nos cultos públicos, convidando insistentemente os ouvintes a comparecerem nos cultos, eventos e campanhas da igreja" (MARIANO, 2004, p. 130). O uso da mídia está articulado por (e articula) ações, não apenas midiáticas, mas evangelizadoras, políticas e de mercado. Para Bonfim (2008), os maiores investimentos da IURD têm sido nos meios de comunicação, pois seria essa "uma das formas mais plausíveis de divulgar os seus produtos religiosos objetivando atrair fiéis colaboradores pessoalmente às suas igrejas" (BOMFIM, 2008, p.44).

A estrutura empresarial das igrejas neopentecostais no Brasil, e especialmente da IURD, faz frente hoje às principais empresas de cada ramo comunicacional, é o caso da Rede Record no caso televisivo, ou do jornal impresso Folha Universal, um dos maiores e de maior circulação no país, ou ainda as tantas rádios que se multiplicaram nas últimas duas décadas. Além de profundamente concentrado por pouquíssimas empresas, controladas por alguns grupos familiares como a família Marinho, da Rede Globo, a Saad, da Rede Bandeirantes, e a Macedo, da Rede Record, os meios de comunicação no Brasil são profundamente religiosos (CAMPOS, 2008). Campos afirma que os pentecostais começaram a se fazer presentes na mídia inicialmente

> comprando espaços nas emissoras de rádio; depois, comprando horários nas madrugadas das emissoras de televisão, em períodos considerados "horas mortas". Depois dessa presença tímida nas "madrugadas com Deus" vieram a compra de emissoras e a ocupação de horários nobres. (CAMPOS, 2008, p. 12)

Segundo o sociólogo Venício Lima (2001), a presença nas rádios, imprensa e mercado editorial não é recente e, até o início dos anos 1990, era majoritariamente associada à Igreja

Católica e, em menor expressividade, também aos evangélicos históricos, que já possuíam rádios e revistas ou jornais impressos. Os pentecostais passam a ocupar mais intensamente este meio nas últimas décadas, cujo marco simbólico é a compra da Rede Record, do Grupo Silvio Santos, pela Igreja Universal.

Desde 1950, outras igrejas pentecostais tiveram sucesso comunicativo a partir de rádios ou programas de rádio. Algumas delas tiveram, inclusive, suas fundações precedidas por programas de suas principais lideranças. É o caso da Igreja Pentecostal "O Brasil para Cristo", antecipada pelo programa A voz do Brasil para Cristo, dirigido por Manoel de Mello; da Igreja Pentecostal "Deus é Amor", com o programa A voz da libertação, dirigido pelo fundador David M. Miranda; e da Igreja Pentecostal de Nova Vida, fundada pelo canadense Walter Robert McAlister, cuja fundação também foi precedida pelo programa A voz da Nova Vida nas rádios Copacabana, Mayrink Veiga e Guanabara. Campos ainda afirma que "Não por mero acaso tais programas se intitulavam 'a voz' e não 'a imagem' - em um país ainda não interligado, somente o rádio podia ligar a todos ao redor de um só emissor" (CAMPOS, 2008, p. 11).

Assim como a maioria das denominações evangélicas, a IURD iniciou sua entrada no meio das comunicações pela compra de estações de rádio. Edir Macedo comprou, em 1984, a estação de rádio Copacabana e em 1995, após a compra da 99,3 FM já possuía mais de três dezenas de emissoras só em São Paulo (CAMPOS, 1999). Em 1998 é criada a Rede Aleluia, ligada à Universal, que contava inicialmente com 17 afiliadas e "conta atualmente com 92 rádios em território nacional, situadas em 71 cidades, com abrangência cobrindo mais de 80% do país[54]". Sobre a potência proselitista do rádio e da televisão, Mariano afirma que

> constitui o mais poderoso meio empregado para atrair e recrutar rapidamente elevado número de adeptos. Por sua inigualável capacidade de introduzir-se diariamente nos lares, o evangelismo eletrônico apresenta a vantagem de alcançar aqueles que, antes de serem atraídos e recrutados por determinada igreja, não possuíam relação de confiança, amizade e parentesco com crentes pentecostais (MARIANO, 2008. p. 76)

Em 1980, a IURD realizou seu primeiro programa televisivo, transmitido pela Rede Bandeirantes, O Despertar da Fé, apresentado pelo bispo Macedo. A Rede Record foi a segunda emissora de televisão evangélica a ser montada no Brasil[55]. A trajetória da IURD como proprietária de canais televisivos começa em 1989, com a compra da Rede Record e

[54] Site oficial da Rede Aleluia. http://redealeluia.com.br/sobre-a-rede-3/ (Acesso em 09/03/2019)

seguiu ao longo da década de 1990 comprando canais menores de diversos estados: a Rede Mulher em 1994; TV Jovem Pan e TV Rio do Rio de Janeiro, em 1995; a TV Taiti de São Paulo, em 1998 e a TV Cabrália da Bahia, também em 1998; e criação da Record News em 2007 (ROSAS, 2013).

Segundo dados da Rede Record[56], a Record News é o canal de notícias mais assistido pelos brasileiros e possui "ampla cobertura geográfica", sendo a "sexta maior rede de televisão do país". Seriam 106 milhões de telespectadores potenciais. A Record News é a única rede de televisão aberta com uma programação segmentada em jornalismo e alcança 53% da população com TV no Brasil. Em 2010 foi criado também o portal de notícias online R7, ampliando a abrangência das informações e notícias veiculadas e produzidas pela Rede Record também para a mídia escrita. Rothberg (2012) analisa que, como produtora de notícias, a Igreja Universal passa a ter maior possibilidade de "autodefesa no que se refere aos escândalos divulgados, em especial, pela Rede Globo" (ROTHBERG, 2012. p. 26).

Em termos de audiência, em 2017, a TV Record atingia quase 100% do território nacional e 79% dos municípios brasileiros e totalizava 108 emissoras espalhadas por todas as unidades da federação, transmitindo tanto programação nacional da Record como local. Araújo (2018), analisando o crescimento da denominação na região Norte do Brasil, demonstra que apesar de a Record concentrar comando de informação e insumos técnicos em São Paulo e da cobertura da emissora ser maior na região Sudeste do que em outras regiões,

> é na Região Norte onde a Record detém uma estrutura regional mais capilarizada, formada por 28 retransmissoras, atendendo 151 cidades e uma população de 12.964.922 aumentando enormemente a capacidade de distribuição da programação e dos anúncios veiculados em relação a outras denominações pentecostais. (ARAÚJO, 2018. p. 235)

A partir do final da década de 1990, a Rede Record, já consolidada como uma das maiores empresas de comunicação do país, inicia sua expansão internacional. Segundo Araújo, a "globalização e seus aportes técnicos de viabilização possibilitam a ampliação e instrumentalização de estratégias fora das fronteiras nacionais acirrando com isso a disputa territorial de instituições e corporações não-governamentais" (ARAÚJO, 2015. p. 234). A

[55] A primeira foi a TV Rio, uma iniciativa do batista Nilson Fanini, em 1982, em sociedade com o deputado Múcio Athayde (FRESTON, 1993).
[56] Dados retirados do Atlas de Cobertura Record News, publicado em 2017 e disponível no site da empresa http://comercial.recordtv.com.br/atlas-de-cobertura/ (Acesso em 09/03/2019)

Record expandiu-se inicialmente para os Estados Unidos e os países africanos com maior presença da IURD: África do Sul, Angola e Moçambique, no qual a Record é proprietária da TV Miramar e possui alcance em quase todo o país. Também em Portugal, no Japão, Canadá e Uganda, a Record possui emissoras, atualmente.

Segundo Fonseca (2003), numa tentativa de dissociação da imagem da Universal, nos Estados Unidos, a Record não veicula programações religiosas na televisão. O mesmo acontece em Portugal e na Argentina, onde órgãos reguladores não permitem que igrejas tenham horários na programação, ou que emissoras da TV aberta sejam propriedades de estrangeiros, o que obrigou a Record a fazer associações e buscar alternativas para garantir a entrada nos países. Já nos países africanos, como no Brasil, a Record é usada também para fins sociais e evangelísticos (FONSECA, 2003).

No Brasil, a IURD transmite programação secular através da Record e da Record News e programação religiosa na Rede Família ou em horários marginais da Record e alugados em outras emissoras (ROSAS, 2013). Para Camara (2016), porém, a instrumentalização da programação pela Igreja estaria presente mesmo em programas considerados não religiosos, quando se observa a disposição da grade e os profissionais que atuam.

De fato, os programas Inteligência e fé, Palavra amiga, apresentado por Edir Macedo, Manhã com Santo Culto, Programa do Templo e programação da Universal, compõem a programação religiosa e são transmitidos nas madrugadas e na manhã de domingo na TV Record. Mas também as telenovelas mais recentes produzidas pela emissora são em sua maioria focadas em histórias bíblicas “A História de Ester (2010), Sansão e Dalila (2011) e Rei Davi (2012), José do Egito (2013), Dez Mandamentos (2015), [A terra Prometida (2016), O rico e o Lázaro (2017), Apocalipse (2017), Jesus (2018)] - deixam a relação mais evidente e vêm superando as novelas da concorrente Rede Globo em audiência” (CAMARA, 2016, p. 9), além do programa Love School - a escola do amor, que é apresentado pela Cristiane Cardoso, filha de Edir Macedo, e seu marido, o bispo Renato Cardoso, anteriormente referidos.

A novela Apocalipse, que foi ao ar em 2017/2018, é um exemplo interessante, pois se trata de uma adaptação de eventos bíblicos do apocalipse aos dias atuais. Com isso, a novela revelou o olhar da Record e, logo, da Igreja Universal, sobre diversas questões da atualidade. Na novela, os santos da resistência se organizam para barrar a ação do anticristo Ricardo e os cavaleiros do apocalipse, que estão causando fome e guerra no mundo. Na novela, salvam-se

os que creem. Inicialmente, o anticristo se passa por salvador da humanidade e ao longo da novela obriga a população a se marcar com a "marca do governo mundial", o que é negado pelos verdadeiros cristãos, uma vez que sabem que este seria o número da besta e os marcados irão para o inferno. Com isso, a novela reforça a dualidade do mundo entre bem x mal e a noção da batalha espiritual.

As quatro cidades escolhidas como cenário da novela não foram aleatórias: Roma, Jerusalém, Rio de Janeiro e Nova Iorque. Roma é a sede da Igreja Católica e, na novela, é sede da Igreja Sagrada Luz, que abriga o anticristo e vilão Ricardo – o mal a ser combatido, o que demonstra uma série de referências à oposição entre Universal e Igreja Católica[57]; Jerusalém, é considerada pela Universal como a terra sagrada dos judeus e tida por Edir Macedo como uma célula onde o "plano de poder" cristão foi bem-sucedido; Rio de Janeiro, a cidade onde surgiu a Igreja Universal e onde esta possui maior expressividade; e Nova Iorque, considerada por Edir Macedo o "centro do mundo", como já citado anteriormente. Araújo afirma que "A telenovela, dessa maneira, se torna um dispositivo midiático usado como um instrumento ou suporte para tematização e propagação de discursos bíblicos específicos e prioritários para a Igreja Universal" (ARAUJO, 2019. p.7).

A capacidade da religião entrar nos lares através do evangelismo eletrônico é também resultado de um longo processo de separação entre religião e Estado. Ao distanciar-se da esfera pública do Estado, a religião e a religiosidade se aproximaram da esfera privada da sociedade e a alocaram na sociedade civil. A esse respeito, Mariano afirma que:

> Por sua inigualável capacidade de introduzir-se diariamente nos lares, o evangelismo eletrônico apresenta a vantagem de alcançar aqueles que, antes de serem atraídos e recrutados por determinada igreja, não possuíam relação de confiança, amizade e parentesco com crentes pentecostais, laços de sociabilidade tradicionalmente importantes para o recrutamento de novos adeptos. (MARIANO, 2008, p. 76)

A eficiência com que a religião imerge na sociedade civil deve-se ao uso dos sistemas técnicos, científicos e informacionais como internet, mídia televisiva e agências de comunicação. A atual fase de desenvolvimento do capital é o "processo de internacionalização do mundo capitalista" (SANTOS, 2007. p.23), a globalização, cuja

[57] A descrição da Igreja Sagrada Luz pelo narrador da novela dizia: "Bem-vindo à Igreja da Sagrada Luz. São quase 1.700 anos espalhando as trevas pelo mundo. Mas, é claro, tudo muito bem elaborado para parecer divino. O engano é a minha especialidade". Extraído de https://www.brasildefato.com.br/2017/12/12/as-intencoes-da-novela-apocalipse/ (Acessado em 06/03/2019)

expressão geográfica é o meio técnico-científico-informacional. O neopentecostalismo e especialmente a Igreja Universal enquanto conglomerado empresarial, insere-se no mercado global cujas possibilidades de produção e circulação de produtos e informações são enormes.

A ampliação das infraestruturas de telecomunicação, assim como a integração nacional dos sistemas criaram condições geográficas à difusão e controle da informação da IURD. Os investimentos em infraestrutura comunicacional criaram uma estrutura de emissoras e retransmissoras capilarizada, que corresponde a uma maior capacidade de controle da informação no território. “Deste então, a mídia de massa (sobretudo cadeias de rádio e de televisão) tornou-se um capital fixo indispensável aos propósitos de expansão da igreja” (ARAÚJO, 2018. p. 153). Na articulação das múltiplas territorialidades a que se refere, a informação, através da indústria midiática, cumpre um importante papel de articulação da rede política iurdiana, uma vez que “A dinâmica geográfica do poder iurdiano é refletida no entrecruzamento de redes de templos e centros midiáticos que potencializam a difusão regional do marketing religioso garantindo o acúmulo do capital simbólico e político pelos seus líderes” (ARAÚJO, 2018. p. 153).

O conceito de Bloco Histórico de Gramsci refere-se à ligação orgânica, ou unidade, entre estrutura e superestrutura, que parece permear, mesmo que implicitamente, a discussão. De um lado trata-se da estrutura, do desenvolvimento das forças produtivas, da Universal como proprietária de uma diversidade de empresas e do meio técnico-científico-informacional como uma característica do atual momento de desenvolvimento das forças produtivas, de outro lado e todo esse tempo estamos tratando da superestrutura, quando trata da religião e agora de sua relação com a política. No bloco histórico, entende-se que as superestruturas possuem relativa autonomia, pois é neste terreno em que se travariam as batalhas, ainda que, contudo, a centralidade das relações sociais e de produção mostra-se determinante e não deve ser perdida de vista (PORTELLI, 1987).

A formação da bancada evangélica no Congresso Nacional em 1986 foi determinante para a conquista de concessões de rádio e TV no Brasil e o fortalecimento da presença nos espaços de representação política é fundamental para a manutenção das mesmas. Camara afirma que a “instrumentalização dos programas da casa [Record] fica evidente quando analisamos a plataforma de ascensão política de profissionais da mídia” (CAMARA, 2016, p.9), como é o caso de Celso Russomanno (quadro Patrulha do Consumidor/ Programa Hoje

em Dia e Cidade Alerta – PRB/SP), e Tiririca (PR/SP) (extinto Programa da Tarde)[58]. Rothberg recupera a concessão da TV Record no momento da compra por Edir Macedo, ao afirmar que

> se vincula à vitória de Fernando Collor de Mello nas eleições presidenciais de 1989. O político contou com o apoio da Iurd a partir do primeiro turno, a compra ocorreu dias antes da eleição e "o ritmo dos pagamentos parece ter relação com a data da posse". Em 1991, após um aparente cisma entre Macedo e Collor, o governo teria pressionado para que a Record fosse vendida. "Possivelmente Macedo teria perdido a Record para prepostos de Collor se este não tivesse precisado de apoio parlamentar contra o impeachment" (processo de impugnação do mandato presidencial de Fernando Collor de Mello, interrompido em função da renúncia do presidente em 29 de dezembro de 1992). (ROTHBERG, 2012. p. 26)

O neopentecostalismo parece movimentar e disputar dentro do mesmo bloco histórico colocado hoje, revelando-se, inclusive, como visto anteriormente, como uma expressão do capital – na capacidade de difundir valores e práticas neoliberais, assim como na estrutura empresarial ou ainda o controle de grandes meios de comunicação que movimentam e internacionalizam a religião. Desta forma, não se configura neste processo uma guerra de movimento, que prevê um choque frontal e a conquista do Estado, mas uma guerra de posições, que costura paulatinamente espaços no seio e através da sociedade civil. Portelli (1987) afirma que a guerra de posição, para Gramsci, não significa imobilismo, mas acúmulo de forças. A disputa por uma hegemonia neopentecostal não alcançará o consenso, mas pode se fortalecer a ponto de virar um importante grupo social, ou fração da classe dominante, capaz de influenciar de fato nos caminhos da direção e dominação da sociedade.

É neste sentido que os investimentos nos grandes meios de comunicação representam tanto a consolidação da Universal e outras igrejas pentecostais enquanto empresas, como são capazes de produzir legitimidade social e política. Espaços para se defender, para propagandear, atacar e inclusive ganhar novos adeptos. E, "apesar de não garantir a permanência dos adeptos, além de ter alto custo, e de ser em certo sentido impessoal (pela ausência de interações face a face), a veiculação televisiva também acentua a reprodução da fé" (ROSAS, 2013, p. 170). Sobre a Record, atualmente com audiência consolidada e somada

[58] A entrevista exclusiva que a TV Record transmitiu com o candidato à presidência da república Jair Bolsonaro, que não comparecera a nenhum dos debates eleitorais, a poucos dias do primeiro turno das eleições de 2018 e logo após Edir Macedo declarar apoio ao candidato, é mais um exemplo das interferências diretas ou não da Igreja sobre a Record.

ao crescimento do público evangélico, o que ocorre, segundo Cunha (2016) é que também as mídias seculares

> assimilam esta atmosfera e passam a produzir programas, ou parcelas deles, para disputar audiência cristã: abrindo espaço para a música cristã contemporânea "gospel" e seus artistas, patrocinando festivais e megaeventos de rua, veiculando programas de entretenimento com temática religiosa, inclusive com a criação de personagens para telenovelas. (CUNHA, 2016, p. 155)

A respeito dessa cultura de massas evangélica e consumista, Magali Cunha (2007) chamou o fenômeno que contém essas novas formas de comunicação de "explosão de uma cultura gospel". O surgimento do pentecostalismo, influenciado pelas igrejas estadunidenses, como já vimos, potencializou no país a entrada da cultura do "rock e as baladas românticas trazidas pelos grupos estadunidenses, em especial visando ao alcance dos jovens" (CUNHA, 2004, p. 159). O modelo estadunidense influenciou a formação de conjuntos jovens, mas o conteúdo teológico mantinha, inicialmente, a circulação restrita ao público jovem protestante.

Há também um amplo mercado no Brasil para o gospel internacional, assim como para os ministérios de louvor e adoração. Os artistas "adoradores" não tem como eixo condutor o mercado, mas sim o avivamento, seria "o processo de renovação da Igreja promovido pelo 'derramamento do Espírito Santo', ou seja, por uma experiência mística com o divino que transforma o jeito de ser e de cultuar de uma determinada comunidade" (CUNHA, 2004, p. 164). Há no movimento de louvor e adoração um forte incentivo à capacitação para a prática musical nas comunidades religiosas. O movimento gospel faz uso da música e cultura numa busca também por adequar a linguagem religiosa e, assim,

> abriu espaço para outros ritmos – até então rejeitados pelos evangélicos – também populares mas associados pelos religiosos a grupos marginalizados, como o rap, o funk, o hip-hop, o forró, o reggae; e ao Carnaval e à malandragem, como o samba, o pagode, o axé-music. As igrejas, nos anos 90, assistiram ao surgimento de um número extenso de grupos musicais de todos esses ritmos que não encontravam espaço no cenário musical evangélico para apreciação e muito menos para uso litúrgico. (CUNHA, 2004, p. 159)

A cultura Gospel corresponde a "um modo de viver e experimentar a fé no sagrado dentro do qual há um sistema de significações que resulta de todas as formas de atividade social" do segmento evangélico (CUNHA, 2004, p. 277). Tal cultura produziu um mercado voltado para os evangélicos, antes limitado ao campo editorial e que se estendeu fortemente

ao mercado fonográfico. Aliás, os cristãos tornaram-se um segmento do mercado de modo geral, o que inclui também de roupas, cosméticos, doces etc. marcas com apelo religioso. Além disso, no campo comunicacional "impulsionou também as rádios ligadas a grupos evangélicos a partir dos anos 80, em especial as FMs, com significativo alcance nas áreas metropolitanas" (CUNHA, 2004, p. 93).

Na indústria fonográfica, a IURD fundou em 1991 a Record Produções e Gravações e lançou dois selos, a Line Records, em 1992, e a New Music, em 2005. A Line Records encerrou suas atividades em 2012, mas durante 20 anos, lançou especificamente artistas gospel enquanto a New Music, que continua atuando, é uma das concorrentes da Som Livre (que pertence à Rede Globo) e produz toda variedade de artistas. Segundo Araújo, o mercado fonográfico ampliou de forma geral nos anos 1990, tendo havido

> criação de centenas de selos fonográficos nacionais e de gravadoras independentes, dentre as maiores: Som e Louvores (1985), MK Publicitá (1986), Gospel Records (1990), Line Records (1991) e Graça Music (1998). (…) a indústria fonográfica evangélica no Brasil atraiu também investimentos das gigantes multinacionais do ramo, como EMI Chistian Group, Universal Chistian Group, e Word Records, braço cristão da Warner Music Group, que observaram o nicho de mercado evangélico brasileiro sobretudo diante do crescimento da pirataria no mercado secular. (ARAÚJO, 2018. p. 60)

Atualmente, a Igreja Universal é proprietária de um império midiático (ROCHA, 2006), composto por um sistema de mídia diversificado, que é usado como estratégia para conquistar mais fiéis e que abrange: uma rede de rádios AM e FM, a gravadora Universal Records, o jornal Folha Universal, com distribuição nacional, o jornal Hoje em Dia, portal na Internet, editora Universal de livros, parque gráfico próprio, livrarias próprias ligadas e emissoras de TV ligadas ao grupo empresarial de comunicação Rede Record. Segundo Rocha, a extensão dos negócios de Edir Macedo talvez faça dele o mais poderoso empresário de comunicação social do Brasil, já que seu *holding* tem mais emissoras de TV próprias que afiliadas - a Rede Globo conta com o maior número de afiliadas no território nacional" (ROCHA, 2006, p. 8).

É interessante tratar da cultura Gospel quando se refere à estratégia comunicacional da IURD, pois trata-se da capacidade de difusão da ideologia, que caminha junto a uma construção de identidade gospel. A cultura gospel não é apenas reflexo de ações bem

coordenadas e impostas verticalmente pelo mercado ou por denominações pentecostais, ela é também transformada e produzida pelos próprios fiéis.

Quanto aos veículos impressos de comunicação da Universal, a revista Plenitude foi o primeiro, lançado em 1980. “Inicialmente, seu formato era de gibi e os textos eram escritos pelos próprios dirigentes da Igreja” (ROTHBERG, 2012, p. 25). Já o jornal Folha Universal é semanal distribuído gratuitamente nas igrejas da IURD e, segundo dados da própria Igreja, possuía tiragem superior a 1,8 milhão de exemplares em 2018, um dos jornais com maior circulação no país.

A IURD possui ainda uma gráfica e editora de nome Universal, e ligada à Universal Produções, que é responsável pela impressão dos jornais nos estados. Em notícia, a Universal afirma que “A Folha Universal é uma das principais ferramentas de evangelização da Universal e leva palavras de conforto, alegria e esperança aos aflitos.[59]”. Para Rothberg, a Folha Universal não é apenas um veículo institucional, pois

> se dedica com sistematização a se afirmar como fonte de informação política aos seus leitores, de maneira a projetar candidatos e mandatários que defendem as propostas da Iurd para a vida pública brasileira e construir ou repercutir perspectivas para caracterizar as demandas sociais, econômicas e políticas consideradas mais relevantes pela Igreja Universal do Reino de Deus como prioritárias à gestão pública." (ROTHBERG, 2012, p. 21)

Acompanhando a entrada e desenvolvimento da internet no Brasil e do acesso a ela por parte de seus fiéis, a IURD possui também perfil no Facebook e outras redes sociais, além de páginas oficiais dos projetos que realiza e de alguns bispos. A internet tem transformado a forma das pessoas se relacionarem. Rothberg afirma que em 2000

> foi criado na internet o portal Arca Universal, um centro de informações sobre o cotidiano da igreja e atualidades de saúde, economia e política, com links para a divulgação de produtos religiosos. A interação com os fiéis é feita principalmente por salas de bate papo destinadas à troca de conselhos e novas amizades. (ROTHBERG, 2012, p. 25)

O portal Arca Universal já não existe mais, mas a Igreja possui um site[60] onde veicula informações oficiais de sua atuação no mundo todo, assim como a versão online da Folha

[59] Notícia “A nobre missão da Folha Universal” - publicada em https://www.universal.org/blog/2018/06/24/a-nobre-missao-da-folha-universal/ (Acesso 09/03/2019)
[60] Endereço eletrônico da Universal: www.universal.org

Universal. Neste domínio encontram-se links para outros sites como o Arca Center, uma loja para a venda de produtos cristãos online, ou blogs de pastores e as notícias semanais do jornal impresso Folha Universal, assim como acesso direto à programação da Rádio Aleluia e à TV Universal. A maioria dos seus projetos possui páginas próprias, localizadas dentro do domínio da Universal: EBI - Escola Bíblica Infantil, voltado para o público infantil; Vício tem cura, associado ao projeto anti-drogas da IURD; Terapia do amor, voltado para casais; Templo de Salomão, sobre a sede mundial e maior templo da Universal; Pais e filhos, voltado para ações de família; página para os obreiros da Igreja; Godllywood, projeto voltado para mulheres; Intellimen, projeto voltado ao público masculino; casamentos, para quem deseja se casar na Igreja Universal; e Abel, site voltado para o incentivo da inclusão da Universal nos testamentos dos fiéis.

Em 2016 foi criado também o UniverVideo, uma plataforma de vídeos cristãos "sob demanda", segundo a página da plataforma. A definição oficial segue:

> Presente no Brasil e no exterior, o site oferece filmes consagrados para toda a família, documentários, desenhos animados, atrações musicais e transmissões ao vivo de palestras direto do Templo de Salomão. Além da opção de assinaturas mensais, semestrais e anuais, o Univer Vídeo também vende e aluga conteúdos avulsos. Isso permite acesso facilitado para todos os interessados na programação, que tem como foco a edificação da fé, o fortalecimento de relações pessoais e profissionais e o auxílio aos assinantes em sua caminhada espiritual.[61]

Em 2018, foi lançado nos cinemas o filme Nada a Perder – Contra tudo. Por todos, que agora já se encontra na plataforma UniverVideo. O filme é uma biografia do líder da Universal, Edir Macedo, tendo o próprio como um de seus financiadores, reproduz as opiniões e visão sobre a Igreja apresentada ao longo deste trabalho: ironiza as religiões afro-brasileiras, trata a Igreja Católica e o próprio Estado como vilões, se vitimiza (líder e instituição) e tenta criar a imagem do grande líder, caracterizando-se como uma peça publicitária da Igreja. A respeito desta grande produção, cabe destacar que o filme foi recorde de público do cinema brasileiro, tendo superado Os dez mandamentos (2016). Ambos os filmes são produção da Record Filmes, a produtora ligada a Igreja Universal e indicam esta intenção de afirmar o poder das mais diversas formas e a partir dos mais variados símbolos[62].

[61] https://blog.univervideo.com/2016/11/29/o-univer-video-evoluiu/ (Acesso em 15/10/2018)

[62] Um breve relato da minha experiência na cidade de Salvador onde fui assistir ao filme no cinema, em uma quarta-feira à noite, maio de 2018, é de que as sessões tinham de fato os ingressos quase todos vendidos e as salas, embora não estivessem lotadas, tinham cerca de 50 pessoas assistindo. Todas estavam em grupo e saíram

É possível observar que há uma estratégia midiática fortíssima na Universal, que se apresenta na diversidade de mídias, com propósitos distintos e atingindo públicos distintos também: rádio, TVs, internet (redes sociais e informações), jornal impresso, livros, CDs e shows, filmes, mas também no seu espalhamento pelo território. Com isso, a IURD consegue atingir vários segmentos da sociedade, o que potencializa sua capacidade de enraizamento no território.

Para tal, a Igreja não faz da mídia, um templo – ou seja, não pretende levar explicitamente, em tom de pregação, a palavra de Deus constantemente através da mídia. Busca nas entrelinhas e na diversidade de públicos atingidos, diversificar o público-alvo, mais do que movimentar capital, parece indicar o interesse de atingir os vários setores da sociedade, numa racionalidade que compõe o "plano de poder". Para isso, a mídia não impõe diretamente o sagrado, mas ao mesmo tempo não o separa da vida cotidiana, já que nas entrelinhas dos programas, na definição de pautas, nos valores defendidos, a Igreja e a palavra de Deus são divulgadas.

de dois ônibus alugados, que estavam estacionados na frente do cinema Glauber Rocha. Ao final da sessão entrou uma mulher com uma prancheta na mão pedindo que todos se levantassem e dessem as mãos para a oração, no mesmo momento em que Edir Macedo aparece na tela, puxando uma oração. Os ingressos praticamente se esgotaram porque parecem ter sido comprados pela própria Igreja Universal e distribuídos aos seus fiéis.

3. A POLÍTICA: NEOPENTECOSTAIS NO ESTADO BRASILEIRO

O quarto eixo de ação que orienta a expansão da Igreja Universal e viabiliza a execução de seu "plano de poder" é a Política. A presença de evangélicos no Estado e a disputa deste espaço é uma estratégia chave no fortalecimento do neopentecostalismo brasileiro, assim como na rede política que se articula neste processo. Embora não seja novidade a existência de evangélicos na política, o aumento do número de políticos evangélicos é tanto consequência da expansão da religião no país, como o fortalecimento da sua presença no Estado também impulsiona a expansão neopentecostal. Deve ser entendido, portanto, como um movimento dialético, não à toa ocupar este espaço da política é um nó estratégico na rede política do plano de poder neopentecostal.

A presença neopentecostal na política se inicia através do poder legislativo, para então aos poucos se estender ao poder executivo, assim como secretarias, ministérios e outras agências públicas. Tratar o poder legislativo como porta de entrada para a política não é uma prática exclusiva dos evangélicos, pois o parlamento permite, além de criar e barrar leis e projetos favoráveis às igrejas, ocupar outros espaços por indicação na forma de cota do partido ou coligação no sistema político. A respeito do poder de influência dos parlamentares sobre o território, Magdaleno afirma que as atividades políticas são capazes de requalificar o território, uma vez que

> As proposições, ou seja, os projetos apresentados pelos legisladores para avaliação e votação, os discursos proferidos em plenários pelo representante e o contato direto do representante com o eleitorado ao proporcionarem novas formas de regulação do território, ao gerarem liberação de recursos financeiros para determinadas localidades, e ao chamarem atenção para fatos ou problemas que marcam certas localidades, evidencia vínculos do representante político com áreas específicas, criando, assim, territórios políticos. Além disso, também podem gerar alteração na base material desse território ou na condição de vida da população ocupante, o que, por sua vez, pode modificar o tipo e a intensidade de determinadas demandas sociais, mudando, assim, a qualidade das forças estruturadoras que partem desses territórios. (MAGDALENO, 2013 p. 80)

Um importante elemento que diferencia a presença evangélica na política de momentos anteriores é a candidatura política construída pelas Igrejas e a partir da identidade evangélica – não é apenas um político que é evangélico, mas um evangélico que adentra o espaço da política a partir desta identidade. O representante político atua, segundo Magdaleno, não apenas de acordo com o interesse geral, mas também em resposta a demandas de determinados grupos de interesse. Algumas condições para sua atuação seriam:

> a origem social e geográfica do representante; as características socioeconômicas de territórios políticos específicos criados dentro do distrito representado; a distribuição espacial, de base municipal, dos votos recebidos pelo representante eleito (votos concentrados ou dispersos); a diretriz do seu partido político e as demandas de grupos de interesses dentro e fora dos partidos. (MAGDALENO, 2013 p. 71)

A Bancada Evangélica consolida-se primeiro no Congresso Nacional, espaço da sua institucionalidade política a nível nacional e, mais recentemente, observa-se também a multiplicação de bancadas evangélicas estaduais e municipais. O Congresso Nacional é um espaço de muita visibilidade, capaz não só de amplificar e colocar na pauta nacional o discurso religioso evangélico, como também representa um espaço chave de negociação/acertos políticos, que tanto amplia a presença nos espaços de poder, como negocia verbas e ações.

Cabe ressaltar que, para Gramsci, o parlamento se aproximava da sociedade civil pela capacidade de diálogo com a população e produção de legitimidade, mais do que coerção. Sem desconsiderar essa ideia, tratamos da ocupação do espaço político nos referindo à sociedade política, com enfoque no parlamento nacional, através da Bancada Evangélica. O Congresso Nacional apresenta-se como mais um elemento da territorialidade iurdiana, assim como um nó da rede política territorial que compõe o "plano de poder", tendo em vista que as relações de poder da Bancada Evangélica extrapolam os limites desta instituição e se dão na relação com outras escalas de ação.

Entendemos que o Congresso Nacional representa um espaço de articulação e elaboração de políticas, que viabilizam e retroalimentam as estruturas de poder das Igrejas neopentecostais, logo, o fortalecimento da Bancada Evangélica sinaliza também maior número de eleitores em candidatos cujo perfil seja a identidade evangélica, o que corresponde a uma maior capacidade de territorialização, como vimos nos eixos Templo e Rua. Se a

formação de bases eleitorais pode revelar a existência de um território neopentecostal, coloca em evidência também o poder de influência sobre determinado território, que está sendo disputado pelos neopentecostais em múltiplas frentes.

A expansão neopentecostal não se revela como um movimento contra-hegemônico, uma vez que não vai de encontro à hegemonia burguesa e não se configuram mudanças estruturais na sociedade. Vimos que a disputa pela hegemonia neopentecostal na sociedade é mais ampla do que a noção de hegemonia religiosa, por outro lado, a disputa se dá a partir desta identidade (religiosa). Não representa, assim, a disputa por uma hegemonia neopentecostal monopolizada, mas representa a participação deste grupo na composição do bloco hegemônico. Nesse sentido, Gramsci afirma que

> o fato da hegemonia pressupõe indubitavelmente que se deve levar em conta os interesses e as tendências dos grupos sobre os quais a hegemonia será exercida; que se forme certo equilíbrio de compromisso, isto é, que o grupo dirigente faça sacrifícios de ordem econômico-corporativa. Mas também é indubitável que os sacrifícios e o compromisso não se relacionam com o essencial, pois se a hegemonia é ético-política também é econômica; não se pode deixar de se fundamentar na função decisiva que o grupo dirigente exerce no núcleo decisivo da atividade econômica. (GRAMSCI, 1978. p. 33)

Assim, as disputas por hegemonia do neopentecostalismo não se opõem à atual estrutura da nossa sociedade, o que seria determinante em um processo contra-hegemônico e de crise orgânica que fosse capaz de reestruturar um bloco histórico. Trata-se, sim, de uma luta de frações da classe dominante por hegemonia. A partir destas considerações, analisaremos a seguir o perfil e a ação da Bancada Evangélica do Congresso Nacional.

3.1 O PERFIL DA BANCADA EVANGÉLICA DO CONGRESSO NACIONAL BRASILEIRO: GÊNESE E TERRITORIALIDADE

Para compreender a gênese, o processo de formação, da Bancada Evangélica é preciso considerar que a partir da abertura democrática no Brasil, com o fim da ditadura militar, em 1985, diversos grupos identitários passam a entender a institucionalidade do legislativo como um espaço a ser ocupado e disputado. São impulsos específicos de cada grupo que viabilizam

este movimento. É neste momento também que se dá a construção de uma identidade evangélica na política brasileira, especialmente a partir de uma crescente representação no Congresso Nacional com o surgimento da expressão Bancada Evangélica e do lema: 'irmão vota em irmão', utilizado até hoje.

As Frentes Parlamentares são um instrumento oficial de organização suprapartidário no Congresso Nacional que viabilizam a identificação dos parlamentares a partir das mais diversas qualidades. Identidades em torno das quais se organizam as Frentes Parlamentares não se configuram como pessoais/particulares, uma vez que no âmbito do Congresso se realizam discussões públicas e políticas, o que significa dizer que a associação de parlamentares a partir de determinada identidade é, em si, um posicionamento político deste parlamentar.

Em dezembro de 2015, a Bancada Evangélica foi registrada em Diário Oficial da União como Frente Parlamentar Evangélica (FPE) do Congresso Nacional, tornando-se uma associação civil sem fins lucrativos, composta por membros parlamentares do Congresso, uma frente suprapartidária dos evangélicos. No primeiro artigo do estatuto e registro da FPE está sinalizado que esta: “reúne Deputados Federais e Senadores preocupados em fiscalizar os programas e as políticas governamentais, voltadas à proteção da família, da vida humana e dos excluídos e acompanhar a execução das mesmas”[63], já dando indicativos de quais as principais pautas desta Bancada. O termo Bancada Evangélica não é oficial, mas é o comumente utilizado para referir-se à Bancada ativa politicamente. Isso significa que nem todo signatário da Frente Parlamentar é ativo na Frente/Bancada e nem todo parlamentar que fecha posição com a Frente/Bancada é signatário da Frente. As bancadas que possuem hoje maior visibilidade são a Bancada Ruralista, a Bancada Evangélica e a Bancada da Segurança Pública, vulgarmente conhecidas como bancadas BBB: do boi, da bíblia e da bala, respectivamente.

Desde 2007, o STF estabeleceu a fidelidade partidária como norma, o que significa dizer que os mandatos legislativos pertencem aos partidos políticos e não aos candidatos. Essa normatização reduziu o poder de ação das bancadas parlamentares em geral, devido ao seu caráter suprapartidário. Mas a força política das Bancadas consiste no seu poder de articulação a partir de temas específicos e essa característica seguiu sendo fortalecida. Até a

[63] Estatuto da Frente Parlamentar Evangélica: https://www.camara.leg.br/internet/deputado/Frente_Parlamentar/53658-integra.pdf (Acessado em 10/2018)

instituição da fidelidade partidária, havia uma instrumentalização dos partidos políticos por parte da Igreja Universal e de seus deputados. Os partidos viabilizavam a eleição e depois os parlamentares iam para outras legendas, "Os novos congressistas optavam por filiar-se às pequenas siglas, pois só assim teriam condições de assumir a liderança partidária e transitar pelas zonas de poder do parlamento" (DANTAS, 2011. p. 31).

A partir dos anos 1990, o que difere a presença evangélica no âmbito da política institucional, especialmente com a Igreja Universal, mas também com outras filiações neopentecostais, é que a participação política se torna parte de um plano político. É nesse contexto que a Bancada Evangélica se fortalece, portanto. Anteriormente, embora houvesse parlamentares evangélicos e até certa articulação em torno dessa identidade, eram práticas mais individualizadas, até com certo apoio das respectivas igrejas, mas não havia uma organização institucional em torno da campanha. Na Tabela 17[64] consta o número de parlamentares evangélicos que compõem a Bancada Evangélica no Congresso Federal, por legislatura, desde 1987. A Câmara possui um total de 513 deputados e 81 senadores:

[64] Dados disponibilizados pelo DIAP (Departamento Intersindical de Assessoria Parlamentar logo após as eleições, antes dos parlamentares eleitos tomarem posse. Há mudanças nesses números ao longo das legislaturas, de acordo com o modo como votam ou se identificam os parlamentares, pela entrada e saída formal da FPE ou ainda por possíveis substituições com entrada de suplentes etc. É fundamental sinalizar que estes dados são objeto de disputa, e de acordo com os interesses de quem apresenta, pode indicar uma Bancada mais ou menos fortalecida. Neste sentido, buscamos padronizar os dados em uma fonte única, o DIAP, que sinaliza que "classifica como integrante da bancada evangélica, além dos que ocupam cargos nas estruturas das instituições religiosas - como bispos, pastores, missionários e sacerdotes - e dos cantores de música gospel, aquele parlamentar que professa a fé segundo a doutrina evangélica ou que se alinha ao grupo em votações de temas específicos" (DIAP, 2018. p. 9).

Tabela 17 – Parlamentares da Bancada Evangélica do Congresso Nacional por legislatura, Brasil, 1987-2019

Período da Legislatura	Número de Parlamentares	Deputados Federais	Senadores
1987-1990	33	33	-
1991-1994	24	23	1
1995-1998	37	32	5
1999-2002	51	49	2
2003-2006	63	59	4
2007-2010	36	32	4
2011-2014	73	70	3
2015-2018	78	75	3
2019-2022	92	85	7

Fonte: DIAP (2002, 2006, 2010, 2014, 2018) e TADVALD, 2015. Elaboração própria.

A 48ª legislatura (1987-1990) contou com 33 parlamentares evangélicos compondo a primeira formação da bancada evangélica do Congresso Nacional. Era contexto da Assembleia Constituinte, que significou para tantos outros grupos de identidade e movimentos, a busca pela representação e garantia de direitos. Segundo Baptista (2007. p. 195), os evangélicos conseguiram garantir neste momento "a presença pública de símbolos caros aos evangélicos: foi deste modo que conseguiram aprovar a posição permanente de uma Bíblia aberta sobre a mesa do Congresso e a referência a Deus na nova Constituição".

O crescimento da Bancada ao longo dos últimos 20 anos é evidente e progressivo e, segundo Tadvald (2014), a queda no número de parlamentares na legislatura 2007-2011 foi consequência do envolvimento de membros da Bancada Evangélica em um escândalo de corrupção que estourou próximo às eleições de 2006[65]. Nenhum dos parlamentares da Bancada envolvidos foi reeleito, o que, por sua vez, representou uma considerável renovação dos parlamentares evangélicos. A Tabela 18, abaixo, indica o número de parlamentares ligados à Igreja Universal do Reino de Deus na Bancada Evangélica ao longo das últimas legislaturas.

[65] Em maio de 2006, a Operação Sanguessuga da Polícia Federal descobriu uma máfia que beneficiava empresas específicas na compra de ambulâncias e materiais hospitalares. No Congresso Nacional foi aberta uma CPI que pediu o indiciamento de 72 parlamentares, mas nenhum tenha sido cassado. Apesar disso, apenas 5 dos envolvidos conseguiram se reeleger.

Tabela 18 – Parlamentares federais ligados à Igreja Universal do Reino de Deus, Brasil, 1987-2019

Período da legislatura	Deputados	Senadores
1987-1990	1	-
1991-1994	3	-
1995-1998	6	-
1999-2002	17	-
2003-2006	22	1
2007-2010	4	1
2011-2014	7	1
2015-2018	12	1
2019-2022	17	2

Fonte: DIAP (2006, 2010, 2014, 2018) e ORO, 2003. Elaboração própria.

A presença da Igreja Universal na composição da Bancada Evangélica iniciou com a eleição de um único parlamentar em 1987. Roberto Augusto Lopes, eleito pelo PTB do Rio de Janeiro, foi um dos fundadores da IURD, mas ainda durante o mandato se afastou da Igreja, crítico à condução empresarial de Edir Macedo na liderança da Igreja e se reaproximou da Igreja Vida Nova (MARIANO, 2014). Nas duas primeiras legislaturas, a representação da IURD na Bancada Evangélica cabia apenas do Rio de Janeiro e de São Paulo.

O fortalecimento da Bancada não foi um processo linear, uma vez que a diversidade de Igrejas pentecostais se reflete em atuações distintas no processo eleitoral e nos próprios posicionamentos e discussões políticas. A diversidade de denominações e de partidos revela que a Bancada Evangélica não é um bloco homogêneo, ela incorpora, inclusive, parlamentares das igrejas ligadas ao protestantismo histórico, especialmente a Batista, com candidaturas independentes. Além disso, determinados parlamentares são evangélicos, mas não possuem trajetória política vinculada à igreja ou ao exercício da fé, o que significa que supostamente separariam a fé e a esfera privada, da política e esfera pública, respectivamente. Ao mesmo tempo, Dantas (2011[66]) sinaliza que esta seria "uma distinção contraditória porque eles tomam, sim, algumas crenças e valores como referência para orientar suas práticas parlamentares e votações como quando se discute aborto e homofobia, por exemplo".

[66] Entrevista: Afinal, o que os evangélicos querem da política? 19.10.2015 http://apublica.org/2015/10/afinal-o-que-os-evangelicos-querem-da-politica/ (Acessado em 10/2018)

A respeito do fortalecimento da identidade evangélica enquanto uma identidade política, a jornalista Andrea Dip (2018) relata o caso do deputado Arolde de Oliveira, do PSC-RJ, que é Deputado Federal desde 1983, empresário do ramo da comunicação, dono de produtora de música gospel (Grupo MK de Comunicação), rádio, editora, sites etc. Nos seus primeiros mandatos a sua base eleitoral era ligada ao setor das telecomunicações, ou seja, ele não era representante dos evangélicos, especialmente porque, segundo o próprio Arolde, o número de evangélicos não era grande. O que significa dizer que a identidade evangélica foi nos últimos trinta anos sendo constituída como uma identidade política e a partir da qual poderia se conquistar resultados eleitorais.

As tabelas 19 e 20, organizadas a partir de dados do DIAP, demonstram a distribuição dos parlamentares da Bancada Evangélica pelos partidos políticos e por Unidade da Federação na atual (2019-2022) e na última (2015-2018) legislaturas e nos ajudam a compreender este movimento recente de atuação da Igreja, especialmente da IURD, como partido político, como veremos:

Tabela 19 - Parlamentares da Bancada Evangélica nacional por partidos, 2015-2018 e 2019-2022

Partido Político	2015-2018	2019-2022
Avante	-	1
DEM	8	6
MDB	8	3
Novo	-	2
Patriota	-	1
PDT	2	2
PEN	2	-
PHS	2	1
PMN	-	1
Podemos	-	3
PP	4	5
PPS	1	1
PR	9	7
PRB	17	20
PRN	1	-
PROS	3	2
PRP	-	1
PSB	4	4
PSC	7	5
PSD	5	6
PSDB	6	5
PSL	-	10
PT	2	2
PTB	-	1
PTC	-	1
SD	-	2

Fonte: DIAP, 2014 e 2018. Elaboração própria.

Tabela 20 - Parlamentares da Bancada Evangélica nacional por UF, 2015-2018 e 2019-2022

UF	2015-2018	2019-2022
AC	1	2
AL	1	2
AM	2	1
AP	1	2
BA	6	5
CE	3	3
DF	1	1
ES	3	3
GO	2	2
MA	1	3
MG	6	6
MS	1	1
MT	2	1
PA	2	4
PB	2	1
PE	-	3
PI	-	3
PR	5	4
RJ	16	13
RN	1	-
RO	5	2
RR	3	3
RS	5	5
SC	1	1
SE	2	1
SP	14	19
TO	-	1

Fonte: DIAP, 2014 e 2018. Elaboração própria.

Embora indique uma representatividade de diferentes UFs na Bancada Evangélica, Rio de Janeiro e São Paulo se destacam. E, nesse sentido, o enorme colégio eleitoral destes dois estados deve ser levado em conta na análise. À exceção do Rio Grande do Norte, todas as

Unidades da Federação possuem representantes evangélicos na composição da Bancada na atual legislatura. Rondônia, Acre e especialmente Roraima chamam atenção por apresentarem uma proporção grande de parlamentares evangélicos diante de colégios eleitorais pequenos (os três possuem representação de 8 deputados federais na câmara). Apesar disso, são três estados cuja participação de fiéis da Universal e de pentecostais no geral na população é alta. Neste sentido, chama também a atenção a participação do Piauí, que é um dos estados com menor presença pentecostal e da IURD, que na legislatura passada não possuía representação na Bancada Evangélica, mas que na 56º legislatura conta com 3 parlamentares.

Na 54º legislatura, havia 13 partidos políticos com representantes na Bancada Evangélica enquanto na 55º eram 16 partidos e na 56º, atual legislatura, são 22 partidos políticos representados na Bancada. A fragmentação partidário-ideológica não é exclusividade dos evangélicos, mas característica do sistema político brasileiro que se expressa nas bancadas suprapartidárias. Apesar disso, a Tabela 19 indica que nas duas últimas legislaturas alguns partidos concentram grande parte dos representantes evangélicos: o PRB (Partido Republicano Brasileiro), especialmente, mas também o PSL, o PR e o DEM aparecem expressivamente. A força e visibilidade da Bancada Evangélica na 55ª legislatura (2015-2018), foram expressas também pela presença de um representante da Bancada na presidência da câmara de deputados, Eduardo Cunha (PMDB-RJ).

A formação da legislatura atual (56ª) representa a maior renovação do Congresso Nacional desde 1990, além de uma profunda fragmentação partidária, como observado. Além disso, embora não seja o partido político com maior representatividade na Bancada Evangélica, é importante considerar a força do PSL, partido do atual presidente da república, que elegeu apenas 1 deputado federal em 2014, terminou a 55ª legislatura com 8 deputados federais e elegeu em 2018 um total de 52 deputados federais, tornando-se neste momento a maior força partidária do Congresso.

A atual representatividade do PSL na Bancada evangélica é de 10 parlamentares, sendo o segundo partido político com maior representação. Além disso, dois destes deputados estão entre os dez mais votados nas últimas eleições: Eduardo Bolsonaro (PSL-SP) e Joice Hasselman (PSL). Dentre os dez com votação mais expressiva nas últimas eleições, outros

três também compõem a Bancada Evangélica: João Campos (PSB), Marcel Van Hattem (NOVO) e Pastor Sargento Isidório (AVANTE)[67].

Em relação aos partidos políticos, há também uma enorme diversidade de partidos, embora o PRB se destaque com o dobro dos parlamentares do PSL, que aparece em segundo lugar na lista de representação da Bancada Evangélica. Em 2014, o PRB elegeu um total de 21 deputados federais e 1 senador, dos quais 17 compunham a Bancada Evangélica. Na atual legislatura, a legenda elegeu 31 parlamentares (30 deputados e também 1 senador), dos quais 20 compõem a Bancada Evangélica, sendo 19 deputados federais e 1 senador (DIAP, 2018). Até as eleições de 2010, os partidos com maior representação na Bancada Evangélica eram os PSC e o PR.

As Tabelas 19 e 20 incluem deputados federais e senadores na composição da Bancada Evangélica. No Senado, a bancada terá sete representantes na próxima legislatura, dos quais todos estão no primeiro mandato como senadores, o que reforça a renovação do Congresso a que foi feita referência. Apesar a redução no número de deputados do Rio de Janeiro nas últimas eleições, os dois senadores eleitos por esse estado estão na Bancada Evangélica, Arolde de Oliveira pelo PSD e Flávio Bolsonaro pelo PSL. Também São Paulo, Maranhão, Rondônia, Roraima e Pará tiveram senadores evangélicos eleitos: Major Olímpio (PSL-SP), Eliziane Gama (PPS-MA), Marcos Rogério (DEM-RO), Mecias de Jesus (PRB-RR), Zequinha Marinho (PSC-PA).

A Tabela 21 apresenta a distribuição das filiações religiosas dos parlamentares da Bancada Evangélica do Congresso Nacional na 55ª e 56ª legislaturas.

[67] Dentre os deputados mais votados está também Celso Russomano, do PRB-SP. Russomano é apresentador de televisão, no canal Record e em suas últimas campanhas eleitorais foi apoiado pela IURD, tendo inclusive recebido diversas críticas a respeito da relação com a Igreja. Oficialmente, porém, o parlamentar não compõe a Frente Parlamentar Evangélica e não foi incluído pelo DIAP como integrante da Bancada Evangélica.

Tabela 21 – Parlamentares da Bancada Evangélica por filiação religiosa, Brasil, 2015-2019[68]

Filiação/Igreja	Classificação	2015-2018	2019-2022
Assembleia de Deus	Pentecostal	24	30
Assembleia de Deus - Catedral do Avivamento	Pentecostal	1	1
Assembleia de Deus – Missão Vida	Pentecostal	-	1
Assembleia de Deus – Vitória em Cristo	Pentecostal	1	1
Batista	Histórica	8	11
Batista Nacional	Pentecostal	1	2
Catedral do Reino de Deus		1	-
Congregação Cristã no Brasil	Pentecostal	2	2
Igreja Adventista	Histórica	-	1
Igreja Cristã Maranata	Pentecostal	1	2
Igreja do Evangelho Eterno	Pentecostal	-	1
Igreja do Evangelho Pleno	Pentecostal	-	1
Igreja do Evangelho Quadrangular	Pentecostal	4	4
Igreja Internacional da Graça de Deus	Pentecostal	2	-
Igreja do Nosso Senhor Jesus Cristo	Pentecostal	-	1
Igreja Fazei Discípulos	Pentecostal	-	1
Igreja Fonte da Vida	Pentecostal	1	-
Igreja Luterana	Histórica	1	3
Igreja Metodista	Histórica	1	1
Igreja Mundial do Poder de Deus	Pentecostal	2	-
Igreja Nova Vida	Pentecostal	1	1
Igreja O Brasil para Cristo	Pentecostal	1	1
Igreja Presbiteriana	Histórica	6	4
Igreja Sara Nossa Terra	Pentecostal	2	-
Igreja Universal do Reino de Deus	Pentecostal	12	18
Não identificado	-	1	1
Projeto Vida Nova	Pentecostal	1	-

Fonte: DIAP, 2014 e 2018. Elaboração própria

A Tabela 21 indica grande fragmentação da representatividade das igrejas as quais pertencem os parlamentares da Bancada Evangélica. Ainda assim, é possível observar que a representação dos protestantes históricos é muito menor do que a dos pentecostais, ainda que

[68] As nomenclaturas das denominações foram reproduzidas conforme dados disponibilizados pelo DIAP. Algumas delas não foram identificadas como a Catedral do Reino de Deus ou a Congregação Cristã.

a Igreja Batista possua um número expressivo de parlamentares. Além disso, pouco mais da metade do total dos parlamentares são filiados à Assembleia de Deus e à Igreja Universal juntas, o que indica, apesar da pulverização de denominações, a grande concentração nestas duas. A Assembleia de Deus é a denominação evangélica com maior número de fiéis no país, o que se reflete no maior número de representantes evangélicos no Congresso Nacional, mesmo sem a eficiência da lógica partidária centralizada da IURD.

Os dados acima evidenciam o crescimento da Bancada, assim como o fortalecimento do PRB e do neopentecostalismo. Não é possível falar do PRB sem falar da IURD, devido à expressiva presença de representantes desta Igreja no quadro do partido. O Partido Republicano Brasileiro (PRB) foi fundado em 2005 e desde então seus três presidentes foram todos bispos da IURD ou funcionários da Rede Record: Vitor Paulo, Eduardo Lopes, que dirigiu a ABC e a Folha Universal, e, atualmente, Marcos Pereira, bispo licenciado da IURD. Além deles, muitos dos membros da executiva nacional do partido possuem relação com a IURD e/ou com a Rede Record (CAMARA, 2016; GUTIERREZ, 2017).

Nas duas últimas legislaturas, praticamente a totalidade dos parlamentares eleitos ligados à Igreja Universal é de filiados ao PRB. Ao contrário das outras denominações evangélicas, cujos parlamentares estão dispersos por uma variedade de partidos políticos, a Universal passou a concentrar sua atuação política no PRB, que diante do aparelhamento observado, passou a funcionar como o partido político da Universal. Com perfil político completamente distinto, os quase trinta parlamentares da Bancada Evangélica que são fiéis da Assembleia de Deus estão distribuídos por 17 partidos diferentes, o que pode ser explicado pela sua natureza ramificada, assim como pela não existência de uma liderança vertical e nem de unidade partidária (CAMARA, 2016), como ocorre na Igreja Universal.

Segundo Nascimento (2017), o PRB atua como um instrumento da ambição política da Universal, enquanto esta atuaria como partido, ao coordenar eleitoralmente seus candidatos. Assim, o PRB não se submete à Universal, pois é o próprio braço político da Universal. Apesar disso, se pode dizer que o partido, embora atue desta forma, é mais amplo e diverso do que as candidaturas geridas pela IURD.

A IURD atua, desde o final da década de 1990, a partir de um modelo corporativo de "candidatura oficial", que consiste na escolha de candidatos realizada de forma centralizada por dirigentes regionais e nacionais da IURD: "Muitas vezes, trata-se de pessoas pouco

conhecidas dos irmãos de fé. Isto, porém, não inviabiliza sua eleição" (ORO, 2003. p. 101). É feito um levantamento dos dados eleitorais dos fiéis, que são levados a uma cúpula da Igreja, o conselho de bispos, que delibera quantos candidatos devem ser lançados e os cultos, as vigílias e concentrações massivas e a mídia própria são usados para campanha. Oro (2003. p. 101) demonstra que há uma racionalidade envolvida neste processo e que a Universal, "dependendo da eleição, distribui seus candidatos segundo bairros, cidades ou regiões, para serem apoiados separadamente pelos diferentes templos locais. Dessa forma, pode saber antecipadamente o número aproximado de votos de cada candidato".

Baptista (2007) associa a entrada da IURD no setor empresarial, especialmente no setor de comunicações, com a necessidade de formação de uma base de apoios políticos, especialmente pela preocupação constante com as concessões de rádio e de TV. Da mesma forma, a própria visibilidade midiática é essencial à produção de capital político (CAMARA, 2016). Este processo de "candidaturas oficiais" revela a articulação entre as práticas socioespaciais trabalhadas ao longo da dissertação, uma vez que a IURD necessita do templo e da mídia para eleger seus parlamentares.

Deste modo, os candidatos da Universal não possuem autonomia política, eles são representantes da Igreja e de seus interesses (DANTAS, 2011), enquanto os fiéis se tornam potenciais eleitores. Nascimento (2017. p. 41) define partido político como "um grupo organizado formalmente, baseado em formas voluntárias de participação" e com atividade eleitoral e dentre outras atribuições, discute o modo como a IURD atua como partido político, a partir da centralidade na tomada de decisões, da territorialidade e da capacidade de coordenação da Igreja Universal. É neste sentido que a Igreja demonstra ampla capacidade de coordenação eleitoral a partir de suas bases eleitorais, quando escolhe os candidatos, distribuídos racionalmente pelo território, "patrocina as campanhas eleitorais, fornece estrutura midiática e assistencialista para a divulgação dos nomes e das plataformas políticas bem como garante com eficácia a transferência de votos para as candidaturas 'oficiais', realizando uma espécie de mediação institucional que as torna viáveis" (DANTAS, 2011. p. 30).

Os meios oficiais de comunicação do PRB têm sinalizado um esforço recente de dissociação com a religião, utilizando argumentos da liberdade de expressão e mesmo da laicidade do Estado – em oposição a um Estado 'ateu', sobre o que Gutierrez afirma:

> A participação dos membros da Universal na política é encarada como parte de seu "projeto de poder", gerando uma série de denúncias por parte da mídia e de organizações da sociedade civil, mais especificamente, em relação ao envolvimento de agentes da Universal nas políticas públicas em relação ao combate ao crack. Esse cenário obriga os atores da Universal a desenvolver uma série de justificativas acerca de seu pertencimento religioso, recorrendo, entre outros meios, ao próprio princípio de laicidade para legitimar sua filiação à IURD. (GUTIERREZ, 2014. pg. 17)

Diante das críticas às candidaturas vinculadas à Universal em relação ao princípio da laicidade do Estado, o PRB e a Universal têm feitos esforços para dissociar as imagens de interesses religiosos e políticos, respectivamente. Gutierrez (2017. p. 158) sinaliza que há um movimento duplo, em que os mesmos atores políticos, a depender do contexto realizam o "efeito de dissuasão, isto é, o esforço dos atores em dissuadir outros a fim de ocultar o pertencimento religioso. Paralelamente, há o efeito de publicização, no qual os atores esforçam-se para mostrar a todos essa ligação, divulgando-a ao máximo".

3.2 A AÇÃO DA BANCADA EVANGÉLICA

A construção do eleitorado neopentecostal mostra-se intimamente ligada às práticas socioespaciais das igrejas. Tais práticas não se configuram exatamente pelo tradicional clientelismo, em que o beneficiamento de determinado eleitorado se dá em troca de votos, mas por uma nova configuração, revelada por um modo empresarial e articulado das igrejas neopentecostais agirem, que tem refletido diretamente na capacidade de eleger seus candidatos. A organização e funcionamento da Igreja Universal enquanto partido político é um fenômeno recente e emblemático neste processo, em que as estruturas internas verticalizadas fazem indicações de candidatos às eleições e bancam suas campanhas eleitorais. Por parte da IURD, a legitimidade da atividade político-partidária por uma instituição religiosa, assim como o estímulo à participação dos fiéis nas eleições têm por base a diabolização da política, a que Dantas descreve:

> Ao advertir os cristãos de que a política brasileira está dominada por satanás, a IURD reforça sua missão religiosa de libertá-la do mal e moralizá-la. A eleição de candidatos evangélicos é uma estratégia de ocupação de instituições "totalmente controladas" pelo demônio a fim de promover a exorcização da política, a "redenção" da sociedade e a vitória sobre o mal.

> Por conseguinte, na guerra contra o diabo, os crentes devem votar em "homens de Deus", capazes de enfrentar "os espíritos malignos" e, desse modo, purificar a política. O voto, além de exercício da cidadania, também adquire uma conotação religiosa, sendo incluído na lógica da batalha espiritual. (DANTAS, 2011. p. 503)

A Bancada Evangélica não possui unidade política e, para Dantas (2011), não se pode afirmar a existência de um "voto evangélico", a não ser diante de pautas consideradas de interesse evangélico. No caso da IURD, a recente concentração de seus parlamentares em uma filiação partidária, acaba por indicar uma coesão maior do grupo, inclusive porque na atual legislatura os componentes da IURD dentro do PRB são maioria do partido (21 de 31 parlamentares).

As questões relacionadas aos costumes, à moral e defesa da família, são as principais pautam que aliam os parlamentares da Bancada a votar em bloco. Ou seja, "A unidade evangélica, portanto, só aparece nos casos de interesse institucional e de discussão moral, comumente relacionada à legalização do aborto e à união civil de homossexuais" (DANTAS, 2011. p. 46). Alguns parlamentares compõem várias Frentes Parlamentares, algumas delas possuem são comumente associadas à FPE pela proximidade de pautas e interesses comuns dentre os destacados acima, seriam elas a Frente Parlamentar em Defesa da Vida e da Família, a Frente Parlamentar Mista da Família e Apoio à Vida e até a Frente Parlamentar Mista Católica Apostólica Romana.

Além da realização de um culto evangélico todas as quartas-feiras no Congresso, a Bancada Evangélica monitora pautas e projetos de lei que contrariem os princípios cristãos no Congresso Nacional. Para tal, busca penetrar em diversas comissões, de modo a impedir a aprovação de tais projetos. Segundo Dantas (2011. p. 61), "Sua estratégia consiste na distribuição dos parlamentares entre as várias comissões, sobretudo naquelas que concentram o maior número de projetos 'anticristãos', visando combatê-los de maneira a barrar sua votação em plenário".

No contexto da Constituinte, os evangélicos se uniram para evitar que os católicos fossem privilegiados em relação "ao calendário, ao uso dos espaços públicos e à legislação que regula a filantropia" (FARIA, 2011. p. 51). Desde então, alguns dos projetos que a Bancada Evangélica tem emplacado e defendido no Congresso estão diretamente associados aos princípios e pautas acima referidos: o estatuto da família (Projeto de Lei 6583/2013), que reconhece a família apenas como núcleo social formado por homem e mulher por meio de

casamento ou união estável; a Medida Provisória 747, de março de 2017, a partir da qual as concessões de rádio e TV passam a ser renovadas de modo automático; o projeto de alteração do Art. 1° da Constituição Federal, incluindo a frase inicial 'Todo poder emana de Deus' em lugar de 'Todo poder emana do povo'; a Lei 12590/12, já aprovada, que altera a Lei Rouanet e reconhece toda manifestação gospel como manifestação cultural, possibilitando recebimento de incentivos públicos; a alteração do novo código civil, que enquadrava organizações religiosas e partidos políticos como associações para fins não econômicos, temendo o maior controle de suas organizações, os evangélicos se mobilizaram e aprovaram a Lei 10825/03, a partir da qual as organizações religiosas e partidos políticos passam a ser pessoas jurídicas de direito privado, sendo reguladas por estatuto próprio, de forma autônoma administrativa e financeiramente; além de medidas para refinanciamento de dívidas e isenção de impostos e taxas aos templos. (DANTAS, 2011; GONÇALVES, 2011; GUTIERREZ, 2017; DIP, 2018)

Dip (2018. p.117) ainda faz referência às "assembleias legislativas e Câmaras Municipais, [nas quais] chama a atenção o número de propostas para concessão de título de utilidade pública às Igrejas - o que as torna aptas a receber verbas públicas". Diversos outros projetos poderiam ser citados a nível federal, como a Lei de Biossegurança, em relação a qual os evangélicos se posicionaram contrariamente à manipulação de embriões humanos; o Estatuto do Nascituro, que criminaliza o aborto e cria empecilhos para o direito constitucional de que as mulheres vítimas de violência realizem aborto, uma vez que confere ao nascituro, direitos e proteção jurídica; ou ainda o Projeto de Lei (PL) 5069/2013, que também criminaliza o aborto e prevê penas a médicos que induzam a gestante ao aborto.

Além destes, há a oposição ao Projeto de Lei que criminaliza a homofobia (PL 122/06), que recentemente foi levado ao STF (Superior Tribunal Federal) para votação, mas ainda não teve definição; e o Programa Escola Sem Partido, que pretende a multiplicação de Projetos de Lei a nível municipal, estadual e federal (Projeto de Lei 867/2015 da Câmara Federal) em 'defesa da neutralidade política, ideológica e religiosa' e proibição da 'doutrinação política e ideológica' em sala de aula.

Para além das votações, outros dois episódios recentes merecem destaque em relação à atuação da Bancada Evangélica. O primeiro foi o *impeachment* da Presidenta Dilma Roussef e o segundo, as últimas eleições presidenciais de 2018.

O processo de *impeachment* da Presidenta Dilma Roussef contou com amplo apoio da Bancada Evangélica do Congresso Nacional. Eduardo Cunha, participante da Bancada

Evangélica, era o então presidente da câmara de deputados e o poder de influência da Bancada crescera na eleição de 2014 em relação à legislatura anterior. No dia 6 de abril de 2016, apenas alguns dias antes da sessão na Câmara de Deputados, em que foi aprovada a admissibilidade do processo de *impeachment* (17 de abril), a FPE lançou nota à nação brasileira[69], se posicionando a favor do *impeachment*. Duarte (2017) analisou os discursos dos parlamentares da sessão referida, demonstrando a força que discursos com referência a Deus e à família tiveram, especialmente entre os parlamentares que votaram pela admissibilidade do *impeachment*. Estas duas categorias, Deus e família, são estruturantes dos discursos e pautas dos parlamentares pentecostais, mas também das práticas que foram analisadas ao longo do trabalho.

O segundo episódio se refere ao envolvimento da FPE nas últimas eleições presidenciais. Às vésperas do segundo turno das eleições presidenciais de 2018, depois das principais igrejas evangélicas do país e da própria FPE já terem manifestado apoio ao candidato Jair Bolsonaro, a FPE lançou o Manifesto à nação: o Brasil para os brasileiros[70]. Ao contrário das pautas que comumente mobilizam a Frente Parlamentar Evangélica, neste momento foi elaborado um documento programático que deixou claro o alinhamento, ou a expectativa de alinhamento, com o governo de Jair Bolsonaro. O documento inicia com críticas ao "monopólio da representação exercido pelos partidos políticos" (FPE, 2018. p.1), que teria privatizado o espaço público, uma vez que "o povo não vota em quem quer, mas sim em quem os partidos permitem" (FPE, 2018. p.1). E então explicam que:

> para além da pauta tradicionalmente por nós defendida, - de preservação dos valores cristãos e de defesa da família-, compreendemos que é chegada a hora de darmos uma contribuição maior à sociedade, a qual seja consentânea aos mais de 45 milhões de eleitores brasileiros que professam a fé evangélica. Nesse sentido, cerca de 180 parlamentares federais que comungam dessa visão de mundo foram eleitos no último pleito, o que por si só demonstra a importância deste documento programático, o qual servirá de base de atuação da Frente Parlamentear Evangélica na próxima legislatura. (FPE, 2018. p.1/2)

Desta forma, o documento deixa claro que a FPE pretende, na atual legislatura, defender pautas mais amplas do que as até então discutidas e afirma que é uma agenda

[69] Notícia: Bancada evangélica declara apoio ao *impeachment* de Dilma. https://congressoemfoco.uol.com.br/especial/noticias/bancada-evangelica-declara-apoio-ao-impeachment-de-dilma/ (Acesso em 06/04/2016)

[70] Manifesto da FPE disponível em: https://static.poder360.com.br/2018/10/Manifesto-a-Nacao-frente-evangelica-outubro2018.pdf (Acesso em 28/10/2018)

mínima, que embora não remeta aos valores cristãos, deve ser adequada aos mais de 45 milhões de eleitores brasileiros que professam a fé evangélica.

O documento é apresentado como o plano “O Brasil para os brasileiros”, que seria um planejamento estratégico para o país, fundado sobre os eixos: Modernização do Estado; Segurança Jurídica; Segurança Fiscal; e Revolução na Educação. O que norteia os quatro eixos é a lógica do enxugamento e desburocratização do Estado e os valores morais e cristãos são levados em conta apenas no último eixo a “Revolução na Educação”.

Neste, defende-se, além da meritocracia, a escola sem ideologia. Há muitos projetos de lei do programa escola sem partido já em tramitação e neste trecho do documento é feita a seguinte consideração: “Libertar a educação pública do autoritarismo da ideologia de gênero, da ideologia da pornografia, e devolver às famílias o direito da educação sexual das suas crianças e adolescentes. Defender o direito à inocência da criança como direito humano universal” (FPE, 2018. p. 54). A educação apresenta-se como a via para a construção, a médio e longo prazo, de uma nova sociedade, a partir dos valores cristãos de família ora discutidos. E como não poderia passar, a introdução do documento se encerra com a saudação: “Viva o povo brasileiro! Que Deus abençoe o Brasil! Feliz a nação cujo Deus é o Senhor” (FPE, 2018. p. 2).

Este quadro geral trabalhado no capítulo traz à tona um ponto fundamental ao debate, mas que será aqui apenas pontuado: a laicidade do Estado. Gramsci refere-se com exatidão, embora em outro contexto histórico, ao Estado-Igreja, que seria esta configuração da Igreja como parte da sociedade política, já comumente monopolizada por grupos privilegiados, e aos conflitos que se estabelecem com a sociedade civil:

> […] a própria Igreja pode-se tornar Estado e o conflito pode se manifestar entre a sociedade civil laica e laicizante e Estado-Igreja (quando a Igreja se torna uma parte integrante do Estado, da sociedade política monopolizada por um determinado grupo privilegiado, que incorpora a Igreja para melhor defender seu monopólio com o apoio daquela área de sociedade civil representada pela Igreja). (GRAMSCI [in: Coutinho, 2011. p. 292-293])

O princípio liberal do Estado laico tem sido defendido não apenas por opositores da Bancada Evangélica, mas pela própria Bancada, a partir de um argumento de que *o Estado é laico e não ateu*, argumento este seguido da defesa irrestrita à liberdade de expressão. Este

quadro geral apresentado revela a fragilidade não apenas da democracia, mas da própria noção de espaço público, especialmente pela apropriação privada de diversas pautas, dentre as quais o princípio liberal do Estado laico, comumente citado para criticar a associação da religião com a política. A respeito dos limites da consolidação da democracia, Bobbio refere-se aos espaços de participação democrática como fundamentais, assim como a existência de *blocos no poder* (as oligarquias) aparecem como um limitador do processo de democratização:

> […] quando se quer saber se houve um desenvolvimento da democracia num dado país o certo é procurar perceber se aumentou não o número dos que têm o direito de participar nas decisões que lhes dizem respeito, mas os espaços nos quais podem exercer este direito. Até que os dois grandes blocos de poder situados nas instâncias superiores das sociedades avançadas não sejam dissolvidos pelo processo de democratização — deixando-se de lado a questão de saber se isto é não só possível mas sobretudo desejável —, o processo de democratização não pode ser dado por concluído. (BOBBIO, 2000 p.27)

É interessante perceber que apesar do alcance das classes populares, ocupar o espaço da institucionalidade política é tarefa para as estruturas de poder da igreja, cabendo às classes populares o poder do voto democrático. No caso da IURD, um poder altamente centralizado. Na Bancada Evangélica do Congresso Nacional, a identidade é constituída pela religião e não explicitamente ou diretamente pelas configurações de frações das classes sociais, como no caso das Bancadas Ruralista ou da Bala, representadas por grandes proprietários de terra e empresários, explicitamente por frações da classe dominante.

Embora indique apenas diferenciação de renda e não de classes sociais, é interessante observar o perfil dos representantes da Bancada Evangélica a partir da ideia de que, embora a religião neopentecostal seja a que possua a menor média de renda familiar entre as religiões, a Bancada indica um perfil de renda bem mais alto do que a média de seus fiéis, mesmo antes de eleitos os parlamentares, afinal, os representantes políticos evangélicos são, em sua maioria, pastores e/ou empresários. Neste sentido, o perfil dos parlamentares talvez nos levasse a perceber a democracia na perspectiva que Vita, embora não coadune com esta concepção, descreve a seguir:

> […] método competitivo de seleção de elites políticas (e as instituições necessárias para o funcionamento deste método). E é na natureza competitiva do regime democrático que encontramos sua razão de ser

> normativa: líderes políticos auto-interessados se veem obrigados, em virtude da disputa competitiva do voto popular, a levar em conta as preferências e os interesses de não-líderes, sob pena de não se elegerem ou não se reelegerem. (VITA, 2000. pg. 5)

Costura-se, assim, um movimento cíclico: a religião se materializa no apoio à prosperidade, que só ocorre com a capacidade de prover (via formação, apoio e trabalho aos desempregados, presidiários, população em situação de rua etc.). Com o acesso a agências públicas, e tratamos especialmente do parlamento nacional, isto se potencializa, uma vez que este espaço não só é capaz de amplificar e colocar na pauta nacional o discurso religioso evangélico, como também representa um espaço chave de negociação/acertos políticos, que tanto amplia a presença nos espaços de poder, como negocia verbas e ações. Mas para ter acesso às agências é preciso dar votos e/ou ter poder de veto (quando já parlamentar). Ocupando o espaço da política é possível tratar de assuntos a partir da perspectiva religiosa (como o aborto, casamento gay, escola sem partido como exemplos), e, principalmente, chegar a locais ainda não ocupados, com a missão de levar a prosperidade e fortalecendo a via de acesso à religião.

Talvez por ser um difusor de uma ideologia afinada com interesses da classe dominante da nossa sociedade, a burguesia, revestido de valores religiosos ou morais, o neopentecostalismo mostra-se capaz de dialogar e alcançar diferentes classes sociais. Assim, se a direção ideológica depende da capacidade de se levar em conta interesses de classes subalternas no âmbito da sociedade civil visando a construção do consenso (PORTELLI, 1987), suas ações têm sido bem sucedidas conforme os dados aqui analisados. Enquanto classe fundamental a nível econômico, de estrutura, portanto, a burguesia sustenta-se a partir de um bloco intelectual na superestrutura, onde uma diversidade de grupos auxiliares configura-se como a base social da direção ideológica e hegemônica de classe.

Revela-se, assim, um movimento dialético e que se retroalimenta, no qual a associação neopentecostal com os espaços de poder político é também viabilizada pela capacidade de espraiamento desta religião nas camadas populares – consolidada na força do voto eleitoral e, assim, a construção de um eleitorado neopentecostal mostra-se intimamente ligada às práticas das Igrejas. Ao mesmo tempo em que o discurso da evangelização move a prática neopentecostal, a organização empresarial das igrejas neopentecostais apoiada pela teologia da prosperidade, cria uma estrutura poderosa. É justo neste apoio à prosperidade, mantendo o

discurso e a prática evangelizadoras que a religião se materializa, o que só ocorre com a capacidade de prover das Igrejas: via formação, apoio e trabalho aos desempregados, presidiários, população em situação de rua e tantas práticas sociais já apresentadas, na difusão da palavra do evangelho nos grandes meio de comunicação, que também enriquecem as estruturas das Igrejas, e no acesso ao sistema de representação política do Estado, onde é possível tratar de assuntos a partir da perspectiva religiosa (aborto, casamento gay, escola sem partido como exemplo), essa diversidade de frentes e ações permite, principalmente, chegar a locais ainda não ocupados, levando a teologia da prosperidade e fortalecendo a via de acesso à religião e às redes políticas deste ambicioso "plano de poder".

Observa-se a importante posição do poder legislativo no que diz respeito à ocupação do governo e possibilidade de renovação política. A ação neopentecostal no sistema político brasileiro e, mais especificamente, no Congresso Nacional, não é um fim em si mesma, no sentido de que não apenas elege parlamentares evangélicos. Ela extrapola os limites desta instituição, pois enquanto espaço de articulação e elaboração de políticas, o Congresso Nacional possui um poderoso simbolismo de representação, que alimenta as estruturas de poder das igrejas neopentecostais. Diante da atualidade da temática e da complexidade de redes de articulação entre diferentes igrejas no espaço político, assim como nas diferentes ações e práticas políticas e de evangelização destas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O pentecostalismo é um fenômeno religioso recente no mundo e mais ainda o neopentecostalismo, que chega ao Brasil apenas na década de 1970. A velocidade com que tem se dado a expansão neopentecostal através do aumento do número de fiéis, da multiplicação e fortalecimento de denominações e da capacidade de territorialização destas, tem chamado a atenção de pesquisadores de diferentes áreas.

O Brasil possui históricos donos do poder, como tratou Raimundo Faoro em 1958, que são os representantes da institucionalidade jurídico-política e também econômica do país. Vivemos um momento no qual a avassaladora expansão neopentecostal se consolida nos diversos espaços da institucionalidade da sociedade civil e política, assim como influencia a consciência social que está sendo formada. Neste contexto, tais igrejas apresentam-se como agentes históricos, aparentemente novos, que fazem frente ou somam-se aos donos do poder.

A multiplicação de denominações pentecostais nas últimas décadas, reforça a necessidade de não homogeneizações e permanente reconhecimento da diversidade do campo evangélico. Vivemos em um tempo de fragmentação e multiplicação de identidades, dentre as quais as denominações evangélicas se incluem. Da mesma forma, é fundamental compreendermos o que há de *comum* quando nos referimos aos evangélicos neopentecostais. Sant'Ana (2014) afirma a existência de uma heterogeneidade no termo 'evangélicos', mas questiona a permanência desta referência geral aos 'evangélicos', "Ou seja, em que medida é possível identificar elementos comuns entre os setores que vêm assumindo o papel de "evangélicos" no debate público nacional, seja por autoidentificação seja por classificação de outros?" (SANT'ANA, 2014, p. 211).

Além do termo evangélicos, ao qual Sant'Ana (2014) refere-se, vemos que a noção de *cristãos* é a que tem sido mais amplamente difundida nos discursos midiáticos, políticos e religiosos das denominações pentecostais. Assim, ao mesmo tempo em que as próprias igrejas afirmam suas diferenças entre si, ao revelarem suas dissidências, reivindicam também um termo genérico *cristãos*, como representativo de uma identidade geral, mas que não inclui os cristãos católicos, como vimos. Ao contrário, revela-se como um contraponto a eles, tanto a uma histórica supremacia religiosa, quanto a seu enraizamento no Estado brasileiro.

Um dos esforços da IURD nesta disputa religiosa, política e econômica com os católicos é o questionamento quanto ao real caráter laico do Estado brasileiro. Tendo em vista que a Igreja Católica foi um braço de fundação do Estado, a Universal questiona a ineficiência do processo de secularização no país, historicamente dominado e influenciado pelos católicos, e desta maneira diferencia seu próprio processo de entrada no Estado e de fortalecimento econômico, ao se posicionarem como vítimas da dominância católica na sociedade.

Ainda que acelerada, a expansão neopentecostal deve ser entendida como processo. O crescimento no número de fiéis pentecostais no último censo demográfico (2010) não se refletiu no aumento de fiéis da Igreja Universal do Reino de Deus, denominação que vinha apresentando maiores taxas de crescimento nos censos anteriores (1991 e 2000). E embora os pentecostais correspondam a cerca de 20% da população brasileira, os fiéis da IURD correspondem a cerca de 1% da população apenas. Apesar da diminuição de fiéis em números absolutos e da pequena representação na população nacional, observou-se a potência das múltiplas dimensões de poder da IURD através da análise dos eixos de ação ao longo da dissertação.

A Igreja Universal do Reino de Deus é a principal representante do neopentecostalismo e, mesmo não sendo a Igreja com maior número de adeptos, seu poder de influência na sociedade e sobre outras denominações pentecostais, é enorme. Inclusive no que diz respeito às práticas de fortalecimento do aparato midiático e empresarial que construiu e que outras Igrejas passaram a buscar. A incorporação do mundanismo, do deslocamento de uma imagem de religião sectária, casada à consolidação da Igreja Universal enquanto um conglomerado empresarial, principalmente no campo midiático, reproduz determinada consciência e ideologia, já que se revela parte da classe dominante.

O "plano de poder" da IURD mostra-se fundamental para a análise do fenômeno da expansão pentecostal porque evidencia a multiplicidade de escalas que a compõe e a existência de articulação entre tais escalas. E, mais do que isso, as práticas socioespaciais que observamos e classificamos nos eixos de ação são reveladoras de uma racionalidade de ação. Segundo Faria, o que ocorre é “uma crescente retroalimentação entre a política, a mídia e o empreendimento comercial – evidenciando a articulação das estratégias - cujo princípio-motor é o agenciamento e a adesão de novas pessoas” (FARIA, 2009, p. 115).

O que se apesenta é, fundamentalmente, a relação entre partes: o templo impulsiona candidatos eleitorais, a mídia leva a população aos templos, a rua leva adiante valores e estabelece vínculos com a Igreja, quando falamos da sociedade civil; e, quando falamos da sociedade política, a formulação de leis, concessão, execução de projetos afins, que contribuem à territorialização da Igreja. Assim, para ocupar o Estado, são necessários novos adeptos à religião, eleitores. Para novos adeptos, os templos são imprescindíveis. Para difundir a palavra, a mídia. Para ambos, templos e mídia, a presença no Estado é necessária – pois viabiliza concessões, aprova leis relacionadas. Para difundir valores e ocupar outras instituições, a rua.

Não são todos os sujeitos que executam tal *plano* em suas múltiplas escalas que possuem consciência e articulam as estratégias territoriais apresentadas. Além disso, a capacidade de influenciar não é a mesma em cada linha e fluxo da rede de poder iurdiana, assim como a direção do fluxo das ações corresponde a ações distintas, o que significa dizer que o poder de influência e alcance de uma prática socioespacial como a criação de leis e defesa de pautas pela Bancada Evangélica, ou a veiculação de jornais evangélicos, não é a mesma das práticas de evangelização em praças públicas de grandes centros urbanos, por exemplo. Todas elas, de forma articulada, compõem uma rede política territorial, que pode ser entendida como o "plano de poder" em exercício.

A leitura fragmentária dos elementos do plano trata seus difusores, por vezes, como fundamentalistas religiosos. Denunciar hipocrisia e oportunismo de pastores e deputados neopentecostais, ou denunciar a hipocrisia de seus fiéis não parece dar conta da complexidade que permeia a racionalidade do "plano de poder". Seja porque determinados posicionamentos da Igreja Universal diante de assuntos polêmicos como o aborto é por vezes mais liberal do que outras tantas denominações pentecostais, seja porque não compreendem suas bases ideológicas que entendem o mundo como campo de batalha, promovem a positividade, a recusa do fracasso e a prosperidade como parte de uma construção da ideologia da classe dominante.

A Teologia da Prosperidade e a Teologia do Domínio são o prumo ideológico que orienta a disputa por hegemonia a que nos referimos. O que significa dizer que à medida que se expande territorialmente, difunde-se também a ideologia. Enquanto a Teologia da Prosperidade prevê um individualismo baseado nas ideias de 'faça você mesmo' e de que 'suas

conquistas dependem unicamente do seu esforço' justificados pela redenção divina, em que os fiéis devem usufruir ainda na terra dos bens que Deus reservou aos seus filhos, a Teologia do Domínio prevê uma batalha espiritual constante dos cristãos contra o diabo, reforçando o maniqueísmo no qual os crentes serão abençoados e incluídos no projeto de nação, enquanto os que não creem, serão amaldiçoados.

A constituição do "plano de poder" é um permanente movimento de disputa por espaços, expressão da disputa por hegemonia, que se dá de forma racional e intencional, a partir de ações coordenadas. O livro “Plano de poder” sinaliza a necessidade de calcular as consequências das ações, a fim de evitar retrocessos nas disputas por espaços. A partir daí desenvolve-se uma estratégia de territorialização, uma vez que a expansão da Igreja se faz pela expansão territorial com ampliação do número de templos e capilarização no território; diversificação de mídias e ampliação do alcance do fluxo de informações; diversificação de ações setoriais e temáticas, como observado no eixo Rua; e ocupação de espaços no Estado, especialmente através dos poderes legislativo e executivo.

A ocupação do Estado, que tem um território consolidado, uma capilaridade de ação em vários níveis e legitimidade do uso da força, ocorre aqui com o intuito de elevar a nação de Deus pelos convertidos. A ocupação é um territorializar-se através do Estado e suas estruturas. E, ao expandir-se dentro do aparelho do Estado e territorialmente, tem o potencial de reconfiguração e ressignificação do Estado. Assim, busca-se tomar o poder para difundir a palavra e fortalecer a ação, e ao difundir a palavra e fortalecer a ação reforça sua posição na disputa pela hegemonia. Portanto, a expansão neopentecostal não deve ser vista como um fenômeno meramente religioso.

O crescimento pentecostal e a visível entrada no Estado, algumas das razões que me motivaram a pesquisar o tema, ganharam novas formas e dinamismo a partir do golpe parlamentar, jurídico e midiático, que retirou a presidenta Dilma Roussef do governo em 2016. Até então afirmávamos a gradual ocupação do Estado como local de ação religiosa e o perigo do Brasil transformar-se num Estado religioso, mas estes últimos dois anos foram profundamente dinâmicos na execução do "plano de poder" ao qual Macedo e Oliveira (2008) referem-se.

Em 2016, a Bancada Evangélica do Congresso Nacional votou em peso a favor do *impeachment* de Dilma e o discurso no plenário, comum a quase todos os deputados da FPE,

foi em defesa de Deus e da família. Também em 2016, Marcelo Crivella, sobrinho de Edir Macedo, bispo da IURD e senador, foi eleito prefeito do Rio de Janeiro pelo PRB. Desde então, tem sido acusado de usar a máquina administrativa em benefício da Igreja Universal, além de restringir ações de cultos de religiões afro-brasileiros e outras festividades populares.

Mais recentemente, nas eleições presidenciais de 2018, tivemos a evidência do que discutimos ao longo da dissertação. Logo após a declaração de apoio de Edir Macedo ao candidato Jair Bolsonaro, do PSL, a menos de uma semana das eleições, a conjuntura mudou rapidamente e o candidato quase foi eleito no primeiro turno. Após a declaração de apoio, a Rede Record abriu espaço na programação para uma entrevista exclusiva com Bolsonaro, que não aceitou participar de nenhum debate durante a campanha. Somado a isso, a decisão da IURD, tomada de forma centralizada, se espalhou pelos cultos e templos Brasil afora, além da força ainda não mensurada das redes sociais nesta campanha eleitoral. A capacidade de rápida intervenção no processo político eleitoral de forma centralizada é resultado de um trabalho que não se limita a este momento. Além disso, a poucos dias do segundo turno, a Frente Parlamentar Evangélica, que já havia declarado apoio ao candidato, lançou o Manifesto à Nação Brasileira, um documento programático que deixa clara a expectativa dos evangélicos, assim como a força dos mesmos na composição do atual governo.

A atual conjuntura traz muitos elementos das discussões feitas ao longo da dissertação, e, ao reforçar ideias apresentadas anteriormente, poderia inclusive ser analisada como uma síntese das estratégias apresentadas. Ao mesmo tempo, abrem-se novas questões para serem analisadas com mais profundidade daqui em diante, reforçando o dinamismo e atualidade do objeto.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Ronaldo. *A universalização do Reino de Deus.* Dissertação. UNICAMP - Mestrado em Antropologia. Campinas, 1996.

ALMEIDA, Ronaldo. *A expansão pentecostal: circulação e flexibilidade* in: MENEZES, Renata, TEIXEIRA, Faustino. As religiões no Brasil: contiguidades e rupturas. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011. 2ed

ALMEIDA, Ronaldo. *Trânsito religioso no Brasil*. São Paulo em Perspectiva, vol.15, número 3. São Paulo, jul/set 2001.

ALMEIDA, ronaldo. *Os pentecostais serão maioria no Brasil?* REVER – Revista de Estudos da Religião. PUC-SP. Dez/2008. pp. 48-58

ALVES, José E., BARROS, Luiz Felipe W., CAVENAGHI, Suzana. *A dinâmica das filiações religiosas no Brasil entre 2000 e 2010: diversificação e processo de mudança de hegemonia.* Revista REVER, PUC-SP, ano 12, n 2, 2012.

ARAUJO, Bruno Gomes de. *Fé e ordenamento social do território: estratégias de controle da Igreja Universal do Reino de Deus.* Revista Meridionalis – UFPel, vol 1, n. 2. Jul-dez/2015. p. 222-247.

ARAUJO, Bruno Gomes de. *A expansão regional das redes de poder da Igreja Universal do Reino de Deus no Brasil*. Tese (doutorado) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Programa de Pós-graduação em Geografia. Natal, RN, 2018.

ARAÚJO, Isael de. *Dicionário do movimento pentecostal*. CPAD, Rio de Janeiro, 2015

BANDINI, Claudirene. *Um estudo de práticas femininas no interior de igrejas pentecostais.* Tese. UFSCar – Programa de Pós-Graduação em Sociologia. São Carlos, 2008.

BAPTISTA, Saulo de Tarso Cerqueira. *Cultura política brasileira, práticas pentecostais e neopentecostais: a presença da Assembleia de Deus e da Igreja Universal do Reino de Deus no Congresso Nacional (1999-2006). São Bernardo do Campo, 2007.*

BARRETO, Lima. *Clara dos Anjos.* Rio de Janeiro, Fundação Biblioteca Nacional, original 1922. http://objdigital.bn.br/Acervo_Digital/livros_eletronicos/claradosanjos.pdf

BARROS, Angelica e ROBERTO, Claudio. *Evangélicos de raiz.* Revista de História da Biblioteca Nacional. Ano 8, número 87. Rio de Janeiro, dezembro/2012.

BENJAMIN, Walter. *Capitalismo como religião*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2013. f. 21.

BOBBIO, Norberto. *O futuro da democracia.* Paz e Terra, SP, 2000. Cap. 1 e 2.

BONFIM, Adailson José Rosendo. *Um "alarido" neopentecostal: transversalidade e ressignificação na Igreja Universal do Reino de Deus.* Dissertação. UFS - Programa de Pós-Graduação em Sociologia. São Critovão/SE, 2008.

BOURDIEU, Pierre. *Razões Práticas*: Sobre a Teoria da Ação. Campinas: Papirus editora, 1996.

BORGES, Tiago Daher P. *Representação Partidária e a Presença dos Evangélicos na Política Brasileira.* Dissertação do Programa de Pós-Graduação do Departamento de Ciência Política da USP, São Paulo, 2007.

BRAGA, Danilo Fiani. *Pentecostalismo e Política: uma geografia eleitoral dos políticos ligados à Igreja Universal do Reino de Deus no município do Rio de Janeiro – 2000 a 2006.* Dissertação de Mestrado do PPGG da UFRJ. Rio de Janeiro, 2008.

CAMARA, Clara. Quando religião, mídia e política se confundem: as estratégias políticas e midiáticas do PRB, da Record e da Igreja Universal do Reino de Deus. *Anais do 40 Encontro Anual da ANPOCS*, st 17 Mídia, Política e Eleições. Outubro de 2016.

CAMPOS, Leonildo. A Igreja Universal do Reino de Deus, um empreendimento religioso atual e seus modos de expansão (Brasil, Europa e África). In: Institut d'Etudes Politiques de Bordeaux. (org.). *Lusotopie – Dynamiques religieuses en lusophonie*. Bordeaux, 1999, p. 355-368.

CAMPOS, Leonildo. Evangélicos e Mídia no Brasil – Uma História de Acertos e Desacertos. *REVER - Revista de Estudos da Religião*, pp. 1-26, setembro de 2008

CAMPOS, Leonildo Silva. As origens norte-americanas do pentecostalismo brasileiro: observações sobre uma relação ainda pouco avaliada. *REVISTA USP*, São Paulo, n.67, p. 100-115, setembro/novembro 2005

CAMPOS, Leonildo. Os Mapas, Atores e Números da Diversidade Religiosa Cristã Brasileira: Católicos e Evangélicos entre 1940 e 2007. *Revista de Estudos da Religião – REVER*, 2008 (p. 9-47).

CARVALHO, Caê Garcia. *Entre práticas e representações o bairro do engenho velho da federação segundo candomblecistas (do terreiro do cobre) e evangélicos (da igreja universal).* Dissertação de Mestrado do POSGEO da UFBA. Salvador, 2016

Censo Demográfico 2010: Características gerais da população, religião e pessoas com deficiência. IBGE, Rio de Janeiro, p.1-215, 2010.

CORREA, Roberto. "Territorialidade e corporação: um exemplo" in: SANTOS,M. et alli (orgs) *Território, globalização e fragmentação*. São Paulo: Hucitec, 1996.

COSTA, Flavia. *Recebi um rhema de Deus: uma análise das interpretações e do uso da bíblia no universo neopentecostal.* Dissertação. PUC-MG – Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião. Belo Horizonte, 2010.

COUTINHO, Carlos Nelson [org.]. *O leitor de Gramsci Escritos escolhidos: 1916-1935.* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

CRIVELLA, Marcelo. *Evangelizando a África.* Rio de Janeiro: Editora Universal, 2002.

CUNHA, Magali do Nascimento. "Vinho novo em odres velhos": Um olhar comunicacional sobre a explosão gospel no cenário religioso evangélico no Brasil. Tese. Ciências da Comunicação. Universidade de São Paulo - USP. São Paulo: 2004.

CUNHA, Magali. Religião e política: ressonâncias do neoconservadorismo evangélico nas mídias brasileiras. *Revista Perseu*, No 11, Ano 7, 2016

DANTAS, Bruna Suruagy do A. *Religião e Política: ideologia e ação da "Bancada Evangélica" na Câmara Federal*. Tese de Doutorado em Psicologia Social pela PUC-SP. São Paulo, 2011.

DE ARAÚJO, Gilvan Ferreira; SANTANA, Paulo Henrique Basílio. A telenovela como dispositivo de encantamento religioso. Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais, v. 1, n. 2, jul. 2018. Acesso em 21 de março de 2019.

Departamento Intersindical de Assessoria Parlamentar - DIAP. *Radiografia do Novo Congresso: Legislatura 2015-2019*. Brasília, 2014. 164 p.

Departamento Intersindical de Assessoria Parlamentar. *Boletim do DIAP*. Ano XXVI - Nº 316 Novembro/Dezembro de 2018.

Departamento Intersindical de Assessoria Parlamentar – DIAP. *Série Estudos Políticos.* ANO II, Brasília, outubro de 2002.

Departamento Intersindical de Assessoria Parlamentar – DIAP. *Série Estudos Políticos.* ANO IV, Brasília, novembro de 2006.

Departamento Intersindical de Assessoria Parlamentar - DIAP. *Série Estudos Políticos.* ANO V, Brasília, dezembro de 2010.

DIP, Andrea. Afinal o que os evangélicos querem da política? *Site Publica – agência de reportagem e jornalismo investigativo*, 19/10/2015. http://apublica.org/2015/10/afinal-o-que-os-evangelicos-querem-da-politica/ (Acesso em: 20/10/2016)

DIP, Andrea. *Em nome de quem? A bancada evangélica e seu projeto de poder*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

DUARTE, Luis Fernando. Valores cívicos e morais em jogo na Câmara de Deputados: a votação sobre o pedido de impeachment da Presidente da República. *Religião e Sociedade, 37 (1).* Rio de Janeiro, 2017. p. 145-166

FAORO, Raymundo. *Os donos do poder – formação do patronato político brasileiro.* Rio de Janeiro: Ed. Biblioteca Azul, 2012.

FARIA, Marcus Vinicius Castro. *Os territórios do Reino de Deus: uma interpretação da projeção da Igreja Universal*. Dissertação de Mestrado em Geografia, UFF, Niterói, 2011.

FERNANDES, Rubeneide Oliveira Lima. *Movimento Pentecostal, Assembléia de Deus e o Estabelecimento da Educação Formal.* Dissertação. UNIMEP – Programa de Pós-Graduação em Educação. Piracicaba/SP, 2006.

FRESTON, Paul. *Protestantes e política no Brasil: da constituinte ao impeachment.* Doutorado em Ciências Sociais, UNICAMP: 1993.

GIL FILHO, Sylvio Fausto. *Espaço sagrado: estudo em geografia da religião*. Curitiba: IBPEX, 2008.

GONÇALVES, Marcio Antonio. *Modos de Subjetivação e demandas de cura nas Igrejas Neopentecostais: a ética do sexo, poder e dinheiro.* Dissertação. UFB - Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Uberlândia: 2009.

GONÇALVES, Rafael Bruno. *"Bancada evangélica?": uma análise do discurso parlamentar evangélico durante a 52a Legislatura da Câmara Federal*. Dissertação de Mestrado da Pós-Graduação de Ciências Sociais da UFP. Pelotas, 2011.

GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do Cárcere.* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000. Vol. V.

GRAMSCI, Antonio. *Maquiavel, a política e o Estado Moderno.* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

GREGORY, Valdir. Imigração alemã: formação de uma comunidade teuto-brasileira. *in: Brasil: 500 anos de povoamento* / IBGE, Centro de Documentação e Disseminação de Informações. - Rio de Janeiro : IBGE, 2007. 232 p.

GRINBERG, Keila. Nova língua interior: os judeus no Brasil in: *Brasil: 500 anos de povoamento* / IBGE, Centro de Documentação e Disseminação de Informações. - Rio de Janeiro: IBGE, 2007. 232 p.

GUTIERREZ, Carlos. A Igreja Universal e o Partido Republicano Brasileiro: conflitos em torno do secularismo. – Texto enviado para a 29 *RBA (Reunião Brasileira de Antropologia)*, 2014.

GUTIERREZ, Carlos. *A reflexividade evangélica a partir da produção crítica e construção de projetos de vida na Igreja Universal do Reino de Deus.* Tese. UNICAMP – Instituto de Filosofia e Ciência Humanas. Campinas, 2017.

HAESBAERT, Rogério. *O mito da desterritorialização: do 'fim dos territórios à multiterritorialidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

HARVEY, David. *O neoliberalismo: história e implicações.* São Paulo: Edições Loyola Editorial, 2008.

HARVEY, David. *A condição pós-moderna.* 25 edição. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

JACOB, Cesar Romero. [et aL]. *Atlas da filiação religiosa e indicadores sociais no Brasil.* São Paulo: Ed. Loyola, 2003.

KRAMER, Eric K. A expansão da Igreja Universal do Reino de Deus nos Estados Unidos. *Revista Civitas*, Porto Alegre, v. 3, no 1, jun. 2003

LACOSTE, Yves. *A Geografia, isso servem em primeiro lugar para fazer a guerra.* 14 ed. Campinas: Papirus, 2008.

LEITE, Monique Sá. *Força Jovem: Estratégias para a juventude da IURD.* Dissertação. Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Mestrado em Memória Social. Rio de Janeiro, 2016.

LIMA, Venicio A. *Comunicação no Brasil: novos e velhos atores.* In: LIMA, Venicio A. Mídia, teoria e política. São Paulo: Editora Perseu Abramo, 2001.

LUIZ, Ronaldo Robson. A religiosidade dos sem religião. *Revista Ciências Sociais e Religião*, ano 15, número 19. Porto Alegre, jul/dez 2013. p. 73-88

MCALISTER, Robert. *Mãe de santo*. Rio de Janeiro: Carisma, 1986.

MACEDO, Edir. *M*inha *biografia – Nada a perder.* Vol. 3. São Paulo, Ed. Planeta, 2014.

MACEDO, Edir e OLIVEIRA, Carlos. *Plano de Poder – Deus, os cristãos e a política*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2008.

MACEDO, Edir. *Orixás, caboclos e guias – deuses ou demônios.* Rio de Janeiro: Universal Produções, 2001. 15 ed.

MACHADO, Maria das Dores Campos. *Igreja Universal: uma organização providência.* In: ORO, Ari Pedro. et al. *Igreja Universal do Reino de Deus: Os Novos Conquistadores da Fé*. São Paulo: Paulinas, 2003.

MAFRA, Clara. *Os evangélicos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001

MAFRA, Clara. O projeto pastoral de Edir Macedo: uma igreja benevolente para indivíduos ambiciosos? *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, volume 27, número 78. 2012

MAFRA, Clara. Números e narrativas. *Debates do NER*, ano 14, n. 24. Porto Alegre, jul./dez. 2013. p. 13-25

MAGDALENO, Fabiano Soares. *Lei e território em democracias político-representativas.* In: CASTRO, Iná Elias de, RODRIGUES, Juliana Nunes, RIBEIRO, Rafael Winter [org]. *Espaços da democracia: para a agenda da geografia política contemporânea*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, Faperj, 2013. p.57-86.

MARIANO, Ricardo. Crescimento Pentecostal no Brasil: fatores internos. *REVER - Revista de Estudos da Religião*, pp. 68-95, dezembro de 2008.

MARIANO, Ricardo. Expansão pentecostal no Brasil: o caso da Igreja Universal. *Revista Estudos Avançados*, n 18. 2004

MARIANO, Ricardo. Mudanças no campo religioso brasileiro no Censo 2010. *Debates do NER*, Porto Alegre, ano 14, n. 24, p. 119-137, jul./dez. 2013.

MARIANO, Ricardo. *Neopentecostais, sociologia do novo pentecostalismo no Brasil.* Rio de Janeiro: Ed. Loyola, 2014 (5ª ed).

MARIANO, Ricardo. Laicidade à brasileira Católicos, pentecostais e laicos em disputa na esfera pública. *Revista Civitas*, v. 11, n. 2, p. 238-258. Porto Alegre, maio-ago. 2011.

MENDONÇA, Sonia Regina. *Estado, Violência Simbólica e Metaforização da Cidadania*. Revista Tempo, Rio de Janeiro, vol. 1, p. 94-125, 1996.

MENESES, Jonatan Silva. Igreja Universal do Reino de Deus (IURD): institucionalização e mudanças de paradigmas. *Revista Lusófona de Ciência das Religiões*, nº20 (2017). p. 423-436

NASCIMENTO, Claudia Cerqueira. *Igreja como partido: Capacidade de coordenação eleitoral da Igreja Universal do Reino de Deus.* Tese. Doutorado em Administração Pública e Governo.FGV, São Paulo, 2017.

O'DONNELL, Guillhermo. Accountability horizontal e novas poliarquias. *Revista Lua Nova*, n. 44, 1998, pp. 27-54.

ORO, Ari. Neopentecostalismo: dinheiro e magia. *Revista de Antropologia*. Ano 3, número 1. Ed UFSC, 2001. p. 205-214

PAEGLE, Eduardo G. M. Uma breve análise historiográfica do protestantismo brasileiro e suas tendências atuais. *Anais do XXIII Simpósio Nacional de História – ANPUH*. Londrina, 2005

PALHARES, Ricardo Henrique. O avanço neoprotestante em Minas Gerais – período: 1991, 2000 e 2010. *Revista Caminhos de Geografia*, v. 17, n. 57. Uberlândia, Mar/2016. p. 135–148

PENHA, Rocha. O Império Midiático da Igreja Universal do Reino de Deus: reflexões e análises das estratégias de comunicação da IURD. *Anais do XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Intercom*. Brasília, 9 de setembro de 2006.

PEREIRA DA COSTA, Luzimar Pereira da[et al]. "É dando que se recebe": estudo dos mecanismos de expansão territorial da Igreja Universal do Reino de Deus em Natal/RN sob a ótica do discurso. *Anais do V Congresso Norte e Nordeste de Pesquisa e Inovação*. IFAL, Maceió, 2010.

PORTELLI, Hugues. *Gramsci e o Bloco Histórico.* São Paulo: Paz e Terra, 1987.

PRANDI, Reginaldo & SOUZA, André Ricardo de. *A carismática despolitização da Igreja Católica.* In: A. F. Pierucci, & R. Prandi. A realidade social das religiões no Brasil. São Paulo: Hucitec, 1996.

PRZEWORSKI; Adam.; CHEIBUB; J. A.; LIMONGI, F. Democracia e Cultura: uma visão não culturalista. *Revista Lua Nova* No 58, 2003.

RAFFESTIN, Claude. *Por uma geografia do poder.* São Paulo: Ed. Ática, 1993.

RECORD TV. *Atlas de cobertura 2018.* 2018.

RODRIGUES, Ana Fabíola. *A graça de Deus em suas mãos: análise dos elementos argumentativos e prosódicos no discurso religioso neopentecostal de R. R. Soares.*

Dissertação. Universidade de Franca - Programa de Pós-Graduação em Linguística. Franca, 2009.

ROSAS, Nina. Religião, mídia e produção fonográfica: o Diante do Trono e as disputas com a Igreja Universal. *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, 33(1): 167-194, 2013.

ROSAS, Nina. O desenvolvimento do pentecostalismo brasileiro: esboços sobre a positividade da experiência religiosa nos dias de hoje. *Anais do XI Simpósio Nacional da Associação Brasileira de História das Religiões*. UFG, Goiânia, maio de 2009.

ROSAS, Nina. "Dominação" evangélica no Brasil: o caso do grupo musical Diante do Trono. *Revista Contemporânea. Dossiê Desafios contemporâneos da sociologia da religião.* v. 5, n. 2 p. 235-258 Jul.–Dez. 2015

ROSENDHAL, Zeny. *Espaço e religião: uma abordagem geográfica.* Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.

ROTHBERG, Danilo. Religião, política e eleições na Folha Universal. *Intexto*. Porto Alegre, UFRGS, n.27, p. 20-37, dez. 2012.

SÁ, Vitor. Caminhos para o "livramento": uma relação entre violência e neopentecostalismo na Baixada Fluminense. *Anais do 39 Encontro Anual da ANPOCS*, 2015.

SACK, David. *Human territorility. It`s theory and history*. Cambridge University, 1986.

SANT'ANA, Rachel. O som da marcha: evangélicos e espaço público na Marcha para Jesus *Revista Religião e sociedade, 34 (2).* Rio de Janeiro, 2014. p. 210-231

SANTOS, Milton. *A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006. 4ª ed.

SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal.* Rio de Janeiro: Record, 2007. 14ª ed.

SANTOS, Suzy dos. Crescei e multiplicai-vos: a explosão religiosa na televisão brasileira. *Intexto*, Porto Alegre: UFRGS, v. 2, n. 11, p. 1-24, julho/dezembro 2004.

SERRA, Antonio Roberto Coelho. *Emprezarização do sagrado: um estudo sobre a estruturação das Igrejas do protestantismo brasileiro.* Dissertação. UFSC – Programa de Pós-Graduação em Administração. Florianópolis: 2005.

SILVA, Luis Eduardo Andrade da. *"Nação dos 318" da IURD: um estudo sobre concepções e práticas mágico-religiosas para a prosperidade financeira*. Dissertação. UFBA - Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. Salvador, 2008.

SILVA, Vagner Gonçalves. Neopentecostalismo e religiões afro-brasileiras: significados do ataque aos símbolos da herança religiosa africana no Brasil contemporâneo. *Revista Mana*, 13. 2007. p. 207-236

SILVA, Rogerio. *Análise psicodinâmica do trabalho de lideres religiosos.* Dissertação. UNB - Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Brasília: 2004.

SOARES, Alexandre. Igrejas eletrônicas, os neopentecostais e a pregação da fé nos tempos do espetáculo religioso. *Cadernos de graduação - Ciências Humanas e Sociais*, Maceió, v. 2, n.3, p. 145-155, Maio 2015.

SOUZA, Alana Sá Leitão. O godllywood e a mulher virtuosa na IURD. *REIA - Revista de Estudos e Investigações Antropológicas*, ano 4, volume 4, 2017.

SOUZA, Marcelo Lopes. *Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial.* Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2016.

STEIL, Carlos Alberto. Pluralismo, modernidade e tradição – transformações do campo religioso. *Revista Ciências Sociais e Religião*, Ano 3, n 3 - UFRGS, Porto Alegre, 2001.

STORTO, Letícia Jovelina e FIGUEIREDO, Marcelo da Silva. Templo de Salomão: arquitetura, argumentatividade e midiatização. *Anuário Unesco/Metodista de Comunicação Regional*, Ano 19 n.19, p. 259-273 jan/dez. 2015

TADVALD, Marcelo. A reinvenção do conservadorismo: os evangélicos e as eleições federais de 2014. *Debates do NER*, Porto Alegre, ano 16, n. 27, p. 259-288, jan./jun. 2015.

TADVALD, Marcelo. Demonização da política ou a política demonizada? Os evangélicos e as eleições federais de 2006. *Debates NER*, Porto Alegre, ano 7, n 10, p. 79-88, jul/dez 2006.

WEBER, Max. *A ética protestante e o espírito do capitalismo.* São Paulo: Martin Claret, 2001

VITA, Álvaro de. Democracia e Justiça. *Revista Lua Nova*, n. 50, 2000.

Endereços eletrônicos acessados:

http://www.portaligrejaquadrangular.com.br/portal/quadrangular-historia.asp

https://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc2309200702.htm.

https://www.brasildefato.com.br/2017/12/12/as-intencoes-da-novela-apocalipse/

https://www.youtube.com/watch?v=Sfc6CBJNILM

https://sidra.ibge.gov.br/home/pimpfbr/brasil

http://www.diap.org.br/index.php/novo-congresso

https://www.camara.leg.br/internet/deputado/Frente_Parlamentar/53658-integra.pdf

https://blog.univervideo.com/2016/11/29/o-univer-video-evoluiu/

http://www.godllywood.com/br/

https://sites.universal.org/intellimen/

https://www.universal.org/blog/2018/06/24/a-nobre-missao-da-folha-universal/

https://www.universal.org/blog/2018/07/11/voce-ja-conhece-o-trabalho-do-ufp/

https://www.universal.org/blog/2019/03/18/unp-por-que-o-trabalho-nos-presidios/

https://sites.universal.org/universal40anos/artigo/16-universal-nos-presidios-ha-mais-de-3-decadas-levando-o-evangelho-aos-encarcerados

https://www.universal.org/blog/2018/08/08/o-que-e-o-projeto-nova-canaa/

https://www.universal.org/blog/2018/11/09/canaa-esporte-clube-e-o-mais-novo-filiado-a-federacao-baiana-de-futebol/

https://www.universal.org/blog/2018/09/20/curso-preparatorio-para-o-enem-oferece-7-mil-vagas-gratuitas-em-todo-brasil/

https://www.universal.org/noticias/as-pedras-do-templo-de-salomao.

http://www.universal.org/blog/2018/06/24/a-nobre-missao-da-folha-universal/

https://www.universal.org/enderecos/

https://congressoemfoco.uol.com.br/especial/noticias/bancada-evangelica-declara-apoio-ao impeachment-de-dilma/

https://static.poder360.com.br/2018/10/Manifesto-a-Nacao-frente-evangelica-outubro2018.pdf